Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitèira Santos**

ANO 56.º/ 19 062 4$00

QUARTA-FEIRA 26 MAIO 1976

ALMEIDA SANTOS RECONHECE:

"D.L." é uma empresa das mais equilibradas

. «Acontecia que o «Diário de Lisboa» era um dos que se encontravam mais próximos do equilíbrio empresarial...» sublinha o dr. Almeida Santos a dado passo de um extenso comunicado, no qual o titular da Comunicação Social vem justificar o projecto de reestruturação da Imprensa estatizada, por entender que ele não foi «correctamente interpretado».

O documento que se prende, essencialmente, com o problema da fusão de algumas empresas de jornais, estatizadas, começa por recordar a directiva de 27 de Novembro no ano passado do Conselho de Ministros, de «limitação a seis dos oito jornais estatizados, com eliminação de um dos matutinos e um dos vespertinos editados em Lisboa e fusão numa só empresa pública, de um dos matutinos e um dos vespertinos subsistentes em Lisboa». Almeida Santos lembra que se tratou de uma resolução do Governo, e não pessoal, e acentua: «e que eu saiba ninguém se insurgiu contra ela».

Tecendo depois pormenorizadas considerações em torno das fusões de empresas e dos protestos que algumas se têm feito eco, o ministro aponta «critérios de complementaridade das instalações dos equipamentos e serviços» para a decisão nas fusões «DN»-«Capital» e «Século»-«DP», e referindo ao nosso jornal considera: «ficava pois também de fora, candidato ao desaparecimento o «Diário de Lisboa». Mas acontecia que era um dos que se encontravam mais próximos do equilíbrio empresarial. Iriamos assim matar o são (só relativamente, entenda-se) e entar recuperar o doente?»

■Ler página 5

PRIMEIRA REFORMA APROVADA EM ESPANHA
Pág. 13

Sousa e Castro contra a Imprensa direitista
(Página 20)

SARA OCIDENTAL LUTA PELA LIBERTAÇÃO
Páginas centrais

CORRIDA PARA BELÉM

Costa Gomes na expectativa Otelo autorizado pela P.J.M.

A quarenta e oito horas do prazo limite para a apresentação das candidaturas no Supremo Tribunal de Justiça seis figuras mantêm-se praticamente como certas na corrida presidencial. Este leque de candidatos foi confirmado esta manhã com a autorização dada a Otelo Saraiva de Carvalho pela Polícia Judiciária Militar para apresentar a sua candidatura. Toda a expectativa reside agora em torno do general Costa Gomes.

Tanto quanto conseguimos apurar, a posição do actual Presidente da República mantinha-se esta manhã inalterável, só avançando caso a sua candidatura assuma o «aspecto de missão». Junto da Comissão Nacional de Apoio, contudo, mantinha-se um certo optimismo quanto à probabilidade de surgir uma decisão favorável de última hora. Como já foi frisado, este aparente atrazo não prejudicará a eventual formalização da sua candidatura, já que o seu processo se encontra ultimado.

Quanto à candidatura do major Otelo Saraiva de Carvalho, foi ao fim da manhã tornado público o seguinte despacho do juiz da Polícia Judiciária Militar: «Atendendo a que o pedido formulado pelo arguido corresponde à necessidade de maior liberdade para se candidatar à Presidência da República e não se vendo qualquer óbice à concessão do que vem requerido, declaro suspensas todas as condições restritivas de liberdade que lhe foram impostas a partir da apresentação pública da sua candidatura às eleições presidenciais». Esta posição da P. J. M. surge na sequência de idêntica assumida pelo E. M. E., libertando, portanto, o major Otelo Saraiva de Carvalho para o avanço da sua candidatura que, como as restantes, fica agora apenas dependente do Supremo Tribunal de Justiça. A entrada do processo do major Otelo do S. T. J. será feita na tarde da próxima sexta-feira, enquanto

Continua na pág. 20

20 PÁGINAS

ANGOLA: CUBA NÃO ADMITE QUE OS E.U.A. EXIJAM PROVAS DA RETIRADA DOS SOLDADOS DE FIDEL

. Osvaldo Dorticos, o presidente cubano, confirmou em Havana que Cuba retiraria 200 soldados por semana de Angola com o acordo do presidente Agostinho Neto — e indicou que não enviaria tropas para a Namíbia ou para a Rodésia. Dorticos afirmou, no entanto, que «os Estados Unidos cometeriam um erro, caso venham a exigir provas da retirada». A esse propósito, disse Osvaldo: «Jamais usamos mentiras como sistema de Governo e ninguém pode afirmar que as nossas declarações alguma vez sejam falsas.» Voltando à Namíbia e à Rodésia, sublinhou o presidente cubano: «Quer os problemas da Namíbia, quer os da Rodésia devem ser solucionados pelos seus próprios movimentos revolucionários.» E com outro sentido: «Não há dúvida de que continuaremos a auxiliar e a apoiar todos os movimentos de libertação. Quanto a isso, nunca mudaremos de atitude. Mas atribuir-nos outros tipos de intervenção está muito longe do que temos em vista.»

. Entretanto, Kissinger, já no Luxemburgo após ter estado em Oslo quando da reunião da N. A. T. O. (ministros dos Negócios Estrangeiros), declarou numa conferência de Imprensa que «o gesto cubano é um acontecimento positivo».

E acrescentou:

. «Nós estamos a proceder à sua verificação.»

. A crer em Kissinger há entre 13 000 e 15 000 soldados cubanos em Angola.

De novo o secretário de Estado norte-americano:

. «Uma retirada parcial não basta. Esperamos que, por semana, abandonassem Angola mais de 200 soldados.»

. Kissinger, no decurso da conferência de Imprensa, acompanhado pelo primeiro-ministro luxemburguês, Gaston Thorn, acentuou que «a total retirada dos militares cubanos constitui condição prévia para melhores relações entre os Estados Unidos e Cuba».

Outras fontes acentuam que os Estados Unidos insistiriam em ter provas de retirada de tropas cubanas num período de quatro semanas sucessivas. Só assim é que Kissinger poderia aceitar que «uma retirada está efectivamente em curso».

Do Luxemburgo, o secretário de Estado dos E. U. A. partiu para Londres. Nesta capital, Kissinger diria que «o incremento da linha dura adoptada pela administração Ford em relação à política africana contribuiu para levar o primeiro-ministro cubano Fidel Castro a

Continua na pág. 20

FOGO NO "METRO"

Após o incêndio, provocado por um curto-circuito, que na tarde de ontem devorou quatro carruagens, é possível que ainda hoje seja restabelecida na totalidade a circulação de comboios do «Metro» de Lisboa. Por altura do fecho desta edição, os responsáveis hesitavam, no entanto, entre restabelecer o tráfego em toda a linha, fornecendo um serviço de menor qualidade (um «Metro» mais lento) ou manter o actual esquema de tráfego, limitado entre as estações do Intendente e os terminais de Sete-Rios e Entrecampos. Entretanto, a reposição do material (quatro carruagens consumidas pelo fogo) custará à empresa entre 40 a 50 mil contos.

Nacional

Política de A a Z

A «DIREITA» NA RUA

Neste comentário quotidiano — no qual só para os analfabetos as letras A e Z sugerem uma sistemática ordenação alfabética — tem-se insistido no avanço da «direita». A confe-e-rência de Imprensa do general Kaúlza de Arriaga pelo texto,o, e, também, pelo contexto, veio confirmar essa observação. Um responsável do período fascista — responsável político e responsável militar — vem falar de unidade anti-totalitária, envolvendo no seu abraço os partidos da «direita» e a «direita» dispersa, atirando o laço com destreza texana, ao Partido Socialista, solidarizando-se, pelo menos tácitamente, com o anti-totalitarismo vimarenense da AOC, certamente prevenido da adesão marxista-leninista-maoista do M. R. P. P. à candidatura que representa uma confluência de votos que ele, Kaulza de Arriaga, não deseja dividir.

A «direita» não se limita a andar na rua. A «direita» considera que é tempo de tornar públicos os seus objectivos, que lhe foi oferecida oportunidade de retomar a iniciativa política. Para já — como é notório — trata-se de retirar o significado político-militar a uma candidatura — a do general Ramalho Eanes. Trata-se de a transformar numa «santa aliança» contraditória de ressentimentos (acaso justificados), de um espírito de desforra (que não poderemos deixar medrar) e de um inconsequente oportunismo sem princípios. Trata-se de deslocar o general Ramalho Eanes da corrente político-militar designada por «grupo dos nove», de convertê-lo em candidato da «maioria presidencial» que o apoia. Porque é óbvio: Ramalho Eanes não pode ser o homem da confiança de Melo Antunes e de Vasco Lourenço e o «eleito» dos amigos de Kaúlza de Arriaga. Não se pode ser o servidor de dois senhores. Ou corre-se o risco — e não se diga que desta feita se tratará de um «risco calculado» — de perder em Belém o que se ganhou no Carmo de perder no segundo semestre de 1976 o que se ganhou em Abril de 1974.

Porque — é a própria evidência — as forças políticas e militares que convergem para um apoio à candidatura do general Ramalho Eanes não aceitarão ser os dóceis e generosos suportes de um Presidente da República que confiará as responsabilidades de Governo — do primeiro Governo constitucional — a uma equipa socialista homogénea e, parlamentarmente, minoritária.

SE A OPORTUNIDADE SURGIR

Os desastres políticos e conspirativos de um general, o afastamento e o cansaço de alguns políicos, o desprestígio dos «activistas», o «banho» de um passeio pela Europa, deram a Kaulza de Ariaga uma oportunidade de reaparecer à luz da ribalta, com um cenário bem montado, beneficiando de uma expectativa habilmente suscitada, enquadrado e protegido. Para nos evitar que nos afundemos no «desastre nacional», para assegurar «um futuro português», sem em nada ter modificado o seu «conceito de dever perante o País e até perante o Ocidente», surge o «salvador», o «messias», o «desejado»: Kaúlza de Arriaga.

E o dedicado colaborador de Santos Costa e de Salazar, vem hoje ensinar aos «Capitães de Abril» e a todos os homens das Forças Armadas que o seu papel «na política se deve efectivamente limitar, e somente enquanto as instituições nacionais o não dispensarem, à garantia de um regime democrático, pluralista e representativo». Assim mesmo. Kaúlza de Arriaga, o colaborador de Salazar, é um democrata pluralista. E não faltam por aí, do Minho ao Algarve, «totalitários» que andaram pelos cárceres da P. I. D. E. / D. G. S., que perderam anos e vida no Tarrafal e em Angra do Heroísmo, que percorreram os caminhos do exílio, que desertaram (enquanto Kaúlza fazia a guerra colonial), que denunciaram a ditadura salazarista (enquanto Kaulza a servia), que resistiram ao fascismo (enquanto Kaulza era um governante fascista). Alguma coisa está podre no reino da Dinamarca.

O ATAQUE À DESCOLONIZAÇÃO

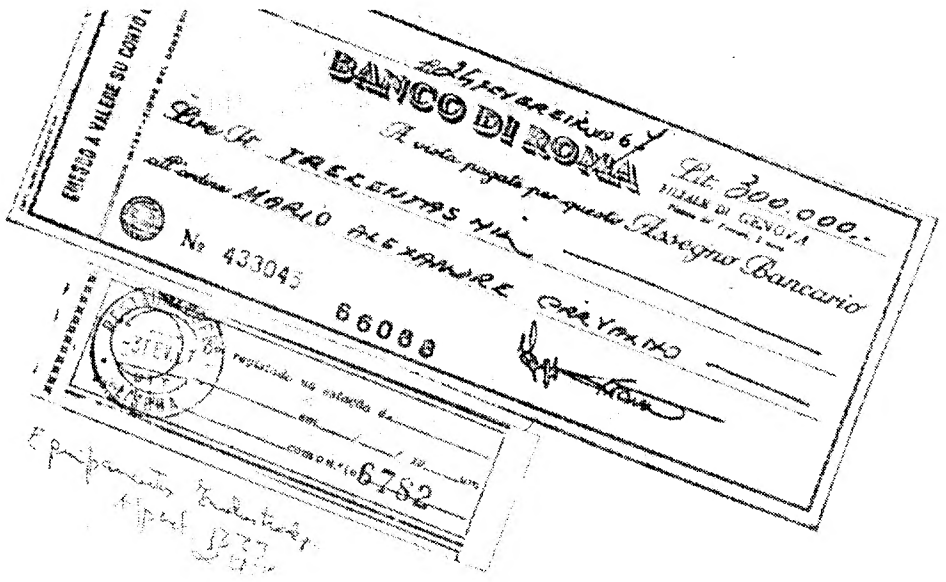
Foi tónica da declaração do general Kaúlza de Arriaga o ataque à descolonização. Para quem o quiser entender — e para quem não tiver esquecido a posição do então major Ramalho Eanes em relação à iniciativa da realização de um Congresso de Combatentes do Ultramar — o ataque visa todos os militares, todos os «Capitães de Abril» que deram o seu apoio à política de descolonização. O ataque atinge em pleno homens como Vítor Crespo, Melo Antunes, Pezarat Correia. A «descolonização» é apresentada como um desastre e uma tragédia de que o País, «apesar de tudo o que se tem escrito e dito, ainda se não apercebeu, na sua verdadeira dimensão».

Poderá Ramalho Eanes dar o seu beneplácito a este juizo condenatório dos seus camaradas de armas, e de decisão política?

HOMEM SÓ OU HOMEM MAL ACOMPANHADO

Bem sabemos: o Presidente da República, e para vir a sê-lo o cidadão que ao alto cargo se candidata, não poderá ser «um homem só». Mas — consinta-se-nos a réplica — não terá forçosamente que ser «um homem mal acompanhado». Há apoios que não dão força. Há apoios cujo valor aritmético não compensa o que significam como ambiguidade, o que deles resulta como desprestígio, compromisso, equívoco. Uma candidatura não poderá fundir, no mesmo apelo à Nação, as austeras palavras do Professor Vitorino Magalhes Godinho (um antifascista perseguido) e as do general Kaulza de Arriaga (um colaborador das perseguições de Salazar).

O caso Delgado



. Tudo o que está relacionado com a morte do general Humberto Delgado parece estar condenado, senão ao esquecimento, pelo menos ao repouso eterno nos arquivos dos tribunais. Em Itália acaba de ser adiado o julgamento do jornalista Valério Occhetto, processado por difamação por uma figura que desempenhou um papel que está suficientemente esclarecido neste caso que todos parecem interessados em manter envolto em mistério. Valério Occhetto publicou na «Storia Ilustrata» um artigo intitulado «Il caso Matteoti del Portugallo» que Mário Carvalho considerou difamatório. Em consequência disto, há cerca de um ano Mário de Carvalho processou o jornalista italiano no tribunal de Verona tendo a audiência sido marcada para ontem, com a presença do dr. Alfredo Caldeira e do inspector da Polícia Judiciária Santos Carvalho que se deslocaram expressamente a Itália para deporem como testemunhas do jornalista italiano. Inútil será dizer que a viagem foi em vão: a audiência foi adiada por doença do prudente queixoso que parece estar mais interessado em poder dizer que o processo está a decorrer do que na sua solução...

Não é intenção do «DL» auxiliar a justiça italiana que, certamente, não carece de ajudas nem de documentos não requisitados, mas como a justiça é de todos e para todos, talvez a publicação da fotografia que ilustra esta nota contribua para esclarecer os milhares de portugueses que gostariam de saber mais acerca do «caso Delgado». Trata-se da fotocópia de um cheque de 300 000 liras enviado pela extinta PIDE ao queixoso Mário de Carvalho e da fotocópia do talão comprovativo do envio do mesmo.

Valerá a pena acrescentar que enquanto as testemunhas portuguesas tiverem a possibilidade de ir a Verona, o processo vai continuar a ser adiado?

SOARES EM CARACAS:

Corte com o Chile e o Pacto Ibérico em questão

CARACAS, 26 — (R. ANOP e DL) — Dois momentos assinalaram a intervenção de Mário Soares na última sessão da conferência de dirigentes sociais-democratas que ontem terminou em Caracas: um, quando, juntamente com Anselmo Sule, presidente do Partido Radical Chileno, o secretário-geral do P.S. português pediu aos partidos sociais-democratas e aos governos da Europa e da América Latina que cortassem relações diplomáticas e comerciais com o Chile; outro, quando Mário Soares, referindo-se ao Pacto Ibérico, defendeu a necessidade de uma modificação do acordo, de modo que este se converta num tratado de amizade e ajuda mútua.

O apelo para o rompimento com o Chile aponta para a necessidade de «isolamento político, diplomático e económico do Governo fascista chileno». A referência ao Pacto Ibérico denuncia que se trata de um «instrumento obsoleto, um instrumento ideológico para a protecção de dois regimes totalitários». «Os tempos mudaram em Portugal, na Espanha, e na Europa» — disse Mário Soares na sua intervenção. «É necessário fazer um tratado de amizade e ajuda mútua entre a Espanha e Portugal que funcione independentemente de conotações ideológicas». O secretário-geral do P.S. considerou que «o tratado de Portugal e da Espanha deve fazer-se também em função da Europa, na qual os dois países se querem integrar».

A conferência de Caracas terminou com uma condenação da repressão e da perseguição política, bem como dos regimes fascistas e totalitários que «a astram pela América». Do documento consta um voto para que se «afirme a democracia pluralista» em Portugal e em Espanha.

SOARES NO MÉXICO

O secretário-geral do P.S. português, Mário Soares, chegou hoje ao México, vindo de Caracas, para conferenciar com o presidente Luís Echeverria.

Juntamente com Soares, e com idêntica finalidade, chegaram à cidade do México mais dois destacados dirigentes da social-democracia na Europa: Willy Brandt, do S.P.D. (R.F.A.) e Bruno Kreisky, da Áustria.

CONSELHO DE MINISTROS:

Salários e subsídios

Sob a presidência de Pinheiro de Azevedo encontra-se reunido desde o princípio da manhã na residência oficial do Primeiro-Ministro em S. Bento, o plenário do Conselho de Ministros. Os trabalhos devem ter começado com uma apreciação do relatório do Conselho Nacional de Rendimentos e Preços, e uma análise da situação no sector da indústria hoteleira, pontos constantes da agenda mas emergentes no contexto da situação actual.

Da agenda constam inúmeros diplomas a analisar, com destaque para um decreto-lei que estabelecerá directivas acerca de salários mínimos e subsídios, contendo normas relativas à retribuição do trabalho na contratação colectiva. Os salários mínimos e os subsídios mais em questão são os das empregadas domésticas e dos trabalhadores agrícolas permanentes. O diploma em debate deverá precisar pontos acerca do índice oficial do actual custo de vida, função de salários mínimos e subsídios a estabelecer.

Estará ainda muito provavelmente em discussão a lei do controlo de gestão, que voltou ao Conselho, mas sem a expectativa de que este tome decisões finais antes de remeter o assunto para a Assembleia da República.

Outro ponto que pode ser tratado pelo plenário do VI Governo, hoje reúnido: os subsídios a conceder por causa de expropriações e nacionalizações de que tenham resultado antigos proprietários em situação financeira comprovadamente precária.

Colóquio sobre o Médio Oriente

. Com uma sessão solene de abertura, a realizar às 21 e 30 na sala dos Capelos da Universidade de Coimbra, inicia-se hoje naquela cidade o «Colóquio Internacional por uma paz justa no Médio Oriente e de Apoio à luta dos povos árabes» numa iniciativa do Conselho Português para a Paz e Cooperação e das Faculdades de Direito e Economia de Coimbra.

Na sessão de abertura usarão da palavra um membro do Governo Português, o prof. Teixeira Ribeiro, reitor da Universidade de Coimbra, representantes do Conselho Mundial da Paz, da organização de Libertação da Palestina, da Faculdade de Economia de Coimbra e do C.P.P.C.

As sessões de trabalho do colóquio iniciam-se amanhã, às 9 e 30, na Faculdade de Ciências de Coimbra, com a apresentação de comunicações e discussões do primeiro tema da ordem de trabalhos que envolve nomeadamente: a estratégia do imperialismo no Médio Oriente: a questão do petróleo e a agressão imperialista: a política de independência nacional de Portugal e suas relações com os países árabes.

Para participarem no colóquio encontram-se já em Portugal numerosos e qualificados representantes do mundo árabe, entre os quais, Bahig Nassar, secretário do Conselho Mundial da Paz, Hussein Fahmy, jornalista, do Egipto, Emil Touma, de Israel, Arabi Agvad e Kadri, representantes da Organização da Libertação da Palestina, e representantes da Jordânia, Iraque, Líbia, Marrocos, e ainda o especialista soviético Georgi Ratiavi, do Comité Soviético dos partidários da Paz.

Para participar neste colóquio chegou ontem a Lisboa Abílio Duarte, membro do Comité Executivo de Luta do PAIGC e ministro dos Negócios Estrangeiros.

post scriptum

Afinal como é?

«Há alguns meses escrevi uma carta que o «Diário de Lisboa» publicou e na qual abordei o problema do imposto de circulação dos automóveis, do qual estão isentos a maior parte dos que são propriedade dos retornados das ex-colónias (creio que por dois anos), havendo, entretanto, milhares de viaturas dessas que circulam realmente pelas estradas (o que parece provar que, quem nelas se vê passeando aos domingos na Avenida Marginal, pode suportar a aquisição da gasolina mais cara do mundo) enquanto que inúmeros não-retornados pagam esse imposto (sob pena de apreensão e de pesadas multas) mas poucas vezes ou nunca circulam, porque não podem pagar o combustível a 17$50 o litro.

Esse desabafo ficaria pela referida carta se um acontecimento recente, de que me foi dado ser protagonista, não viesse alertar-me acerca dos tais, certamente que uma minoria, que — se não estou errado — teimam em exigir privilégios que — insisto — nem concordo que sejam para os retornados nem para os não-retornados, ou seja, para qualquer cidadão português que, perante a Constituição da República, tem os mesmos direitos.

O caso resume-se em que, no organismo onde trabalho, tive um colega que, há alguns anos, resolveu pedir licença ilimitada e ir labutar pela vida, onde achou que poderia auferir mais interesses. Longe de mim, que continuei na carreira, censurar quem se considerou possuidor de capacidades para voar mais alto e assim o fez.

Pois o meu ex-colega, ao que soube, meteu-se em variados negócios e, fosse por pouca sorte, por falta de recursos, ou por carência de capacidades, falhou mesmo, pelo que resolveu, creio que há pouco mais de meia dúzia de anos, tentar a sua sorte numa das ex-colónias. Nunca mais deu notícias aos amigos e conhecidos (creio que mesmo à família), por lá se conservou e cheguei a pensar que teria morrido.

Porém, há cerca de dois meses, apareceu-me, queimado do sol, informando que voltara, que estava instalado, por conta do IARN, num hotel dos arredores da capital e que requerera para regressar ao serviço, ainda que apenas por um tempo, pois não se considerava com as asas cortadas e não se contentava, portanto, com aquilo que o Estado pagava (e talvez não possa pagar mais, pelo que passo a relatar):

Agora vai ser mesmo reintegrado no serviço e «mostra-se interessado em ficar perto do términus do transporte do hotel onde se encontra hospedado».

Caí das nuvens. Então ele reocupa o seu lugar junto dos colegas (chefes de família, com encargos), passa a ganhar como eles, vai beneficiar da «famigerada» reclassificação das letras, receber diuturnidades e, ainda, fica com cama, mesa e roupa lavada, num hotel que — diga-se de passagem — não pode ser frequentado sequer, por um fim-de-semana, pelos colegas de categoria que, para o efeito, lhes não chega aquilo que ganham?!

Pois é verdade, ele assim o afirma! «Que sim senhor, é um direito que tem pelos milhares de contos que o Governo (português?) lhe roubou em África (quem conhece muitos destes tipos de retornados — insisto que não são a maior parte — que não afirme que deixou lá valores de milhares de contos?) e que, quando muito, cessaria apenas de receber o subsídio de dinheiro mas não de cama, mesa e roupa lavada».

Será mesmo assim? Então chego a pensar que todos nós, que aqui sempre ficámos poderíamos até mesmo depois de sabermos que fatalmente as colónias iriam ter a sua independência, ter pedido uma licença e ir até lá. Já agora as pobres esposas não andariam a lamentar-se dizendo que o dinheiro que lhes damos — e é aquele que possuimos — não chega para a alimentação.

Diria o «escamoteado» dr. Pitacas Antunes, se lhe fosse possível reaparecer na TV: «Afinal como é?».

Luís Ribeiro da Fonseca
— SANTO AMARO DE OEIRAS

Assim todos possam dizer o mesmo

O brigadeiro Vasco Lourenço, um dos firmes capitães do 25 de Abril, perguntava há dias como era possível a escalada de pasquins fascistas, com a passividade de quem devia defender a Revolução das manobras e insídias que vão triturando, um a um, os homens que a fizeram e aqueles que a ela se deram desde o primeiro dia, que o povo não esquece.

Quando vemos o desgaste produzido em tantos desses sacrificados lutadores, e que vão sendo lançados pelo caminho (para quando a «recuperação», sr. brigadeiro?), apetece-nos gritar: Como é isto possível?!

Entretanto, a televisão convida para seus estúdios, com larga publicidade de figuras despudoradas e repelentes, mercenários do capitalismo internacional, para anunciar novos cargos directivos em revistas que tiveram nomes prestigiosos. A mesma televisão (a pluralista!) dá larga cobertura a irresponsáveis que incitam ao crime e à rebelião, em reuniões ilegais, que ninguém controla nem evita, onde se pede **somente**, a restauração do Ministério do Ultramar (com certeza, com o Caetano ou o Silva Cunha!). E aí temos o **pluralismo** da televisão que pagamos!

Para isto não há processos judiciais, nem polícias de intervenção? Prefere-se que o povo se atemorize e desoriente, até aparecer o «salvador»? Quando é que lhe restituem o seu MFA?

E continuamos nisto: a reacção joga tudo nas eleições, que julgava ter seguras, mas o povo fura-lhes as contas. E, como de costume, lambe as feridas e no dia seguinte sai pelos canos de esgoto para recomeçar o trabalho de sapa.

Até quando, srs. do Conselho da Revolução?

O povo cumpriu já seu dever. Assim todos possam dizer o mesmo.

A. Lopes da Silva
— SANTA CLARA (COIMBRA)

Desarmamento é condição essencial para o Terceiro Mundo

V. NOVELOV (NOVOSTI)

Travar a corrida aos armamentos e diminuir os encargos de defesa é uma das tarefas fulcrais da vida internacional. Os países socialistas e as forças amantes da paz no interior dos países capitalistas defendem há muito a ideia do desarmamento. Nos últimos anos, têm-se dado grandes passos para a consecução desse objectivo essencial da humanidade: assinaram-se importantes acordos internacionais, bilaterais e multilaterais, aprovaram-se na ONU resoluções tendentes a deter a corrida aos armamentos. Mas a corrida prossegue, adquirindo uma dimensão global, com sérias repercussões sobre a vida dos povos e dos Estados.

Os países em vias de desenvolvimento já foram também arrastados na corrida. Recursos humanos e financeiros, tão necessários para o progresso económico e social desses países, estão assim a ser desviados para fins, que acarretam, ainda por cima, uma ameaça para a segurança dessas nações.

São os armamentos mais caros que ultimamente estão a receber a preferência desses países. Assim: em 1958 só quatro países em vias de desenvolvimento dispunham de aviões supersónicos: esse número aumentou para 28, em 1968, e para 39, em 1973. Os países fornecedores de armas apressam-se gostosamente a vender a sua mercadoria. Os EUA podem servir de exemplo com os seus envios de aviões «Phanton» e outras armas modernissimas para o Irão e Arábia Saudita.

Os países em vias de desenvolvimento são hoje, aliás, os principais compradores de armas. Segundo dados norte-americanos, são eles que importam 80 por cento dos armamentos mundialmente adquiridos. De 1973 para 1974 os envios de armamento para os países do Terceiro Mundo subiu 40 por cento atingindo, a verba recorde de cerca de quatro mil milhões de dólares (segundo dados fornecidos pelo Instituto Internacional de Moscovo para os Estudos dos Problemas da Paz (SIPRI). Mais de metade destas importações coube aos países do Médio Oriente. Os países da América Latina, Ásia e África Tropical estão a aumentar as suas importações de material de guerra. A par disto, os países em vias de desenvolvimento começaram também a criar as suas indústrias militares próprias.

O orçamento militar desses países também vai em aumento. Nos últimos 15 anos, os gastos militares destes países (considerando estáveis os preços de 1973) duplicaram, passando de 15 mil milhões de dólares em 1960 para 39 mil milhões em 1974. Nalguns países em desenvolvimento os gastos militares aumentaram a ritmo ainda mais acelerado. Assim o orçamento militar da Tailândia aumentou de 84 milhões e 600 mil dólares em 1961 para 226 milhões em 1974; no Irão passou-se de 216 milhões a 3100 na Arábia Saudita, de 88 milhões a 1600 milhões. São alarmantes os ritmos de crescimento dos gastos militares nos países em desenvolvimento, pois, em termos comparativos, são maiores que nos outros Estados.

Assim: segundo dados da agência norte-americana para o desarmamento e controlo dos Armamentos, referentes ao período de 1963 a 1973 o crescimento anual médio dos gastos militares nos países em desenvolvimento atingiu a taxa de 7,2 contra 2 por cento nos países economicamente avançados. Este crescimento é maior que o do produto nacional bruto, cuja taxa de aumento nos países em desenvolvimento se fixou apenas em 5,8 por cento no período considerado.

8 Não fica por aqui, no entanto, o prejuízo que esta corrida causa à economia nacional desses países. Milhares e milhares de jovens especialistas, capazes e bem preparados, são deslocados das esferas produtivas da economia nacional. Segundo a revista norte-americana «Nation» só para satisfazer as necessidades técnicas resultantes da compra pelo Irão dum carregamento de helicópteros norte-americanos, em 1973, é necessário treinar 1500 pilotos e cinco mil mecânicos («The Nation», de 21 de Janeiro de 1976). E isto sucede em países que lutam com uma falta crónica de quadros qualificados.

Além disso, a aquisição de complexos armamentos modernos coloca os países em desenvolvimento em maior dependência perante os países exportadores. Por outro lado, estes armamentos exigem uma constante modernização, que, juntamente com a renovação sistemática do arsenal militar, acarreta imensos gastos suplementares.

Não surpreende, pois, que os países em desenvolvimento tenham vindo a tomar crescente consciência de que qualquer solução eficaz e geral para os outros problemas levantados pela cooperaçao económica mundial passa pela solução radical dos problemas ligados à carroida aos armamentos.

Daí que em muitas conferências de países em desenvolvimento e dos não alinhados se exija a cessação da corrida aos armamentos e que o desarmamento surja como uma das reclamações mais repetidas. As resoluções aprovadas na conferência de Argel, como presença de chefes de Estado e de governo dos países não alinhados, destacaram o enorme proveito que podia retirar-se para o bem-estar de todos os povos e para o desenvolvimento social e económico dos países em desenvolvimento, se a energia nuclear fosse aplicada com fins pacíficos e se fossem libertados todos os recursos dispendidos na corricorrida aos armamentos.

O programa de ajuda mútuae solidariedade aprovados na conferência de ministros dos Negócios Estrangeiros dos Não-Alinhados, que reuniu em Lima de 25 a 30 de Agosto de 1975, fixou como tarefa a coordenação das acções dos países participantes para, no âmbito da ONU, conseguirem convocar o mais rapidamente possível uma conferência sobre o desarmamento universal. Nessa conferência os não alinhados propõem-se concitar esforços para que aprove um programa geral de desarmamento, sobretudo nuclear, e para utilização dos recursos assim libertados na cooperação económica internacional.

Se fossem postas em prática as propostas ultimamente aprovadas na ONU por iniciativa da União Soviética sobre a contenção da corrida aos armamentos, seriam dados grandes passos nesse sentido e os países em vias de desenvolvimento muito beneficiariam com isso. A este respeito exerce especial menção a resolução aprovada pela 28.ª sessão da Assembleia Geral da ONU sobre a redução dos orçamentos muilitares dos Estados membros permanentes do Conselho de Segurança e a utilização de parte dos recursos assim poupados na ajuda aos países em vias de desenvolvimento. Estes últimos deram todo o seu apoio à proposta soviética. Porém, a China e as potências ocidentais estão a causar atrasos à aplicação desta medida. O certo porém é que todos sentem a urgência de reduzir os gastos militares.

DEBATE SOBRE A CARTA NACIONAL MOBILIZA TODA A ARGÉLIA

PAUL BALTA

ARGÉLIA. — O debate sobre o anteprojecto da carta nacional mobiliza a Argélia. A tiragem do texto foi de 1.600.000 exemplares. **Todos os cidadãos devem exprimir-se livremente**, declarara o presidente Boumediène no seu discurso de 1 de Maio. Os argelinos tinham, no entanto, perguntado se, na prática, as coisas se passariam como o chefe de Estado o desejava: as instâncias não procurariam orientar as discussões, limitá-las e dar-lhes um carácter conformista, de harmonia com aquilo que elas consideram ser a ortodoxia do regime?

Por seu lado, os dirigentes, em todos os escalões, tinham-se preparado para fazer face ao acontecimento e para **organizar a campanha de explicações**, como até então costumavam fazê-lo. Uma instrução do presidente que fixa o quadro do debate, e as directivas dadas pela comissão nacional da carta, modificam os seus hábitos. **O vosso papel**, disseram-lhes, **não consiste em falar mas em fazer falar e em se colocarem à escuta do povo.**

As opiniões são recolhidas por três canais: o do partido e das organizações de massa, graças à acção dos seus militantes; o do Estado, a partir das A.P.C. (assembleias populares comunais), de que Wali (presidente da câmara), deve fazer o relatório de síntese; finalmente o da imprensa escrita e audio-visual. Desde 4 de Maio, data em que o debate começou oficialmente, **El Moudjahid** publicou mais de cento e vinte opiniões e sugestões, e, pelo menos, outros tantos relatórios de reuniões. Há milhares delas, diariamente, em Alger e em todo o território. O jornal governamental de língua francesa, tal como os quotidianos em árabe, consagram várias páginas diárias à carta, enquanto que a rádio e a televisão lhe reservam longas emissões.

Em menos de uma semana, os Argelinos, primeiro céptico, passaram da contribuição prudente à participação maciça e vigorosa. No início, nas cartas que escreviam ou nas contribuições orais, eles tomavam algumas precauções oratórias, lembrando, por exemplo, as realizações do regime, antes de formular sugestões e críticas. Agora vão direitos ao seu objectivo. O estilo é firme, a argumentação sensata. A mudança é sensível em relação às generalidades, ao estilo anfigírico e ao pensamento «pastoso» a que a imprensa durante longo tempo se confinara.

No seu conjunto, a primeira semana deu lugar a uma grande abertura. Aquilo que os cidadãos diziam entre si à boca fechada, dizem-no agora abertamente. Assuntos até então tabus, são abordados.

A eliminação da corrupção e a abolição dos privilégios adquiridos por um certo número de dirigentes — dois fenómenos que tomaram amplitude durante os últimos anos, — o problema do controle popular, o papel da imprensa, os meios de aplicar as leis existentes e de respeitar as orientações formuladas no anteprojecto da carta, dominaram manifestamente a primeira parte dos debates. Uma vez completado o caderno de queixas, foram abordados outros temas.

«O anteprojecto, disse-nos Taleb Ibrahimi, ministro da Informacão e da Cultura, **«inscreve-se no esforço de reflexão iniciado há decénios pelos nacionalistas argelinos. No plano internacional, ao procurar definir um socialismo do Terceiro Mundo, este esforço caminha no mesmo sentido que o dos partidos comunistas francês, italiano e espanhol, e de certas correntes do movimento socialista europeu, que querem aproximar-se cada vez mais da realidade a fim de abrir o seu próprio caminho para o socialismo. No plano espiritual, aproxima-se das preocupações dos cristãos e, mais particularmente dos católicos, que defendem os seus direitos de ser ao mesmo tempo crentes e militantes socialistas.»**

Verifica-se precisamente que, a partir da segunda semana, se produziu um salto qualitativo no debate: aprofundamento dos assuntos tratados, reflexão teórica mais rigorosa no plano ideológico e político (muitos oradores acham que os problemas que dizem respeito ao socialismo na Argélia, o Islão e o socialismo, as relações entre o partido e o Estado, etc., devem ser concretizados, e evitadas todas as ambiguidades), exame crítico do modo como as escolhas económicas são aplicadas. **«Que lufada de oxigénio!»** disse-nos um militante de base. É como se participássemos numa segunda luta pela independência.

© LE MONDE

OBRIGAÇÕES DO TESOURO 1976

Dinheiro que vale trabalho

Dinheiro que vale mais dinheiro para si, é dinheiro que valoriza o País.
Compre, por isso, Obrigações do Tesouro.
Por cada Obrigação de 1.000$00, o Estado pagará um juro de 10 a 15%. Livre de impostos.
E fará a amortização no prazo mínimo de 3 anos e máximo de 8.
Além disso quem comprar 5 Obrigações de 1.000$00 pode adquirir uma Obrigação-Ouro de 500$00.
Rende 6% e o reembolso será feito ao preço do ouro.
Para si, Obrigações do Tesouro, é dinheiro que ganha valor. Dinheiro que cresce seguro.

Para o País, é dinheiro que constrói o futuro.
É dinheiro que vale trabalho. É dinheiro que vale riqueza para todos.
É dinheiro que financiará projectos de desenvolvimento.
Na Habitação, na Agricultura, na Saúde, na Indústria e Energia, nos Transportes e Comunicações, nas Pescas.
É dinheiro que vai criar mais emprego. Novos postos de trabalho.
A partir de 10 de Maio e até 30 de Junho, dirija-se ao balcão de qualquer instituição de crédito.
E compre Obrigações do Tesouro.

constrói o futuro

OBRIGAÇÕES DO TESOURO 1976

Juros das obrigações do tesouro

	1°ANO	2°ANO	3°ANO	4°ANO	5°ANO	6°ANO	7°ANO	8°ANO
OBRIGAÇÕES DE 1000$00	10%	10%	11%	11%	12%	13%	14%	15%
OBRIGAÇÕES-OURO DE 500$00	6%	6%	6%	6%	6%	—	—	—

Nacional

A IMPRENSA ESTATIZADA EM QUESTÃO

"NÃO SE TRATA DA FUSÃO DE JORNAIS E SIM DA FUSÃO DE EMPRESAS"

— afirma o ministro da Comunicação Social

«A falsa surpresa perante o projecto de parcial reestruturação da Imprensa estatizada» — eis o primeiro ponto de um comunicado do ministro da Comunicação Social, ontem distribuído aos órgãos de Informação. Imediatamente se afirma que em 27 de Novembro de 1975 «o Conselho de Ministros forneceu ao ministro da Comunicação Social um certo número de directivas em matéria de reestruturação do sector da Imprensa estatizada. Entre essas directivas contava-se o seguinte: **Limitação a seis dos oito jornais estatizados, com eliminação de um dos matutinos e um dos vespertinos editados em Lisboa e fusão, numa só empresa pública, de um dos matutinos e um dos vespertinos subsistentes em Lisboa** Adianta-se que esta directiva foi objecto de ampla divulgação, através do comunicado do Conselho de Ministros. «E, que eu saiba, ninguém se insurgiu contra ela» — acentua Almeida Santos, na primeira pessoa do singular, tom do relatório a que nos vimos referindo.

«Ministro solidário com o Governo de que faço parte — continua Almeida Santos —, e a cujas resoluções devo acatamento, estudei e mandei estudar, segundo critérios estritamente objectivos, quais os jornais que deviam ser **acasalados**, e quais os que, à falta de alternativa viável, deveriam ser sacrificados.»

REPRIVATIZAÇÃO

«Desde logo surgiu o «Jornal do Comércio» como sendo o que oferecia menos condições para subsistir. Com uma tiragem da ordem dos 6000 exemplares, e cada um destes custando, segundo os números de que disponho, 23$00, ou seja rendendo à empresa, líquidos, cerca de 10 por cento do que custa, o mínimo que dele se podia dizer, sem menosprezo pela qualidade da informação que produz e pelo mérito e esforço dos que nele trabalham, era que estavamos em presença menos de um jornal do Estado do que de um seu herdeiro.

«Por isso não fiz segredo de que, do meu ponto de vista, ou seja do ângulo das directivas recebidas do Governo, se me afigurava um jornal de antemão sacrificado.

«Ainda pensei em propor a sua transformação em suplemento de um dos jornais subsistentes. Mas logo os economistas me convenceram de que era pior a emenda do que o soneto.

«Os critérios de complementaridade das instalações, dos equipamentos e dos serviços apontaram para a fusão, dois a dois, no âmbito de duas empresas públicas, da empresa do «Notícias» com a empresa da «Capital», e da empresa do «Século» com a do «Diário Popular».

«Ficava pois também de fora, candidato ao desaparecimento, o «Diário de Lisboa». Mas acontecia que era um dos que se encontravam mais próximos do equilíbrio empresarial. Iríamos assim matar o são (so relativamente, entenda-se) e tentar recuperar o doente?

«Aí entrei eu a lançar o projecto da sua reprivatização. Se os trabalhadores da empresa sua proprietária, com alguma imaginação e algum sacrifício, estivessem interessados em explorá-la em regime cooperativo, transformados em patrões de si mesmos, sem encargos financeiros, com as dívidas ao Estado congeladas para amortização «ad infinitum» através de lucros eventuais, e com plena e gratuita disponibilidade, em termos a convencionar, das instalações e do equipamento, eu estaria disposto a patrocinar, junto do Governo, essa fuga ao seu decesso.

«Como estaria disposto a alargar esse patrocínio à reprivatização da empresa do «Jornal do Comércio», com ou sem edição do jornal, a sós ou fundida com a do «Diário de Lisboa», no âmbito da mesma ou diversa cooperativa.

«Com uma condição sagrada: aparte um sempre possível empurrão inicial, as duas empresas teriam de encontrar maneira de viverem apenas sobre si mesmas, sem a habitual cobertura, pelo erário público, dos seus «deficits» orçamentais.

«De tudo isto fui dando, em entrevistas e declarações avulsas, amiudada notícia, sem que tenha desabado o tecto do mundo.

«E quando, maduros os estudos económico-financeiros (pois não vai supor-se que tudo saiu da coxa de Júpiter ou da minha fantasia) aprontei o projecto da programada fusão, julguei, como ainda julgo, cumprido o meu dever.

UM PROJECTO NÃO É UMA LEI

«Um projecto, para mais destinado a colher a opinião dos trabalhadores das empresas fundidas, não é ainda uma lei. Deveriam os trabalhadores tentar melhorá-lo? Sem dúvida. Era seu direito e seu dever. Deveriam ir ao ponto de destruí-lo? Salvo o devido respeito, não.

«A destruição só seria legítima no plano da apresentação de uma alternativa que tivesse o mérito de respeitar também as mencionadas directivas do Conselho de Ministros.

«Ao invés disso, caiu-se, uma vez mais, na tentação da demagogia e do ruído. Partindo de uma falsa surpresa, o «projecto Almeida Santos» disputou às eleições presidenciais a primazia da atenção dos jornalistas.

«O Sindicato dos Jornalistas, que o Artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 260/76, de 8 de Abril, me não mandava ouvir, começou por rejeitá-lo em bloco, ao mesmo tempo que pedia prorrogação de prazo para discuti-lo.

«O Conselho de Imprensa, que eu fiz questão em consultar, apesar de o n.º5 do Artigo 17.º da Lei de Imprensa lhe cometer a função de apenas emitir parecer «sobre a política de informação» (é pelo menos duvidoso que seja esse o caso) fulminou-o também em bloco com o raio tronitroante da inconstitucionalidade.

«E de todos os cantos foram surgindo as manifestações de solidariedade com essa condenação de base, excepção feita aos trabalhadores das empresas editoras dos jornais cuja fusão programei, os quais, alguns após terem-no rejeitado «tout court», viriam a habilitar-me com considerações válidas e nem sempre discordantes, que me vão ajudar a elaborar o projecto final.

«SANS RANCUNE»

«O «Diário Popular», em nome de uma individualidade jornalística que, evidentemente, a fusão da respectiva empresa não põe em causa (propõe-se a fusão de empresas, não de jornais) enveredou mesmo pela exploração emocional de manifestações individuais de apoio e desagrado, a recordar, salvo seja, métodos que fizeram época, e até reproduziu na primeira página o eco da solidariedade de um senhor tenente-coronel que não hesita em rotular de «ignóbil» o «projecto Almeida Santos»!

«Bravo, coronel. Com um impropério já ele contribuiu para a cura do cancro financeiro da Imprensa estatizada!...

«É claro que uma vez mais se fez ouvir um certo jargão político, que à força de repetido tem autoria certa. Os que, à data da posse do VI Governo, manipulavam a Imprensa como quem manobra «chaimites», não perdoam — nem eu espero que o façam — o modesto contributo do meu fugaz Ministério para lhes tirar das mãos as «máquinas de guerra» com que nos «fuzilavam» o cérebro e a paciência.

«De novo a acusação de política direitista (quando não fascizante) de que decido nas costas dos trabalhadores (isto no preciso momento em que os consultava) de que pretendo reintroduzir a censura (como eu gostaria, aqui, de ter a descontracção verbal do senhor Primeiro-Ministro!) de que partilho os jornais pelos partidos (saudades, por certo, do monopólio partidário anterior a essa falsa partilha!) de que nada faço para impedir a proliferação de jornais de direita, antes pactuo com ela (quando será que lêem o Artigo 38.º da Constituição?) e de que, inimigo visceral das conquistas dos trabalhadores, perfilho uma política repressiva (assim tão mau?!)

«Devo dizer que, acusações como estas não me incomodam nem me perturbam. Não presumo de infalível e muito menos de intocável. Pelo contrário, entendo mesmo que, acusando-me tão sem critério, bem certos de que o único risco é o de terem de ler, ou de consentir em que seja lida, uma minha eventual resposta, indirectamente me elogiam — a mim e ao Governo de que faço parte — pressupondo o meu apego à liberdade de expressão e o meu amor à democracia, senão mesmo o meu bom feitio.

«É pois «sans rancune» que, continuando vivo, me defendo e respondo.»

800 MIL CONTOS

O ministro Almeida Santos, depois deste preâmbulo, afirma que as quatro mencionadas empresas («DL», «DP», «DN» e «Século»), «devem (...) ao sector público, neste momento, um montante global que cavalga os 800 000 contos, tendo acumulado prejuízos, até 31/12/75 da ordem dos 525 000 contos.

«Estes prejuízos, no presente momento, podem sem risco ser extrapolados para valor da ordem dos 650 000 contos. Dão trabalho a 3 158 trabalhadores, aos quais corresponde uma massa salarial mensal da ordem dos 30 000 contos e anual (catorze meses) da ordem dos 420 000. Salário médio, por conseguinte, referido a doze meses, superior a 11 000$00.

«Se, em vez de balancearmos apenas a situação destas quatro empresas, considerarmos as oito sob intervenção do Estado, teremos um débito global, ao sector público, da ordem de um milhão e duzentos mil contos e um prejuízo em acumulação global mensal da ordem dos 50 000 contos e anual de 600 000.

«Até agora, e como se sabe, coberto pelo sector público, pela banca estatizada, ou pelo orçamento geral do Estado, através de empréstimos de tão problemático reembolso que correspondem a verdadeiros subsídios não reembolsáveis.

«Significa isto que o sector público vem despendendo com oito empresas editoras de jornais que veiculam uma informação sobreposta, ou pouco menos, e que lentamente vai perdendo a adesão do público leitor, o equivalente anual a cerca de 600 edifícios escolares primários. Se pensarmos em que são muitas as povoações sem escola, como numerosas são as povoações sem água potável, sem rede domiciliária de distribuição de água, sem esgotos, etc., por falta de verba disponível, ter-se-á a exacta medida do erro administrativo, para já não falar na injustiça, de se manter o «statu quo» da Imprensa estatizada, em nome da intocabilidade da voz dos jornais que edita ou das «conquistas» dos trabalhadores que nela trabalham.»

O EXEMPLO INGLÊS

Depois de outros considerandos, o ministro Almeida Santos recorda que «bem recentemente, a própria Inglaterra, com oito jornais diários em contraponto das três dezenas que em Portugal se publicam, perante crise paralela, buscou solução na melhoria dos processos tecnológicos na mira de economizar mão-de-obra, o que, naturalmente já acarretou, ou vai acarretar, o despedimento maciço de trabalhadores.

«Pois bem: entre nós, mesmo sem novos primores de tecnologia estará ao nosso alcance dispensar, além de alguns jornais, uma elevada percentagem dos trabalhadores dos jornais que presentemente se editam.

«Por que razão, então, o não fazemos? Apenas porque se cria o falso mito — a meu ver inimigo das classes trabalhadoras — de que a solução da crise económica que nos aflige, e quase nos afoga, deve procurar-se a leste do despedimento de um só trabalhador que seja.

«Mesmo que não exista outra solução e o mito destrua a própria empresa, ou seja não apenas alguns mas todos os seus postos de trabalho? Pois mesmo nesse caso tem, em pleno, funcionado o mito.

«Mas por quanto tempo ainda poderemos continuar a permitir-nos o luxo dessa anti-solução? A conclusão mais pessimista, a caminho de desesperada, encontra-se no simples gesto de aproximar lápis de um papel e de neste fazer algumas contas, que aliás, cada vez mais, podem até fazer-se de cabeça.

«Que engane os trabalhadores quem for capaz. Eü não.»

«DEFICIT» PAGO PELOS TRABALHADORES DO PAÍS

Sublinha o ministro Almeida Santos que o «deficit» mensal dos jornais estatizados é pago por todos os trabalhadcres do País. «E como cumpre a um governante defender todos os trabalhadores, e não apenas alguns, apressei-me, mal fui nomeado ministro da Comunicação Social, a denunciar esse facto.»

«Por isso fui apodado de «chantagista». Com isso, disse-se então, tentava eu pressionar os jornais estatizados a não criticarem o Governo e os jornalistas a não darem livre curso à sua criatividade. Uns e outros continuaram igualmente livres. O Governo continuou — e é bom que assim aconteça — a ser um bombo de festa. Eu, muito particularmente, continuei, sem perda de bom humor, e sem perda de razão, a apanhar tareia.

«A única diferença é que os jornais estão mais pobres e o erário público também. Todos, por essa razão, a caminho de menos livres.

«É claro que, ao fim de cinquenta anos de vida e mais de vinte de advocacia — para já não dizer dois de Governo — eu sei, positivamente sei, as mil maneiras de não ter incómodos. E como não tirei assinatura para continuar a ser ministro, e o meu episódico destacamento para a Comunicação Social se destinava a ter curta duração, nada mais fácil do que «laisser faire», nada mais cómodo do que «laisser payer», legando o odioso das medidas saneadoras a quem me sucedesse.

«Não falta, aliás, quem, pelo preço da continuação da comodidade imediata — e só aparente — do lento suicídio actual, me exorte a um «dolce far niente», invocando o tempo próximo do VI Governo, o início breve dos trabalhos da Assembleia da República e a competência reservada desta.

«Não vou por aí! Enquanto for ministro procurarei, mal ou bem, talvez mais mal que bem, tentar resolver os problemas do meu departamento. E a resolvê-los, como não podia dei-

Continua na pág. 8

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDUSTRIA HOTELEIRA E SIMILARES DO DISTRITO DE FARO

UM ESCLARECIMENTO QUE SE IMPÕE

Publicou o Diário de Notícias, na edição de ontem, algumas declarações de um alto funcionário da Subsecretaria de Estado do Turismo, o Senhor Luís Nunes da Ponte.

Nelas se contêm algumas afirmações que, por inexactas, nos fazem duvidar da qualidade de informação disponível na Subsecretaria de Estado o que é grave, pois se o Turismo é a indústria que mais divisas traz para Portugal, mal vão as coisas se os responsáveis não têm a informação oportuna e correcta e oportunamente tomarem decisões.

Corrijamos pois alguns dados referidos pelo Sr. Luís Nunes da Ponte:

1.º — A desigualdade de tratamento entre as empresas nacionalizadas ou com alguma forma de intervenção do Estado envolve cerca de 3800 trabalhadores que representam aproximadamente 50% de quantos trabalham no sector hoteleiro algarvio.
O adjunto do subsecretário de Estado refere apenas 2000.

2.º — O número de unidades hoteleiras cujos trabalhadores exigem igualdade de tratamento com os do sector privado no cumprimento da tabela salarial é de 27, dos quais 20 hotéis, 4 aldeamentos turísticos, um motel e 2 pousadas, contra a dezena referida pelo senhor Luís da Ponte.

3.º — A afirmação de que a média de salários nos hotéis que não cumprem o C.C.T. é de esc. 6500$00 é perfeitamente gratuita dados os desníveis enormes entre os salários da maioria dos trabalhadores e os dos chefes e directores. No actual C.C.T. os níveis salariais aproximados de esc. 6500$00 (Letra F, salários de esc. 7200$00, grupo I e esc. 5400$00 grupo III) corresponde à separação entre os grupos que executam e os chefes. A tabela vai de A a N e, como é evidente, não são as letras superiores que englobam maior número de profissionais. E quanto a comer «de graça» apenas diremos que a alimentação é ganha com o suor dos trabalhadores, e que em muitos hotéis estatizados é de qualidade que o senhor Luís da Ponte não desejaria ter a sua mesa.

4.º — O «drama» do Hotel Penina tem igualmente de ser reduzido à sua real dimensão. O hotel tem 310 trabalhadores (e não 426) e era, é certo, dos que melhor ocupação registava nos meses de Inverno embora não esgotasse a lotação. O que já não é verdade é que o instrutor do golfe tenha sido saneado pela Comissão de Trabalhadores. Demetiu-se por querer continuar a explorar no hotel uma loja de artigos de golfe cuja facturação orçava os 3000 contos com lucros perfeitamente inconcebíveis. Diga-se, por fim, que o hotel Penina não está estatizado e por isso não participa nesta luta.

5.º — Resta responder à acusação e que esta greve é uma sabotagem económica. Vinda de onde vem aceitamo-la como confissão. Desde Junho de 1975 que os trabalhadores hoteleiros, de uma ou outra forma, vêm protestando e lutando contra a discriminação que representa a afixação de salários mais baixos para as empresas estatizadas. Os efeitos que a nível local e empresarial tal situação comporta são facilmente imagináveis e não podem deixar de ser entendidos pelas entidades que a nível central superintendem quer no sector do Trabalho quer no sector do Turismo. Fechar os olhos a esses efeitos e os ouvidos às reclamações dos trabalhadores é grave manifestação de negligência que só pode ser entendida como sabotagem económica. Confessou o sr. Luís Nunes da Ponte o que os trabalhadores da Indústria Hoteleira do Algarve já sabiam.

Os trabalhadores têm perfeita consciência da sua atitude e ponderaram perfeitamente as consequências da sua luta. Mas sabem que a derrocada do turismo do Algarve é inevitável se as estruturas de todo o sector não forem profundamente alteradas. Toda a exploração turística do Algarve se baseou na construção de empresas só economicamente viáveis na base do pagamento de salários miseráveis que eram os que vigoravam até ao 25 de Abril e vigoram ainda em grande número de empresas. Só cheios e com salários de fome os hotéis poderiam dar lucros. Não é esta porém a situação compatível com o objectivo de uma sociedade socialista que consagrada na Constituição terá de ser o grande Projecto Nacional.

A Portaria de 20 de Junho de 1975, como actuação política, poderia aceitar-se como solução técnico-económica, a prazo muito curto, se entretanto se tivesse iniciado a reestruturação do sector turístico englobando empresas privadas e estatizadas num plano conjunto de desenvolvimento económico e turístico que permitissem a eliminação da desigualdade transitória.

Em vez disso assistiu-se a um nada fazer, à intensificação de formas de exploração turística em termos perfeitamente anacrónicos, à concorrência mesmo entre as próprias empresas estatizadas!

Reflexo desta situação caótica é o facto confessado pelo senhor Luís Nunes da Ponte de o Estado «emprestar» mensalmente a 13 hotéis 36.400 contos para pagamento de salário sem que sejam pagas as despesas com luz, gás, telefones, seguro social, etc.

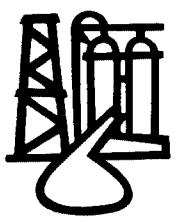
Entender isto como boa vontade do Governo ou tentativa de solução dos problemas é reconhecer claramente a incapacidade de planear, de desenvolver, de executar o que quer que seja para o desenvolvimento económico da região.

Se a greve do sector hoteleiro estatizado tiver o efeito de chamar a atenção para a presente situação e levar ao início de um trabalho sério para a resolver, os trabalhadores hoteleiros sentir-se-ão orgulhosos porque prestaram um serviço ao País.

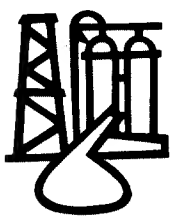
Faro, 20 de Maio de 1976

A DIRECÇÃO

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDUSTRIAS QUÍMICAS DO CENTRO, SUL E ILHAS ADJACENTES E MOAGENS DO CENTRO E SUL



MOÇÃO



1.º — Considerando a justa luta dos camaradas suspensos na Audio Magnética.
2.º — Considerando que os mesmos camaradas sempre lutaram com abnegação, coragem e firmeza na defesa intransigente dos seus camaradas de trabalho.
3.º — Considerando que alguns desses camaradas de trabalho dos amigos suspensos foram defendidos pelos mesmos de um quase saneamento total.
4.º — Considerando ainda que a maioria dos trabalhadores estão manipulados presentemente pelos exploradores americanos.

Os delegados sindicais do Sindicato dos Químicos reunidos em plenário no dia 21/5/76 decidem:

1. — Solidarizarem-se com os camaradas suspensos
2. — Exigem o rápido regresso ao trabalho dos mesmos.

PELO DIREITO AO TRABALHO, PELO PÃO!
CONTRA OS EXPLORADORES!
A LUTA CONTINUA!

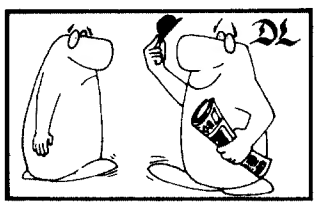
(Pede-se que esta moção seja publicada nos jornais diários).

Aprovada por Aclamação

Nacional

"Os direitos do homem" em edição portuguesa

Acaba de ser editada pela Direcção-Geral da Divulgação do Ministério da Comunicação Social, a brochura gratuita «Convenção Europeia dos Direitos do Homem», tradução portuguesa de dois textos basilares do Conselho da Europa.



Esta Convenção foi assinada por todos os Estados membros (à excepção de um) em 1950, assim como a Carta Social Europeia, assinada em Turim em 1961. A fim de os direitos consagrados na Convenção se tornarem eficazes, foram criados uma Comissão e o Tribunal Europeus dos Direitos do Homem, que constituem um mecanismo judiciário da salvaguarda dos direitos e liberdades fundamentais do Homem. Deste modo, um cidadão que sinta afectados, num tribunal do seu país, os seus direitos civis e políticos, pode apresentar queixa na Comissão, a qual declarada no âmbito da sua competência, será objecto de um relatório contendo um parecer. Também um Estado tem o direito de se queixar de supostas violações, quer em relação aos seus súbditos quer em relação a outros países.

A tradução da «Convenção Europeia dos Direitos do Homem» pode ser solicitada, gratuitamente, àquela Direcção-Geral de Divulgação ou na Delegação Portuense do Ministério da Comunicação Social.

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO

CONSELHO GERAL

DA INTERSINDICAL NACIONAL

O Conselho Geral da Intersindical Nacional, reunido em 10 de Maio de 1976, para apreciar a situação decorrente do parecer do Ministério do Trabalho relativo à existência legal da Intersindical e, tomando em atenção:

— Os grandes anseios de unidade manifestados pelas massas trabalhadoras de que é prova concludente a participação em todo o País de centenas de milhares de trabalhadores pertencentes a Sindicatos filiados na Intersindical ou não, nas comemorações do 1.º de Maio;

— A clara, inequívoca e já anunciada intenção da Intersindical de levar para a frente a realização do Congresso, do qual resultará a adaptação dos objectivos e estruturas do Movimento Sindical Unitário à nova situação política e, o reforço da unidade na acção das massas trabalhadoras contra as investidas das forças do capital;

— A acção do Ministério do Trabalho que, sendo uma ingerência do Governo no Movimento Sindical e acto claramente inconstitucional, só pode ser entendido como uma tentativa que visa criar as condições favoráveis à liquidação da Intersindical e, assim do Movimento Sindical Unitário, o qual representa um obstáculo decisivo à escalada da recuperação capitalista, factor essencial, para se abrir caminho às forças de direita que tentam através da desestabilização política e social um regresso ao passado.

Decidiu:

1.º — Denunciar a acção do Ministério do Trabalho, como uma manobra divisionista com o intuito de lançar no seio dos trabalhadores, falsas polémicas que dificultem o reforço do clima de unidade existente e favoreçam as forças estranhas aos trabalhadores que procuram fomentar o pluralismo sindical;
2.º — Repudiar a ingerência do M. T. na vida sindical com o intuito, de pressionar soluções que só aos trabalhadores compete definir, através de discussão livre e democrática no seio das suas organizações de classe;
3.º — Apelar a todos os dirigentes sindicais, às organizações de base e a todos os trabalhadores para, através da sua participação activa na preparação e discussão do Congresso, fazerem a melhor defesa do Movimento Sindical Unitário, solidificando a Intersindical como expressão concreta da unidade dos trabalhadores;
4.º — Promover em todas as Uniões e Federações, reuniões gerais de Sindicatos, com vista à divulgação da tomada de posição do Conselho Geral, esclarecimento dos perigos e manobras a que está sujeita a unidade do Movimento Sindical e definição das formas de luta adequadas que manifestem a firme e justa posição, dos trabalhadores e dos seus Sindicatos à acção do M. T.

O CONSELHO GERAL DA INTERSINDICAL NACIONAL

Assinam: Federação do Comércio; Federação Escritórios do Sul; Federação Escritórios do Norte; Federação Indústria Hoteleira; Federação Metalúrgica; Federação Têxteis Lanifícios e Vestuário; União dos Sindicatos de Aveiro; União dos Sindicatos de Beja; União dos Sindicatos de Braga; União dos Sindicatos de Castelo Branco; União dos Sindicatos de Coimbra; União dos Sindicatos de Évora; União dos Sindicatos de Lisboa; União dos Sindicatos de Portalegre; União dos Sindicatos do Porto; União dos Sindicatos de Setúbal; União dos Sindicatos de Viana do Castelo; União dos Sindicatos de Vila Real.

MOÇÃO

Os Delegados Sindicais dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, reunidos em Plenário na sede do Sindicato em 24 de Maio de 1976, interpretando a vontade dos trabalhadores que representam, decidiram:

— Denunciar os intuitos divisionistas do Ministério do Trabalho, ao pôr em causa a existência legal da Intersindical, Central Sindical Única dos trabalhadores portugueses;
— Repudiar esta e outras formas de ingerência com que aquele Ministério tem procurado boicotar e aniquilar o crescente poder dos trabalhadores e das suas organizações;
— Reafirmar, muito claramente, a sua disposição de, como trabalhadores, continuar a lutar pela Central Sindical Única, como baluarte que é da defesa dos legítimos interesses das classes trabalhadoras.

PELO REFORÇO DO MOVIMENTO SINDICAL
PELA UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES

Aprovada por unanimidade.

Lisboa, 25 de Maio de 1976

AS DIRECÇÕES

Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa
Sindicato dos Transportes Urbanos de Lisboa

Nacional

CHEGOU A MÚSICA

Vende-se tudo nas ruas de Lisboa — da liamba ao disco, dos cinzeiros com desenhos alusivos ao 25 de Abril à roupa interior. Avenda de discos e de cassetes na via pública revela até que ponto o gravador e o gira-discos fazem parte da vida do lisboeta. Antes do vinte e cino de Abril estes «electrodomésticos» pertenciam ao mundo dos ricos e dos entendidos, mas o aumento de salários que teve lugar depois da Revolução levou a música a casa de gente que até então dependia exclusivamente do «transistor». Ao surto de vendas verificado neste sector, logo após a Revolução sucedeu-se, porém, uma quebra imprevisível: no momento presente não se vendem electrodomésticos, embora esteja esgotado todo o material de alta fidelidade...

Casal "leva" do F.F.E. três mil contos em cinco minutos

Mais de três mil contos «passaram», em cinco minutos, dos cofres do Fundo de Fomento de Exportação para as mãos de um casal, aparentando cerca de 30 anos. Os assaltantes escaparam num automóvel que os aguardava defronte do prédio do F. F. E. na Rua Camilo Castelo Branco.

O elevador do edifício estava avariado e António Marques, funcionário da tesouraria do Fundo e encarregado de transportar aquela quantia para a sede, na Avenida 5 de Outubro, desceu pelas escadas de serviço com a pasta que normalmente usa para operações semelhantes. Acompanhado pelo motorista encaminhava-se tranquilamente para o automóvel do Fundo quando no patamar foi interceptado pelo casal, empunhando ambos a sua pistola.

Intimado a largar o dinheiro António Marques não vacilou um instante, enquanto recebia ordens para só subir as escadas (que tinha descido) quando os gatunos estivessem longe. Quando «recobrou» do susto era tarde, e os gatunos, segundo uma testemunha, já tinham escapado no automóvel que os esperava, em direcção à Rua Rodrigo da Fonseca.

De acordo com a mesma testemunha, os assaltantes teriam fugido num carro de cor branca cuja matrícula não foi possível identificar.

Mais tarde (cerca das 23 horas) a Polícia Judiciária, que tomara conta da ocorrência e imediatamente iniciara as investigações, esteve no Campo dos Mártires da Pátria, onde foram abandonados envelopes e folhas de pagamentos pertencentes ao F. F. E. e que se encontravam dentro da pasta roubada.

O motorista que acompanhava António Marques, poscos minutos após o assalto passou pelo Hospital de S. José para receber tratamento por ter sido acometido de forte comoção.

Avioneta cai na Azambuja dois mortos

Morreram duas pessoas devido à queda de uma avioneta civil nos campos da Azambuja. As vítimas são o piloto Fernando Banha Chinita, e uma trabalhadora rural, Rosa Maria Deolinda, que se encontrava a trabalhar num tomatal na zona atingida pela queda do aeronave, acompanhada de uma irmã mais velha, Rosa, que também ficou ferida.

As causas do acidente, que se registou às 17 horas de ontem, ainda não foram reveladas mas, segundo alguns testemunhos, a avioneta terá embatido numa árvore.

A trabalhadora, que veio a falecer, foi transportada ao Hospital de Vila Franca de Xira, por ainda dar sinais de vida após o acidente. O piloto teve morte instantânea.

Encontro Nacional de Cooperativas de Ensino

. Presidida pelo secretário de Estado da Administração Escolar, comandante Mário de Aguiar, realizou-se ontem, no edifício central do M.E.I.C., uma conferência de imprensa sobre cooperativas escolares. Presentes o comandante Pereira Bastos e Nélson Trindade, da respectiva Comissão de Apoio.

Amanhã terá início o Encontro Nacional do Ensino Cooperativo que nos seus objectivos primeiros pretende elaborar as bases programáticas fundamentais para posterior definição dos apoios necessários à consolidação e fomento do processo cooperativo do Ensino.

Serão debatidos temas como «Cooperativas de Ensino em Portugal», «A Escola Nova e a Escola Cooperativa» e «Linhas Tendenciais da Situação Actual».

O Encontro Nacional terminará no próximo dia 29. O ministro da Educação e Investigação Científica, major Vítor Alves, estará presente à sessão de encerramento.

GRUPO DE TRABALHO NO SERVIÇO CÍVICO

A Comissão Coordenadora do S.C.E. nomeou um grupo de trabalho que irá planear as grandes linhas de acção a desenvolver no próximo ano lectivo. Os aspectos prioritários a considerar pelo Grupo de Trabalho reportam-se aos programas já solicitados a todos os Ministérios, e ao início do Serviço Cívico que se pretende para Outubro.

INCIDENTE EM COIMBRA

P.S.P. nega ter visto agressão ao bispo

O comando da P. S. P. de Coimbra declarou à ANOP que não pode confirmar a afirmação de que a agressão sofrida na noite de sábado pelo bispo de Sá da Bandeira, (actual Lubango) D. Eurico Dias Nogueira, se registou ou não à frente de agentes da polícia, «na medida em que os agentes afirmam que, à frente deles, não houve qualquer agressão». O chefe de dia daquele comando, depois de dizer que está instaurado um inquérito para averiguações considera que, «portanto, até ver, na presença da polícia não se deu a agressão».

Entretanto, as declarações de D. Eurico Dias Nogueira contrariam esta versão. De acordo com as suas palavras, também à ANOP, o bispo de Sá da Bandeira (Lubango) havia assistido à cerimónia do encerramento da «Quinzena da Sé Velha», a convite do respectivo pároco, em que também participava um coral que foi alvo de contestação. Ao sair da igreja, o bispo deparou-se com duas delas, à entrada, a gritar palavras de ordem.

«Como não era nada comigo, continuei a avançar.» Mas ao passar, D. Eurico Dias Nogueira recebeu socos e empurrões.

Chegado ao fim das alas, «viu uns polícias a olhar para aquilo». Dirigindo-se a eles, perguntou: «Não há uma palavra a dizer, não há uma atitude a tomar perante este espectáculo tão degradante?» A «resposta» que D. Eurico diz ter recebido foi esta: «Olharam uns para os outros, encolheram os ombros.»

Na ocasião, o bispo levava vestes eclesiásticas «à europeia»: um fato civil e uma camisola preta de onde saia o colarinho branco. Por esta razão, não sabe se terá sido reconhecido como prelado, nem se a agressão terá sido deliberadamente contra um membro da Igreja.

Depois do incidente, D. Eurico Dias Nogueira foi conduzido até ao seu automóvel por pessoas que, entretanto, o reconheceram.

Daniel Viglietti chega hoje

. Por iniciativa da Casa de Solidariedade com a América Latina, o cantor uruguaio Daniel Viglietti chega hoje à tarde a Lisboa a fim de participar em recitais que terão lugar amanhã e depois, respectivamente na Cova da Piedade e na Universidade de Lisboa. No primeiro destes recitais, o celebrado cantor e lutador antifascista uruguaio actuará ao lado de cantores populares alentejanos e, no segundo, com Luis Cília e Carlos Paredes.

EM CAMARATE

A ordem de despejo não se concretizou

. A população de Camarate aglomerou-se, ontem, junto do edifício TP da Rua Heróis de Mucaba, manifestando desta forma o seu apoio a um inquilino que, na passada sexta-feira, foi ameaçado de acção de despejo pelo senhorio.

A ameaça recaiu sobre um dos dezassete elementos da comissão de moradores, cuja acção levou ao abaixamento de cem rendas, com autorização da Câmara de Loures. Ontem à tarde, aquele membro da comissão de moradores dirigiu-se ao Governo Civil onde lhe foi garantido que a situação não se alterará até ao próximo dia 3, altura em que terá lugar uma reunião, na Câmara de Loures, em que as autoridades discutirão o problema dos abaixamentos compulsivos das rendas nesta zona.

De facto, a população, que ronda os cinco mil habitantes, vive em construções clandestinas surgidas logo no início da década de sessenta, embora as rendas tenham atingido os quatro mil escudos. Perante o abaixamento compulsivo levado a cabo pela comissão de moradores, os senhorios recusaram-se a receber as rendas mensais que estão a ser depositadas na Caixa Geral de Depósitos.

O problema da habitação em Camarate aguarda a aplicação do processo S.A.A.L., para cujo efeito foram já legalizadas as expropriações dos vastos terrenos da quinta do Galeão.

Detido suspeito da morte do jornaleiro

PORTO, 25 — Ao meio-dia de ontem foi preso pela Polícia Judiciária um indivíduo sobre quem recaem suspeitas de ter sido o autor da morte de Jorge Manuel Almeida Gonçalves, um jornaleiro que apareceu morto num cubículo do prédio onde funcionou a Mocidade Portuguesa Feminina. A Polícia procurava activamente o jovem agora detido, João Manuel Pereira Ribeiro, por suspeita de assassínio, visto o crânio da vítima apresentar duas fracturas e o jovem, que vivia com ele no cubículo e que era seu companheiro habitual, ter desaparecido após a descoberta do corpo.

Os agentes da P.S.P. incumbidos da missão de prender o suspeito, desempenharam uma acção que os levou a percorrer os arredores da cidade durante várias noites e que terminou ontem, quando o jovem foi descoberto junto do Liceu de Garcia da Orta.

Confrontado com as provas que a Polícia tinha, o jovem confessou ter morto o seu companheiro na madrugada do dia 21 de Abril depois de uma discussão motivada por assuntos relacionados com a venda dos jornais. Ao verificar que o amigo estava morto, tirara-lhe as calças «por serem melhores do que as suas», bem como o relógio e a carteira que continha 370$00. O jovem será entregue hoje aos Juízos de Instrução Criminal.

A C.I.P. EM LONDRES

LONDRES, 26 — (F.P.) — Uma delegação de industriais portugueses, dirigida por Vasco de Mello, presidente da Confederação da Indústria Portuguesa (C.I.P.) avistou-se ontem em Londres com representantes da Confederação da Indústria Britânica (C.B.I.).

A finalidade do patronato da indústria portuguesa é atrair para o seu País investimentos ingleses, sublinhando que a conjuntura económica portuguesa, embora incerta, não deixa de lhes ser favorável.

Comandos fazem exercícios fluviais

. O Regimento de Comandos da Amadora, vai efectuar amanhã, entre as 8 e 30 e as 18 horas, na Lagoa de Albufeira, um exercício de navegação fluvial.

Entretanto o C.I.A.A.C. (Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea de Costa) anda a realizar exercícios na zona Cheleiros-Morgueira-Freiria-Torres

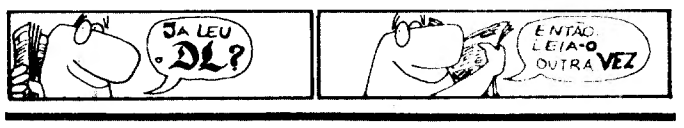
Jornada de confraternização na Marinha Grande

MARINHA GRANDE, 26 — Aproveitando o ferido municipal da vila, as comissões de moradores e de trabalhadores do concelho realizam amanhã, no Pinhal de Leiria, uma jornada de confraternização popular que se presume venha a juntar muitas pessoas. Do programa fazem parte um almoço-convívio, provas desportivas e um programa de variedades com início às 15 horas.

HABITAT

Portugal na conferência da O.N.U.

Uma representação portuguesa constituída pelo engenheiro Correia da Cunha, pelo major Batista Alves, pelo arquitecto Alves de Sousa, e por vários observadores, representará Portugal na Conferência das Nações Unidas sobre estabelecimentos humanos (Habitat). Dos representantes citados, o primeiro partiu hoje para Vancouver e os restantes partirão no dia 31. De acordo com a informação que nos foi dada, «a importância atribuída à conferência resulta não só da natureza dos objectivos que lhe foram atribuídos como do facto de estar dependente dela, em larga medida, uma ampla reestruturação orgânica do Conselho Económico e Social das Nações Unidas».



Nacional

Continuação da pág. 5

ALMEIDA SANTOS E A IMPRENSA ESTATIZADA

xar de ser, segundo as directivas recebidas do Governo de que faça parte (e que mantém intacta a sua competência) e a minha óptica pessoal.

«Abundam decerto por aí as vocações para ministro da Comunicação Social. Não falta quem disponha de abundante capital de certezas (não tanto de ideias) e quem, a partir delas, fulmine de asnática toda e qualquer tentativa de inovação. Não vai pois ser difícil substituir-me. Até lá, sou eu, infelizmente, o ministro. E sendo, só o Governo pode desvincular-me das directivas que me forneceu e das urgências que me impôs. Quanto à minha inata teimosia é tarde para mudar.

FUSÃO DE EMPRESAS E NÃO DE JORNAIS

O ministro Almeida Santos acentua, no terceiro ponto do comunicado, que «antes de mais há que desfazer alguns equívocos que parecem estar na base de certas críticas dirigidas ao projecto».

«O primeiro é o de que se não trata da fusão de jornais, mas de empresas. Logo, sem perda de identidade dos jornais por ela editados.

«Consiste o segundo na tendência para se tomar a parte pelo todo. Outro tanto aconteceu quando recolhi opiniões sobre um projecto de medidas pontuais, logo apodado de «projecto de reestruturação da Imprensa estatizada» e acusado de possuir, entre outros defeitos o do seu limitado alcance.

«Um terceiro consiste na tendência para a imputação ao ministro da Comunicação Social de responsabilidades pelo simples acatamento de determinações do Governo ou de exigências da lei. É o caso da redução do número de jornais estatizados e da fusão das empresas editoras dos restantes, duas a duas, no âmbito da mesma empresa pública. É também o caso dos «famigerados» — assim se lhes chama — Conselhos de Informação, cuja paternidade ainda continua a ser-me debitada, não obstante ter sido amplamente esclarecido que se trata de criação da Assembleia Constituinte, inscrita no texto da Constituição da República, que mal nascida começa, deste modo, a ser insultada.

«Um quarto, e não decerto último, consiste em se raciocinar o sector da Imprensa estatizada sem se tomar em conta a circunstância, de enorme relevo, de ter sido declarado, por despacho do Conselho de Ministros de 18 Agosto 1975, sector em crise.

ESQUEMA DE REESTRUTURAÇÃO

Debruça-se mais adiante o ministro Almeida Santos sobre o esquema de reestruturação da Imprensa estatizada, a qual obedece às seguintes medidas:

«a) A redução a seis dos jornais diários estatizados, através da eliminação dos restantes, se se não revelarem possíveis soluções de alternativa, incluindo a sua reprivatização, que dispensem o erário público do encargo de lhes financiar as perdas.

«b) A reconversão dos trabalhadores da publicidade, através do seu enquadramento numa empresa pública (paralela à da concentração da publicidade da Rádio e da TV) a partir de um novo e mais amplo conceito de publicidade e com canalização preferencial — mas de modo nenhum exclusiva — para os jornais estatizados, da publicidade por ela trabalhada e controlada, nomeadamente relativa às empresas do sector público.

«c) A concentração, no quadro de uma outra empresa pública, dos actuais circuitos paralelos de distribuição, a partir da fusão das actuais empresas «Expresso» e «Regimprensa».

«d) A aprovação de algumas medidas pontuais relativas ao preço dos jornais, à sua publicação ao domingo, à sua tiragem e às suas sobras, ao pluriemprego, ao subemprego e ao horário de trabalho, e eventualmente algumas mais.

«e) O esquema, que em breve será tornado público, de suporte de 80 por cento do custo das taxas de expedição postal das publicações periódicas e de apoio, ainda que modesto à imprensa regional, nomeadamente à que veicula informação para emigrantes.

«f) O aproveitamento de equipamento sobrante para a criação de órgãos de informação regional, que, entre outras justificações, terão a da criação de novos postos de trabalho para os trabalhadores dos jornais deixados de publicar (Época, República e eventualmente outros) e que preferiram ao desemprego em Lisboa a garantia de trabalho nesses órgãos.

«g) «A latere», a criação de uma escola superior de comunicação social, como tentativa de ultrapassagem do amadorismo ou do biscate, e de fomento de qualidade semeando para o futuro.

É deste esquema, globalmente considerado, que se espera algum bem.

«POST SCRIPTUM»

Finalmente, o ministro Almeida Santos faz uma crítica à revisão do Contrato Colectivo de Trabalho elaborado no Sindicato dos Jornalistas — e, após longos considerandos, defende a fusão das empresas acima mencionadas e termina com este «Post Scriptum»:

«É tempo de findar, não obstante o muito que fica por dizer. Apesar de tudo, terá valido a pena o choque vigoroso das opiniões. Pela minha parte estou agora mais esclarecido, embora não menos radicado no essencial do esquema imerecidamente baptizado com o meu nome. Espero que, da parte dos que tão asperamente o criticaram, possa enfim reconhecer-se que não escondo cartas na manga, nem foi concebido com reserva mental. Não é, decerto, um «non plus ultra». Surja outro melhor, em termos de viabilidade, e não se falará mais nele.

«Foi acusado de indiferente aos aspectos não quantitativos do problema. Não o é, nem eu seria a pessoa mais indicada para esquecê-los. As minhas inclinações de jurista levaram-me, às tantas, a chamar a atenção para os aspectos morais do direito de autor num livro que ainda hoje constitui uma voz desgarrada no deserto da defesa da criação artística.

«Simplesmente: há que não esquecer que primeiro se vive e só depois se filosofa. Sem a básica solução dos aspectos materiais do problema não se cogitará dos primores do espírito. Há o mecenato, é certo. Mas ficou ligado a épocas em que os homens se não empenhavam tanto em ser livres e independentes. E já foi levado longe de mais o mecenato do Estado. Estes os motivos por que aparentei ser tão prosaico.

«Resta-me confiar em que os meus opositores encarem esta justificação com o mesmo «fair play» com que encarei os seus reparos.»

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE MADEIRA DO DISTRITO DE LISBOA

— A LUTA CONTINUA!

— GREVE NA QUINTA-FEIRA, DIA 27 DE MAIO!

Apesar das contradições e divergências no seio do patronato que apenas se encontra dividido quanto à melhor forma de explorar os trabalhadores, a verdade é que, até este momento, as associações patronais ainda não reconheceram o nosso **direito a 30 dias de férias e 100 % de subsídio.**

Camaradas! Quando o inimigo recua, há que avançar na ofensiva, reforçando a luta.

Num momento em que os próprios industriais do Sul, após a maciça paralisação do passado dia 21 de Maio, acabam de reconhecer a justeza das nossas exigências e lançam acusações aos seus comparsas do Norte, **impõe-se continuar e intensificar a nossa luta**, com coragem, determinação e unidade, para obrigar o patronato a aceitar os nossos direitos.

Por que razão não havemos de ter direito a 30 dias de férias e 100 % de subsídio, quando estas conquistas estão sendo generalizadas a todas as classes trabalhadoras?

O nosso pão, a nossa saúde e a nossa dignidade não podem ser negociados!

CAMARADAS! **NA PRÓXIMA 5.ª-FEIRA, DIA 27 DE MAIO. VAMOS TODOS, MAIS UMA VEZ, PARALISAR O TRABALHO, EM DEFESA DO NOSSO C.C.T. VERTICAL!**

— VIVAM OS 150 MIL TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE MADEIRA!
— VIVAM A CLASSE OPERÁRIA E TODOS OS TRABALHADORES DE PORTUGAL!
— EM FRENTE PELO NOSSO C.C.T. VERTICAL!
— A LUTA CONTINUA!
— UNIDOS, VIGILANTES E ORGANIZADOS, VENCEREMOS!

Lisboa, 25 de Maio de 1976

A DIRECÇÃO

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria (e Comércio Farmacêuticos

COMUNICADO

As eleições para os Corpos Gerentes do STICF estão marcadas para o dia 26/6/76.

Assim, o Grupo Pró-Eleitoral recorda:

1. Os Cadernos Eleitorais serão afixados na sede e delegações do Sindicato em 26/5/76.
2. Os Cadernos podem ser consultados até 5/6/76.
3. Qualquer reclamação deverá ser feita igualmente até 5/6/76.
4. Uma vez mais se FAZ NOTAR o art.º 73.º dos Estatutos que define quem pode votar:

«Art.º 73.º — Os Corpos Gerentes são eleitos por uma assembleia eleitoral constituída por todos os sócios que à data da sua realização tenham idade mínima de 18 anos, estejam no pleno gozo dos seus direitos sindicais e tenham pago as suas quotas nos dois meses anteriores.»

Camarada:

Se já descontas para o STICF e não te inscreveste, fá-lo urgentemente (até 5/6/76), pois só assim poderás participar na eleição dos futuros Corpos Gerentes.

Obs.: Brevemente serão comunicados os locais onde funcionarão as mesas de voto.

Lisboa, 24 de Maio de 1976.

Pel'O Grupo Pró-Eleitoral
Alberto Fernando M. Camacho
Belarmino Silva

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TEMPORADA DA PRIMAVERA

• **HOJE, 4.ª-feira, 26 de Maio, às 21.00 h.**

CONCERTO CORAL-SINFÓNICO

com o violoncelista

JANOS STARKER

4.ª Sinfonia (Coral) ..... **JOLY BRAGA SANTOS**
Concerto para violoncelo e orquestra **DVORÁK**

Direcção Musical: **SILVA PEREIRA**

ORQUESTRA e COROS DO TEATRO DE S. CARLOS

O Teatro Nacional de S. Carlos orgulha-se de apresentar, no espaço de duas semanas, dois dos artistas geralmente apontados como sucessores do grande Pablo Casals (na sua dupla qualidade de violoncelista e chefe de orquestra). A seguir a **Janos Starker, Maurice Gendron** dirigirá a Companhia de Ópera do Teatro de S. Carlos na **«Spinalba»** de Francisco António de Almeida, não só em Lisboa, a 4 e 6 de Junho, mas também em Espanha (no Festival Ibérico de Badajoz), a 8 de Junho

Teatro da COMUNA — Recomeça amanhã

TELEF. 76 26 24
PRAÇA DE ESPANHA
(METRO PALHAVÃ)

QUATRO SOLDADOS E UM ACORDEÃO

de **Richard Demarcy**
e **Teresa Mota**

Todas as noites às **21.30** — **Domingos, 18 horas**
2.ª feira, descanso da companhia

Trabalho

RETALHISTAS DO PORTO:

Sindicato faz apelo ao Ministério do Trabalho

Os trabalhadores do comércio retalhista concentrados, esta manhã, nas instalações do sindicato, decidiram, com vigor, continuar a greve, procurando juntar a si outros trabalhadores, do sector grossista, que por falta de informação desconhecem que a luta também é deles. No plenário, foi criticada a forma deturpada, como a Imprensa portuense se reportou à sua luta, tendo sido gritado «Não, não, não, à falsa informação». Depois de assinalada a forma consciente e ordeira como os trabalhadores se manifestaram ontem, sublinhou-se a justeza da luta — «luta de sobrevivência» — de que muitos trabalhadores por falta de consciência de classe, estão divorciados.

«Temos de vencer» — salientou um dirigente que depois alertou: «A luta do patronato (que decidiu suspender as negociações do C.C.T.) não é propriamente contra a greve, mas sobretudo contra o nosso sindicato que não concilia com os patrões».

Considerando que a atitude da associação patronal em não aceitar as negociações enquanto durar a greve, constitui «uma descarada recusa de negociar» e que não é mais do que «a tentativa do grande patronato em aproveitar a paralisação a seu favor, contra o pequeno comércio», os trabalhadores decidiram que a direcção do sindicato contacte o M.T., para obrigar o patronato a negociar.

Após o plenário, formou-se uma manifestação com vista a percorrer as artérias mais comerciais da cidade, nomeadamente as ruas do Almada, Mousinho da Silveira e das Flores onde mais se concentra o sector grossista cujos trabalhadores estão ligados ao C.C.T. em causa. Conseguir a adesão de mais trabalhadores para a luta que afinal é de todos, é o objectivo dos manifestantes.

Frise-se que, conforme decisão plenária, os trabalhadores do ramo alimentar voltarão hoje ao trabalho, conscientes das repercursões da sua luta no público consumidor.

Tal como ontem, muitos estabelecimentos encontravam-se hoje com as portas abertas ao público: umas só com patrões, outras até com alguns trabalhadores que por várias razões, sobretudo por falta de consciência sindical ou por comodismo se marginalizaram do processo.

Trabalhadores há, também, que já recebem mais do que aquilo que prescreve a proposta sindical e, embora em notória minoria, é claro que esses se divorciam também da luta.

Em novo plenário, a realizar ao princípio da tarde, os trabalhadores farão o ponto da situação, mantendo-se dispostos a prosseguir a luta pelo cumprimento da tabela salarial já aprovada, em plenário, em Novembro do ano passado.

Setúbal: greve evitável

Os trabalhadores do comércio retalhista do distrito de Setúbal continuam na disposição de entrar em greve nos próximos dias 1, 2 e 3 de Junho, em virtude de as Associações patronais se recusarem a negociar o Contrato Colectivo Semivertical do sector.

Os representantes dos trabalhadores consideraram, no entanto, em conferência de Imprensa, ontem efectuada, que esta greve pode ser evitada «se entretanto os patrões e especialmente os pequenos comerciantes, que no meio de todo este processo têm sido fortemente lesados pelas manobras dos grandes, se opuserem e fizerem valer a razão e os seus justos direitos e interesses sobre o reaccionarismo e o golpismo utilizado por alguns dos maiores».

Sobre as negociações que têm (e não têm) decorrido, afirmaram os sindicalistas da Comissão Negociadora, que «o patronato apresentou uma contra-proposta do tipo horizontal, só para Caixeiros, que os trabalhadores repudiaram». Depois, «decidiu o patronato avançar com uma nova proposta que já englobava os trabalhadores do escritório».

Esta situação conduziu à efectivação de duas greves, de meio dia cada nos dias 15 e 19, que contaram com adesões de mais de 90 por cento dos trabalhadores. E agora surge a hipótese de nova greve.

«Esta greve, no essencial, é dirigida contra os grandes comerciantes» — afirmaram os conferencistas. «É uma greve que vem em reforço da posição unitária que os trabalhadores querem manter através da negociação a nível vertical. Aliás, os contratos verticais são prática corrente em todos os sectores de actividade, não sendo novidade, uma vez que, em 1975, já o Sindicato do Comércio de Lisboa negociou um contrato vertical para o sector retalhista».

HOTELARIA
Mantém-se perspectiva de greve total

Os trabalhadores das unidades hoteleiras sob intervenção estatal mantêm-se na disposição de entrar em greve geral no próximo dia 1 de Junho, levando até às últimas consequências um processo de luta cuja última fase consistiu em formas de greve progressiva.

A luta foi iniciada e é conduzida pelo Sindicato de Faro, distrito onde se situa a maioria dos hotéis com intervenção do Estado, embora tenha apoio total do Sindicato de Lisboa. A principal reivindicação apresentada ao Governo consiste na abolição do contrato colectivo de trabalho que estabelece, para o sector estatizado, uma tabela salarial inferior à dos trabalhadores do sector hoteleiro privado. Em recentes declarações, o sebsecretário de Estado do Turismo considera inviável a equiparação salarial, por incomportável para as finanças públicas, no que é vigorosamente contestado pelos Sindicatos,

SOMAGUE:

Trabalhadores da construção civil solidarizam-se com camarada despedido

Quarenta trabalhadores da construção civil da empresa Somague paralisaram o trabalho durante todo o dia de ontem, numa obra da Avenida da Liberdade, por ter sido despedido um camarada de trabalho por motivos que consideram políticos.

O operário em questão, que foi delegado sindical na empresa Primotécnica, onde trabalhou até ao princípio do mês e desenvolveu actividade para que a administração satisfizesse pagamento de salários atrasados, começou a trabalhar na Somague na quarta-feira da semana passada e na sexta-feira foi despedido, por ordem do eng. Joaquim Brito, responsável da obra. Segundo declarações ao jornal «O Diário», o técnico nem sequer pediu informações ao encarregado da obra sobre a aptidão profissional do trabalhador visado. Ao que parece, baseou-se em «informações externas». Os trabalhadores são de opinião que a fonte «externa» dessas informações é um outro engenheiro da Primotécnica que mantém relações próximas com a Somague e com o próprio eng. Brito, e que a única causa de despedimento do trabalhador, que consideram «um bom artista, profissional competente e educado», foi a sua actividade sindical na Primotécnica.

Ontem, o conflito começou logo de manhã à chegada do técnico responsável pelo despedimento. Em plenário, os trabalhadores exigiram a anulação da ordem de despedimento. Depois de se ter deslocado ao local um oficial da P.S.P., com a incumbência de «libertar» o técnico Brito que, segundo a administração, estava «sequestrado», e na sequência de conversações com a administração, os trabalhadores abandonaram a obra, já de noite. Foi decidido elaborar-se um inquérito com a intervenção da administração, da Comissão de Trabalhadores da obra e do Sindicato da Construção Civil.

VIZELA: MINISTÉRIO PÕE E PATRÃO DISPÕE

Selada há pouco mais de quinze dias por ordem do M. T., a Fábrica Têxtil José Lopes do Vale, de Vizela, Guimarães, foi desselada, na semana passada, pela entidade patronal, o que constitui «gravíssima irregularidade», na opinião da Federação dos Sindicatos Têxteis, Lanifícios e Vestuário.

Declarada a falência da empresa em Dezembro do ano transacto, foi feita a inventariação dos seus haveres, na presença dos advogados. Decidiu-se, então, que o resultado da venda das existências seria distribuído pelos trabalhadores, consoante os seus débitos e antiguidades. No entanto, «três dias após este acordo o patrão manobrou 30 trabalhadores fazendo deles autogestores e pôs na rua 27 operários».

Num telex enviado ao M. T. com conhecimento para o M. A. I. e delegado de Braga do M. T., a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário de Portugal chama a atenção para as irregularidades que estão a ser cometidas. Em «inadmissível desrespeito» pela decisão anteriormente tomada pelo M. T., o patrão continua com a empresa em laboração «retirando inclusive, mercadoria de dentro das instalações, o que constitui grave infracção passível de instauração de um processo-crime». Conforme salienta o documento, esta situação contraria a ordem de selagem da empresa dada por aquele Ministério.

Acrescenta a Federação que a entidade patronal tem contado com o total apoio da G. N. R. de Vizela, que «tem feito «vista grossa» sobre o caso».

Face a esta situação a Federação solicita que, de imediato, seja levantado um processo-crime contra o patrão, «sob pena de os 27 trabalhadores que se encontram fora da empresa virem a ser bastante prejudicados». «A não serem tomadas desde já tais medidas, responsabilizaremos esse Ministério pelas graves ocorrências que de tal acto possam advir».

Por fim, o documento denuncia que o delegado de Braga do M. T. parece mostrar-se conivente com tal situação.

na forja

TRABALHADOR DA ANOP REINTEGRADO

Os trabalhadores da ANOP, reunidos em plenário manifestaram a sua total solidariedade ao trabalhador João Quintas, ao mesmo tempo que repudiaram a actuação da administração que deslocou, despromovendo aquele trabalhador do posto de chefe da secção de pessoal, alegando incompetência profissional.

Depois de a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa, a que João Quintas pertence, se ter deslocado à ANOP, onde entabulou dificeis conversaçoes com a administração, o trabalhador foi reintegrado no seu antigo posto, onde já há tempo se encontrava sem que houvesse queixa da sua alegada «incompetência».

CORONADO: HESITAÇÕES DO M. T.

A Federação dos Sindicatos Têxteis e o Sindicato do Vestuário do Porto, em mensagem enviada ao Ministério do Trabalho, afirmam que «vários dias decorridos após a elaboração de um inquérito aos acontecimentos na «Coronado» e contrariamente ao afirmado em nota oficiosa do M. T. distribuída à Imprensa em 28/4/76» constatam que «é pela via do silêncio e do pactuar com tal situação», que consideram injusta e ilegal, que se pretende «resolver» um problema que põe em causa o emprego de 37 trabalhadoras.

A mensagem manifesta ainda estranheza pelas hesitações «de quem primeiramente deveria dar o exemplo no combate á prepotêncua e ás manobras intimidatórias», pelo que exige do Ministério «uma maior decisão na resolução do problema em causa».

I. N. E. FAZ GREVE PROGRESSIVA

Com uma paralisação dos serviços das 11 às 15 horas, os trabalhadores do Instituto Nacional de Estatística iniciaram hoje uma greve progressiva, decidida ontem em Assembleia Geral, como forma de luta para obterem satisfação a reivindicações que há muito vêm fazendo.

Os trabalhadores pretendem fundamentalmente que lhes seja concedido um subsídio de almoço da ordem dos 50, 40 e 30 escudos, numa proporção inversa à dos vencimentos auferidos.

O calendário de greve envolve, amanhã, paralisação das 11 às 16.30 horas; sexta-feira, das 10 às 17.30; no sábado, toda a manhã, ou seja o período de trabalho desse dia. Na próxima segunda-feira a paralisação durará até às 14 horas, altura em que reunirá de novo a Assembleia Geral, para se pronunciar sobre a eventualidade de greve total.

C.C.T. DO RAMO AUTOMÓVEL

A Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos, face às dúvidas que se têm levantado quanto ao C. C. T. do ramo automóvel (importadores, agentes e vendedores) esclarece numa nota que aquele C. C. T. «abrange apenas as empresas filiadas na A. C. A. P. — Associação de Comércio Automóvel de Portugal — que se dediquem exclusivamente à comercialização de veículos automóveis e acessórios» e ainda que «são abrangidos pela Portaria de Regulamentação Colectiva para a Indústria Metalúrgica e Metalomecânica todos os trabalhadores ao serviço de empresas que, embora filiados na A. C. A. P., tenham actividade de montagem ou reparação de veículos automóveis».

AGENTES DE NAVEGAÇÃO EM GREVE

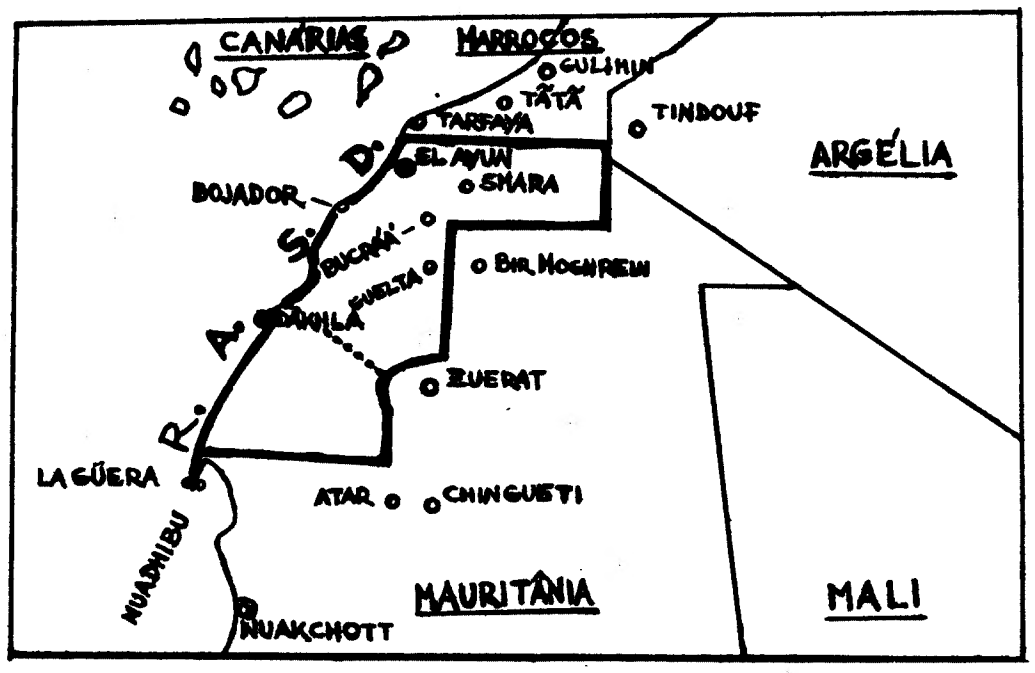
Os agentes de navegação e transitários entram amanhã em greve a nível nacional, na sequência da rotura das negociações do C.C.T. entre os representantes dos trabalhadores e o patronato. Segundo informações da Comissão de Luta dos Trabalhadores, os patrões queriam protelar a discussão de cláusulas que os trabalhadores consideram fundamentais.

Amanhã, em plenário, os trabalhadores decidirão qual a forma de a luta prosseguir.

DIFICULDADES PARA O C.C.T. DOS AJUDANTES DE FARMÁCIA

Prosseguem no Ministério do Trabalho as negociações para o C. C. T. dos Ajudantes de Farmácia, no âmbito das quais decorreu a segunda reunião do grupo de trabalho para análise da situação económica do sector. Segundo um dirigente do Sindicato do Sul, «as dificuldades encontradas pelo grupo de trabalho devem-se aos dados deturpados a que se tem acesso, fruto quer da fuga ao fisco, quer da adulteração dos inquéritos, quer ainda à insuficiência da amostragem.

Estrangeiro



Sara Ocidental. A linha tracejada representa a nova fronteira entre Marrocos e a Mauritânia depois do acordo de Rabat

Sara Ocident
Como chegar

FERNANDO ANTÓNIO ALMEIDA

. Num comunicado militar publicado há dias, a Frente Polisario estabelecia o balanço das perdas marroquinas durante a segunda quinzena de Abril. Aí se anunciava que as forças marroquinas tinham tido 311 mortos, 344 feridos, 4 prisioneiros, 48 veículos de transporte e um blindado destruído. O comunicado citava cerca de 20 acções — ataques, emboscadas, minas, situando com precisão os locais aonde tinham tido lugar — tanto no Norte do Sara Ocidental como no Sul de Marrocos (o que se explica pela proximidade da fronteira argelina). Além dum ataque à cinta de fosfatos de Bucraa, destacava-se sobretudo o ataque a El-Ayun no dia 24 durante o qual teriam sido destruídos dois quartéis e um depósito de munições, causando 65 mortos marroquinos e outros tantos feridos. A explosão das minas colocadas nos eixos rodoviários que levam à capital teriam ocasionado a destruição de três veículos militares e provocado 8 mortos e 12 feridos.

O balanço deste como doutros comunicados que a F. Polisario vai publicando deixa o observador bastante surpreendido, quase perplexo.

Com efeito as condições para levar a cabo uma guerra de guerrilha no Sara Ocidental parecem bastante desfavoráveis: população escassa, natureza desabrigada do terreno, longas distâncias, difíceis condições de vida e raridade de pontos de água. Calcula-se que entre 50 e 70 por cento da população saraui — estimada num total de 100 000 pessoas — se encontrem refugiadas na Argélia, instaladas em campos de refugiados. Das populações originárias da zona de ocupação mauritaniana apenas cerca de um terço dos 15 000 que a constituíam teriam abandonado o território. A grande maioria dos refugiados provém da zona marroquina. Por exemplo El-Ayun, que no tempo do domínio espanhol contava mais 15 000 habitantes transformou-se numa cidade deserta e Smara, a capital religiosa do Sara Ocidental, ficou reduzida a 500 dos seus 7600 habitantes. Frente às acções de guerrilha do Polisario, as tropas marroquinas fizeram alvo de tudo o que desse sinal de vida: poços, animais, tendas, pessoas. O êxodo alargou-se. Os próprios campos, ainda no território saraui, aonde se iam concentrando os refugiados eram bombardeados. O «napalm» era utilizado com profusão.

Por outro lado a natureza do terreno não contribui para facilitar as operações de guerrilha. Ainda no tempo em que o inimigo era o exército espanhol tivemos ocasião de penetrar no território saraui e percorrer algumas centenas de quilómetros com os guerrilheiros. A paisagem que continua o território argelino e mauritaniano é impressionante. Nesta zona, como aliás na maior parte do Sara Ocidental, as dunas são raras. Um solo pedregoso, por vezes plano, algumas elevações cobertas de pedra seca. Um ou outro arbusto espinhoso. Nada aparentemente que possa servir de abrigo ou de camuflagem. Mas, mais ao Sul, onde o maciço de Guelta atinge uma altitude máxima de 740 m as condições são mais favoráveis.

Para vencer as distâncias, para conseguir maleabilidade e rapidez a guerrilha está motorizada. O «land-rover» faz 70 ou 80 km/h nas pistas pedregosas do deserto. É o que permite explicar, em grande parte a profundidade de penetração dos guerrilheiros (El-Ayun, Tâtã), que com um conhecimento perfeito do terreno aproveitam sobretudo a noite para se deslocarem. Mas, «land-rover», conhecimento a palmo do terreno, bases seguras na retaguarda, serão suficientes para aguentar uma guerrilha prolongada?

. Diz o Polisario: «A nossa ofensiva deste Verão vai ser decisiva. O Verão é a nossa época das chuvas». Difícil imaginá-lo para quem nasceu noutros climas: a temperatura média máxima em Tinduf é em Junho de 39°, em Julho 45, em Agosto 43 e em Setembro 38. Em Julho e Agosto a média mínima é de 25°! A extraordinária capacidade de resistência do homem do deserto, habituado a viver com nada, pode fazer o impossível. Mas tanto...

É certo também que a ALN (Exército de Libertação Nacional) saraui possui hoje armamento de 1.ª ordem: Kalachnikoff, bazukas, Sam 7 individuais, morteiros, etc., e que os seus efectivos foram reforçados com a maioria dos 2000 militares sarauis integrados nas tropas territoriais espanholas, militares bem treinados e bem conhecedores do terreno que se vieram juntar aos 2000 (?) combatentes do Polisario (1). Mas será isto suficiente para vencer a batalha da libertação?

A BATALHA DIPLOMÁTICA

Reunido em Maputo de 19 a 24 de Janeiro deste ano, o Comité de Libertação da OUA decidiu recomendar o reconhecimento da F. Polisario como movimento de libertação. Mas já a 26.ª sessão da conferência ministerial da OUA reunida um mês depois em Adis-Abeba, foi incapaz de tomar uma decisão (2). A favor do reconhecimento votaram 17 países contra nove. Mas a maioria (21) absteve-se, talvez para evitar nova crise, depois da provocada pelo reconhecimento de Angola; tanto mais que Marrocos e Mauritânia ameaçavam retirar-se da organização em caso de voto favorável ao Polisario. As tentativas de mediação da Liga Árabe entre as **capitais** maghrebinas, ignorando o povo saraui, soldaram-se por um fracasso. Reunida em Março no Cairo, a Liga absteve-se de discutir o problema para não provocar divisões no seu seio. Roída por contradições — como poderia a Liga conciliar países directamente do imperialismo «yankee» (Arábia Saudita, Abu Dhabi, Koweit...) com o povo saraui e aqueles que o apiam? Se países como a R.D. do Yemen, a Somália, a Líbia, a Argélia, manifestam em graus diversos o seu apoio ao povo saraui, a grande maioria dos países árabes prefere esquecê-lo e aceitar a partilha marroco-mauritaniana, para evitar mais divisões no já tão dividido mundo árabe.

A tentativa de criar na zona um consenso em favor da autodeterminação do povo saraui tão pouco tem dado resultados apreciáveis. Enquanto o Senegal é decididamente pró-anexação, embora colocando-a num quadro mais vasto de colaboração maghrebina e tentando muito «senghorianamente» uma impossível mediação, o Mali prefere jogar também o papel de intermediário. Se o Mali (como o Niger que tem uma posição mais pró-saraui) entende estreitar os seus laços com Argel, nomeadamente comerciais, beneficiando da estrada trans-sariana que o exército argelino está a construir, nem por isso o Governo de Bamako saiu da sua neutralidade. Dos restantes países árabes do Maghreb, Tunísia e Líbia, o primeiro é francamente pró-marroquino e dá a entender também que algo do seu Sara foi incorporado na Argélia. A Líbia tem uma posição à primeira vista clara: ajuda em armas, dinheiro e víveres ao Polisario, recentes encontros entre Kaddafi e Boumediéne, com declarações de unidade entre os dois países, a afirmação do dirigente líbio de que o seu país não ficaria de braços cruzados perante a agressão, etc.

A posição da Líbia é todavia mais complexa. Tentada pelo sonho da união árabe, a Líbia, que já sofreu dois revezes quando se «uniu» ao Egipto e depois à Tunísia, não vê com bons olhos a fragmentação política do mundo árabe e consequentemente a formação dum novo Estado no território do Sara Ocidental. Se a sua política tem sido de hostilidade sistemática ao regime de Hassan II, o mesmo já não sucede em relação à Mauritânia. Kaddafi está mesmo ajudando Uld Daddah para impedir que a influência marroquina (e também imperialista) na Mauritânia atinja demasiadas proporções. É o que explica que até hoje a Líbia não tenha reconhecido a RASD (República Árabe Saraui Democrática), com o pretexto de que já reconhece o Polisario e com quem está de alma e coração.

Além disso um outro factor pesa na balança. Se bem que Argélia e Líbia mantenham as melhores relações não esqueçamos que o coronel Kaddafi tem uma visão teocrática do socialismo (tudo está no Islão) e é visceralmente anticomunista. Ora, apesar do que possa parecer a muita gente, o regime argelino não corresponde de maneira nenhuma às exigências de purismo religioso de Kaddafi. (Nas emissões radiofónicas da Arábia Saudita e dos emiratos do Golfo Pérsico fala-se, para designar o regime, dos «comunistas argelinos»). Sabendo com quem lida, dizia Hassan II numa mensagem enviada em Março a Kaddafi: «Dispomos de provas e de documentos irrefutáveis que demonstram que se preparava para fazer do Sara uma base comunista, a partir da qual um movimento revolucionário manipulado pelo Polisario e certos oficiais espanhóis podia reeditar o que se passou em Portugal».

O jogo diplomático anuncia-se pois difícil. Tanto mais que a missão da ONU que tinha preconizado a realização dum referendo popular para decidir o futuro do território, se revelou inoperante diante do facto consumado da partilha do território (3). O próprio Governo espanhol que se mascarava detrás dum certo legalismo, acaba de aceitar a anexação, pela voz do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Areilza, que declarou que considerava o caso do Sara como um assunto encerrado. E a recusa de Rabat e Nuakchott em receber em Abril Olof Rydbeck, o emissário especial de Kurt Waldeheim, parece ter fechado a porta a uma solução provinda da ONU.

Na noite de 27 para 28 de Fevereiro era proclamada em Bir-Lahlú a República Árabe Saraui Democrática (RASD). Esta iniciativa prematura explica-se pela necessidade de preencher o vazio político-administrativo criado pela retirada da Espanha — potência administradora perante a ONU — do território, no dia 26. Mas os dirigentes sarauís não tinham ilusões: de facto a RASD só foi até hoje reconhecida por uma dezena de países e a sua existência só terá significado quando a luta armada atingir um nível superior. E, não obstante a combatividade dos guerrilheiros sarauís, esse nível parece ainda estar longe de ser atingido.

Mas esforço diplomático não se tem limitado a contactos com Estados. Várias são as organizações de oposição ou movimentos de libertação que têm manifestado o seu apoio ao Polisario. Nomeadamente quase todos os partidos e organizações da oposição espanhola, o PC e o PS franceses, a CGT francesa, a Frente Popular de Libertação de Oman, etc., para já não falar dos encontros de membros da RASD com personalidades como Giap ou Fidel Castro.

DESTABILIZAR OS REGIMES INVASORES?

Como quer que seja a solução do problema passa prioritariamente pela luta armada. Mas não só. Os dirigentes sarauis parecem apostar fundamentalmente na conjunção de dois factores: luta militar e destabilização dos dois regimes, marroquino e mauritaniano. Não uma destabilização à americana, evidentemente, à imagem do que se passou em Portugal; mas como resultado da guerra que levaria a uma agudização das contradições de cada um destes regimes, capaz de provocar uma ruptura no seu seio.

Para a defesa do Sara, a Frente Polisari

MARROCOS O INIMIGO MAIS FORTE

Vejamos o problema mais em pormenor. No comunicado que citamos no início deste artigo verifica-se facilmente que a quase totalidade das acções militares do Polisario foi levada a cabo contra o exército marroquino tanto na zona ocupada como no próprio extremo Sul de Marrocos, enquanto que nenhuma é citada contra as tropas mauritanianas. Num outro balanço de seis meses de combates, publicado em 12.5.76, tanto o número de acções como o número de baixas sofridas pelos exércitos invasores são muito mais elevados para Marrocos do que para a Mauritânia. Se a proximidade do «santuário» argelino explica muito deste desiquilíbrio, existem outros factores a tomar em conta que talvez tenham mais que ver com uma estratégia global que as «bases seguras» da Argélia.

Com a «marcha verde» o rei Hassan II conseguiu, talvez pela primeira vez no seu acidentado reinado, a unanimidade do povo marroquino à volta da recuperação dos «territórios espoliados» do Sara. Unanimidade do povo e dos partidos da oposição num vasto leque que engloba, como referimos em artigo anterior, o próprio Partido Comunista Marroquino, o Partido do Progresso e do Socialismo. Porquê este rei, cujo poder tem sido constantemente contestado por todas as forças que hoje o apoiam conseguiu delas esta fidelidade, quase diríamos, canina? Este rei que tem prendido, condenado, fuzilado, dezenas, centenas, milhares de opositores? Basta lembrar o assassinato de Mehdi Ben Barka em Paris. Basta lembrar as tentativas falhadas de assassinato do rei no palácio de Skhirat em 1971, no céu de

tal
r à independência?

Guerrilheiros da Frente Polisário: um povo em armas pela libertação total

Kenitra em 1972, para recordar a oposição violenta dos militares ao chefe do Estado.

A necessidade, por um lado, de não ir contra a corrente participando assim no golpe demagógico de Hassan II de mobilização popular à volta da recuperação do território usurpado (que nos recorda os territórios «usurpados» à Alemanha e «recuperados» por Hitler), e uma certa forma de «realismo», por outro, «realismo» hoje tão na moda e que consiste em aceitar o império dos imperialismos, explicam a submissão oportunista da oposição marroquina ao rei e aos Estados Unidos, para quem o feudo marroquino se deve alargar ao Sara por razões de estratégia económica e militar que lhes permitirá controlar não só a charneira da entrada do Mediterrâneo, como também conseguir através do Sara um «corredor» em direcção dos poços petrolíferos de Argélia e Líbia e a possibilidade de atacar estes dois países «pelas costas». O que é certo é que Hassan reina como selhor absoluto, redentor de mais de **dois terços** da pátria que lhe faltava recuperar, com o consenso dos seus súbitos, apenas contestado por uma franja limitadíssima da oposição.

Para já o ponto frágil do regime são os militares destacados para o Sara. Encerrados em campos fortificados, passeando-se por cidades fantasmas, os militares marroquinos em boa parte desempregados alistados para sobreviver, ou forçados compulsivamente a alistar-se, mal preparados tecnicamente, transportados para uma região hostil, sofrem do isolamento, do clima, do desfazer para muitos duma miragem. A propaganda oficial dizia-lhes que os sarauís eram os seus irmãos reencontrados, que seriam acolhidos como libertadores. Mas à medida que avançavam as populações fugiam. E os militares marroquinos viram-se obrigados a comportar-se como qualquer exército colonial: para isolar o inimigo perseguiam as populações, para obter informações torturavam. E os mesmos males de todo o exército colonialista os atacaram: o inimigo invisível, o isolamento, a insegurança, a tensão psicológica. Tradução: cansaço, falta de combatividade. E o Polisario regularmente atacando, sem se saber onde nem quando. A própria capital El-Ayun, foi alvo de dois ataques recentes a poucos dias de intervalo. No primeiro, segundo o comunicado do Polisario, foram destruídos dois quartéis e um depósito de munições, além de três viaturas vítimas das minas colocadas nos eixos rodoviários que levam à capital. O segundo, uns vinte dias depois, em 11 de Maio, mais potente do que o primeiro, segundo o jornal espanhol «Arriba», teria provocado várias explosões graças ao fogo dos morteiros e armas pesadas utilizados pelos guerrilheiros.

...ário toda a população: incluindo crianças

MAURITÂNIA — O ELO MAIS FRÁGIL DA CORRENTE?

Em relação à Mauritânia o problema põe-se duma maneira completamente diferente. Os laços que unem os mauritanianos são numerosos. Enquanto que Marrocos constitui uma entidade nacional bastante vincada, com características comuns à zona norte/ocidental da Argélia (Oran, Tlemecen, etc.), a região sariana diferencia-se completamente de Marrocos, da mesma maneira que o Sul do Norte da Argélia. Por etnia, modo de vida, cultura, as populações árabo-berbéres da planície ou da montanha maghrebina, formam uma entidade à parte.

É inegável que a integração do Sul sariano na Argélia foi um artifício inventado pelos franceses por razões estritamente colonialistas. Mas a legitimidade dum Sara argelino, que nasce dum traçado de fronteiras coloniais, acabou por ser consagrada pela luta de libertação nacional a que as populações sarianas não foram alheias, tal como hoje acontece no Sara Ocidental. Ora quando em 1957, depois da independência de Marrocos, o povo saraui se insurgiu e, aliado ao exército de libertação marroquino começa a atacar as tropas coloniais espanholas, a monarquia alauíta decide a dissolução do grupo Sul da ALN e a sua integração no exército real, cortando assim o apoio aos combatentes sarauís que acabaram por fracassar.

Exceptuadas as populações negras das bordas do Senegal não há praticamente diferenças etno-culturais entre mauritanianos e sarauís. Tanto assim que Marrocos, ao reivindicar o Sara, reivindicava também a Mauritânia como parte do conjunto sariano. Um dos grandes grupos em que estão divididos os nómadas Rguibat, os Rguibat do Sahel (do Oeste), estende-se por uma zona que abrange parte do Sara Ocidental e parte da Mauritânia, por exemplo. À diferenciação etno-cultural que separa marroquinos e sarauís opõe-se a identidade entre sarauís e mauritanianos. Identidade que se manifesta inclusive no domínio político. É assim que, a um nível de dirigentes, o actual ministro dos Negócios Estrangeiros da RASD, Hakim Ibrahim, é um antigo diplomata mauritaniano, e que Ahmed Baba Miské, membro da comissão política do Polisario, e seu porta-voz, foi representante da Mauritânia junto das Nações Unidas.

Ora a guerra que opõe o Polisario à Mauritânia invasora, ressente-se precisamente deste facto. As afinidades entre os combatentes sarauís e os militares mauritanianos, apesar dos reduzidos efectivos destes últimos — o exército mauritaniano conta apenas 5000 homens — quebrou a força de choque do Polisario e fê-lo sofrer sérios revezes. A população do Sul do Sara Ocidental não reconhece nitidamente, como a do Norte, no exército que se instala um exército de invasores estrangeiros, limitando assim o apoio ao Polisario e diminuindo a capacidade de combate dos guerrilheiros. Em compensação as deserções — em seis meses de combate, o Polisario anuncia a deserção de dez soldados marroquinos e de 65 mauritanianos — são muitos mais numerosas na frente Sul, apesar do grosso das acções ter lugar na frente Norte. E dos comunicados do Polisario parece depreender-se que os enfrentamentos com o exército mauritaniano são sobretudo motivados pela necessidade de libertar a pista que, vinda de Tinduf, entra na Mauritânia, por Ain Bentili e Bir Moghrein (lugares de recontros, segundo o comunicado), e penetra no Sara Ocidental por Guelta Zemmur, zona de ocupação marroquina, e leva à estrada de Bucráá — El Ayun. Isto é pela necessidade de tornar operacional um eixo de comunicação que permita atacar as tropas marroquinas. Outro objectivo dos guerrilheiros tem sido a linha férrea que transporta o ferro mauritaniano das minas de F'Derick-Zuerat ao porto de Nuadhiba, objectivo sobretudo económico, portanto. O que se traduz por uma relativa acalmia na frente Sul que não tem sido vista com bons olhos por Marrocos.

. Tendo em conta esta situação destabilizar o regime mauritaniano pode vir a constituir uma saída arrojada para o problema. Vejamos o problema de mais perto. Reforçar um exército, comprar armas à França, custa caro. A par da inevitável viragem à direita nas relações internacionais, a direita mauritaniana começa a recuperar as posições perdidas. O corte com a Argélia — que apoiou a fundo a iniciativa mauritaniana de nacionalizar as minas de ferro da Miferma em 1974, e a aproximação a Marrocos pode também criar problemas internos. A Mauritânia também não ignora a dura batalha que teve de levar a cabo contra as pretensões anexionistas de Marrocos que, sengundo o líder marroquino El Fassi, faria parte integrande do reino marroquino, cuja fronteira Sul tinha por limite o rio Senegal: «a Mauritânia tem muito mais que temer o expansionismo marroquino, de limites flutuantes, que uma Argélia cujo apoio ao Polisario visa sobretudo contrariar este expansionismo» (na opinião de um militar francês antigo oficial do exército mauritaniano (4).

UMA NOVELA DE FICÇÃO POLÍTICA...

Com todos estes dados poderíamos imaginar várias novelas de ficção política possíveis. Uma delas poderia ser assim: — A situação económica da Mauritânia, como resultado do esforço de guerra, degrada-se. Simultaneamente a direita fortalece-se. O mal estar social e a desilusão dos jovens, que tinham aderido à política progressista de Uld Daddah, reduzem a base social de apoio ao regime. Com a partilha do Sara Ocidental, este estado-tampão desaparece e as tropas marroquinas encontram-se pela primeira vez instaladas no outro lado da fronteira mauritaniana. Para lutar contra a Polisario que utiliza o Norte da Mauritânia como ponto de passagem para atacar Smara, Bucráá e El-Ayun, as tropas marroquinas ocupam os pontos estratégicos fundamentais do Norte da Mauritânia, o que cria a insegurança dentro dos meios dirigentes mauritanianos. A guerra prolonga-se. A crise interna do regime de Nuakchott leva-o à sua queda (ou a um compromisso com o Polisario, em virtude das pressões internas). O novo governo, favorável ao Polisario, aceita a criação de uma Federação entre a Mauritânia e a RASD. Esta dispõe pela primeira vez dum território libertado, reconhecido juridicamente: a zona que coube em partilha à Mauritânia. Para vencer a guerrilha, Marrocos ataca indiscriminadamente a RASD e a Mauritânia, dispersando as suas forças por um vasto território. O Estado Federado Mauritânia-RASD apela para os países amigos. Com a entrada em cena da Argélia e da Líbia a tensão cresce ao máximo. Intervenção das organizações internacionais ONU-OUA-Liga Árabe... e fiquemos por aqui.

COM UMA BASE REAL...

Mas não sem citar as declarações de dois responsáveis sarauís que, como por acaso, são também mauritanianos e de quem já falámos. As suas palavras ajudam a entender melhor a nossa novela. Primeira citação: duma entrevista de Bábá Miské ao jornal inglês «Observer» — «Esta guerra poderia agir como um catalizador através de todo o Maghreb. Os mauritanianos, com os seus laços raciais e culturais com os sarauís, são contra a guerra e temem os objectivos expansionistas de Marrocos. O Governo é fraco e a ruptura pode surgir a todo o momento».

Segunda citação: duma entrevista de Hakim Ibrahim ao jornal argelino «Le Moudjahid» . Na Mauritânia as forças da F. Polisario puderam já ocupar sem dificuldades cidades do interior. Era só um aviso para trazer à razão os dirigentes de Nuakchott que ousam falar de 'estabilidade'. Será lógico que as tropas marroquinas, calculadas em 30 000 soldados, sofram continuamente os assaltos das nossas forças populares que lhes causam muitas perdas, enquanto que o exército mauritaniano não é inquietado? Posso-lhe assegurar que as forças populares podem ocupar o Norte da Mauritânia em 24 horas. Não o queremos fazer, em primeiro luar, para não fazer suportar ao povo mauritaniano a sorte que Nuakchott nos impõe, em cumplicidade com um inimigo comum: o expansionismo marroquino. Depois, porque se nós ocupássemos as cidades do Norte da Mauritânia, seria o povo irmão mauritaniano, os civis inocentes, que sofreriam as consequências dos combates».

Terceira citação: duma entrevista de Bábá Miské à revista «Jeune Afrique» — «Grandes afinidades, laços étnicos existem entre sarauís e mauritanianos... Mas a Mauritânia preferiu entender-se com o regime marroquino. Na nossa opinião é uma opção muito má. As condições de aproximação? Elas existem se o Governo mauritaniano pára a guerra, se separa do trio de Madrid... e inicia a discussão com o povo sarauí».

(1) Os números avançados actualmente pelos dirigentes sarauís falam de 7 a 8000 homens e armas.

(2) Como conciliar esta irresolução com dois dos princípios de base da OUA — o direito à autodeterminação e a intagibilidade das fronteiras legadas pelo colonialismo?

(3) Realizada conforme o acordo tripartido de Madrid em 14.11.75 — e não em Outubro como já escrevemos por lapso. Entretanto Marrocos e Mauritânia acabam de definir e ratificar o traçado da nova fronteira que passa ao Norte de Dekhla (ex-Villa Cisneros) e segue em linha oblíqua em direcção de Zuerat, na Mauritânia. O acordo foi assinado em Rabat em 14 de Abril.

(4) F. Beslay, no «Monde» de 6.1.76.

Estrangeiro

Aspecto parcial da assistência ao festival da FACUM

FESTIVAL EM MADRID

50 mil jovens entoaram "Grândola Vila Morena"

RAFAEL J. CLAUDIN

Cerca de 50 mil jovens ratificaram com a sua presença um acto político de massas, onde se plasmaram as aspirações comuns de todos os povos que convivem na Península Ibérica.

Apesar de se ter apresentado às autoridades como um festival folclórico, a simples menção dos possíveis participantes criou numerosas dificuldades aos organizadores para obter as autorizações necessárias. Só à última hora, e com grandes limitações ao inicialmente previsto, é que a FACUM (Federação de Associações Culturais da Universidade de Madrid, organizadora do espectáculo) pôde distribuir as convocatórias.

O carácter político do festival, que acabou por se transformar num verdadeiro comício, ficou patente desde os primeiros momentos, quando se apresentaram representantes das diversas culturas existentes — legal ou clandestinamente — em todo o território do Estado espanhol. Assim, estiveram presentes: o valenciano Raimon, o catalão Pi de la Serra, os bascos Unsain e Mikel Laboa, os galegos Miró Casabella, Bibiano e Benedicto, os portugueses Fausto e Vitorino, o andaluz Manuel Gerena, os castelhanos Julia Leon, Luis Pastor, Elisa Serna, o grupo La Fanega, Daniel Vega e Manuel Rodriguez, os aragoneses do grupo la Bullonera e Antonio Labordeta, os canários Juan Carlos Senante e o grupo Taburente Folk.

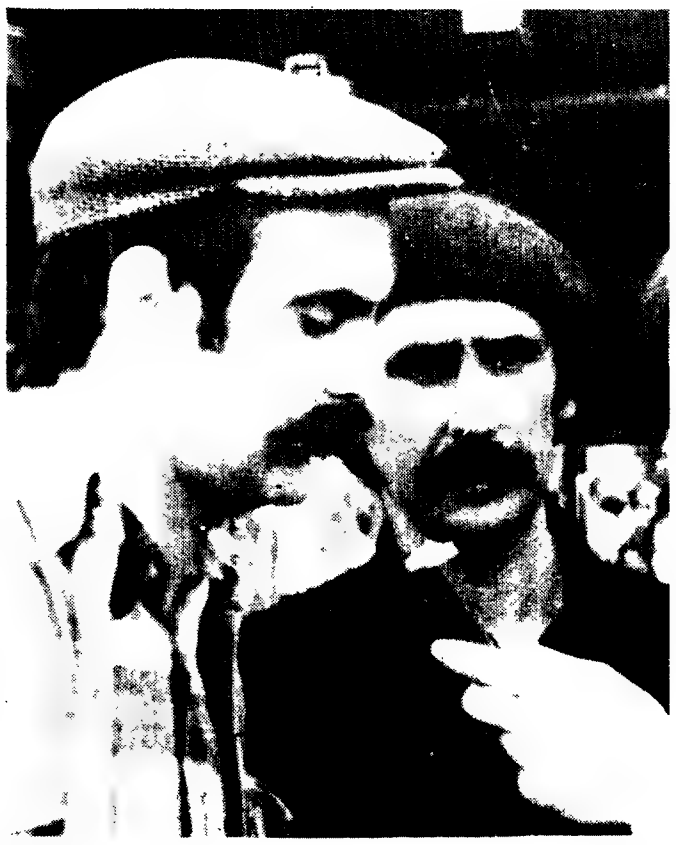
Ouviram-se letras de canções e poemas há muito proibidos — algumas delas com referências expressas à situação política espanhola e que nomeavam especificamente Marcelino Camacho. O recinto estava repleto de bandeiras de todas as nacionalidades do Estado espanhol e de diversos partidos políticos. Em bancas montadas entre a multidão vendia-se todo o género de livros e programas políticos em diferentes línguas. Tudo isso de acordo com a convocatoria clandestina na qual se salientava a necessidade de «a Universidade se fazer eco das manifestações culturais realizadas nas diferentes nacionalidades do Estado espanhol que se têm mantido e continuam a manter-se à margem da cultura universitária».

O entusiasmo do público foi tal que nem uma fina chuva que caiu em abundância foi suficiente para fazer levantar os espectadores sentados num chão empapado. «A chuva de Fraga não nos apaga» entoava-se então em coro.

Fausto e Vitorino, os representantes portugueses, subiram ao estrado a meio da tarde. E cantaram várias canções. Como Vitorino me disse, ele e Fausto ficaram impressionados com a imensa multidão que enchia por completo o «campus» da Universidade Autónoma de Madrid. «Isto tem de se saber em Portugal. Deve dar-se a mais ampla publicidade a este acontecimento» — dizia Vitorino visivelmente emocionado. Segundo confessaram, o momento que mais os impressionou foi aquele em que começaram a entoar «Grândola, Vila Morena» e viram que toda a gente se pôs de pé e de punho erguido contava com eles todas as estrofes da canção.

A Polícia que vigiava o espectáculo foi uma constante ameaça de intervenção, que acabou por não se verificar.

Basta dizer que 75 por cento das receitas do festival foi distribuído por todos os artistas que actuaram, e 25 por cento destinou-se a um fundo que servirá para financiar espectáculos semelhantes. Todos os que assistiram a esta jornada têm esperança de que outras se vão realizando sucessivamente nas diversas regiões ali representadas.



Fausto e Vitorino — a presença portuguesa no festival que congregou representantes de todos os povos da Península Ibérica

MOBILIÁRIO, MÁQUINAS, UTENSÍLIOS, ESCRITÓRIOS, ATELIER, POSTO MÉDICO
DE GR. EMPRESA DE PUBLICIDADE

LEILÃO

Por motivo de encerramento será vendido pela maior oferta, a importantissima montagem

AMANHÃ, 5.ª-FEIRA, DAS 15 ÀS 20 HORAS
AV. CASAL RIBEIRO, 17 — LISBOA

Moderno Mobiliário Metálico e Madeira, para escritórios de categoria (10 gabinetes, salas de espera e de reuniões). Moderníssimas Máquinas. Máqs. e utensílios do Atelier de Desenho e Fotográfico. Posto Médico (mobiliário e utensílios). Refeitório (com todos os utensílios máquinas e móveis próprios para indústria hoteleira). Biblioteca (com colecção do Diário do Governo de 1921 a 1975, Diário das Sessões, Código do Processo Comercial e muitos outros de grande interesse). Artigos Eléctricos, Estofos e Diversos, (enorme quantidade de artigos adaptáveis também a fins domésticos): frigoríficos, televisão, gravadores, condicionadores, alcatifas, caloríferos, ventoinhas, sofás-cama, maples, divisórias, reposteiros e muitos outros artigos indiscrimináveis que estarão

EM EXPOSIÇÃO, AMANHÃ, DAS 10 ÀS 13 HORAS

SOC. DE LEILÕES AV. DUQUE DE LOULÉ, Nº 1 Telfs. P.P.C. (9 Linhas) 552929 - 51478 - 47018/9 AFRAFILHOS, Lda

CROMOS

TROCO E VENDO

de todas as colecções modernas e antigas: Wicky, Notas, Moedas e Bonistória, Tudo, Porquê das coisas, Maravilhas de Portugal, Pipi, etc.

TAB. NAU
Rua Martins Sarmento, 52-A
LISBOA-1
Pedidos pelos CTT.
Envie 5$00 em selos.

A COMPANHIA DO
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
TELEF. 286 69 24
APRESENTA A PARTIR DE HOJE, 26 DE MAIO NO
TEATRO GIL VICENTE EM CASCAIS
TELEF. 28 05 22
TODAS AS NOITES ÀS 21.15 HORAS

A ÓPERA DE TRÊS VINTÉNS

DE BERTOLD BRECHT
KURT WEILL

TEXTO PORTUGUÊS DE M.º MANUEL TINOCO

Com ALINA VAZ ANTÓNIO FEIO ANTÓNIO MARQUES CARLOS MOURATO ELIZA DE GUIZETTE EUGÉNIA BETTENCOURT FERNANDO CORTE-REAL FERNANDO GOMES FILIPE LA FÉRIA ISABEL DE CASTRO JOÃO MEDINA JOÃO VASCO JOSIAS INSENSÉ LEONOR LAINS MARIA ALBERGARIA MARÍLIA COSTA SANTOS MANUEL WLADIMIR FRANKLIN
Colaboração de ÁGUEDA SENA MARIA PINTO NATÁLIA VIANA RUI CARDOSO YVETTE CENTENO
JOHN COLLINS JOSÉ R. DE BRITO RENATO R. FERNANDES ALICE FERRUGEM CARLOS ALBERTO JOSÉ AUGUSTO JOSÉ RIBEIRO
Realização plástica de MARIA HELENA REIS
Encenação de CARLOS AVILEZ
Não aconselhável a menores de 13 anos

Estrangeiro

Em vez do embaixador raptaram a filha

CIDADE DO MÉXICO, 26 — (F.P.) — Eleva-se a 800 mil dólares — e não a 400 mil, como anteriormente se dera a entender — o montante do resgate exigido pelos raptores de Nadine Chaval, filha do embaixador da Bélgica no México, ontem raptada por dois homens quando ia para o liceu, num carro de serviço da Embaixada.

De acordo com fontes mexicanas bem informadas, os dois raptores afirmaram-se membros das «brigadas vermelhas da Liga Comunista do 23 de Setembro», grupo de guerrilha urbana, e teriam informado o motorista da Embaixada que o verdadeiro objectivo era o rapto do próprio embaixador.

Trata-se do primeiro rapto na capital mexicana desde que, há três anos, o Governo adoptou o princípio de não negociar com raptores. Desconhece-se qual a táctica agora escolhida pela Polícia mexicana, cuja intervenção foi solicitada pelo embaixador belga.

Primeiro passo para concretizar as reformas em Espanha

MADRID, 26 — (R.) — O Governo espanhol deu um primeiro passo para reformar o sistema autoritário do general Franco, ao fazer aprovar nas Cortes (Parlamento) uma proposta levantando as restrições sobre reuniões e manifestações políticas.

A proposta, a primeira e a menos controversa de uma série destinada a colocar a Espanha em linha com as democracias da Europa Ocidental, foi aprovada a noite passada pela assembleia conservadora de 565 membros, com apenas quatro votos contra, e 25 abstenções.

Sob a proposta, as reuniões e manifestações políticas serão autorizadas, desde que as autoridades locais sejam avisadas previamente.

Fontes parlamentares declararam que a fácil aprovação da lei na assembleia — criada pelo falecido general Franco — constituia um bom augúrio para novas reformas propostas pelo Governo do rei Juan Carlos.

Aquelas envolvem a legalização de partidos políticos, excluindo os comunistas, e a transformação das Cortes numa assembleia de duas Câmaras eleitas principalmente por sufrágio universal.

Mas enquanto a lei estava a ser debatida, o dirigente sindical comunista, Marcelino Camacho, dizia que o Governo enfrentava uma crise económica que apenas poderia ser solucionada por um Governo provisório constituído por partidos democráticos.

Camacho falava numa conferência de Imprensa depois de ter sido libertado sob fiança de uma prisão em Madrid. Foi preso em Março sob a acusação de conspirar para alterar a forma de Governo.

Afirmou que o Governo enfrenta uma profunda quebra de investimentos e um grave défice na balança de pagamentos.

Camacho, dirigente das clandestinas «Comisiones Obreras» de inspiração comunista, disse que o problema apenas poderia ser solucionado com a colaboração da classe operária.

«Não pode haver qualquer solução para a crise, enquanto não houver liberdade, e isso significa um Governo provisório de partidos democráticos. Um período constituinte e em seguida eleições gerais livres», afirmou.

Camacho, de 55 anos, que passou 14 anos na prisão por actividades antigovernamentais, foi libertado ao abrigo da amnistia real de Novembro passado.

Cada um deles depositou a fiança de 100 000 pesetas pela sua libertação.

Foram também soltos sob fiança Francisco Alvarez Dorronsoro, dirigente do Movimento Comunista Maoísta, e o metalúrgico Nazario Aguado, membro do Partido Operário Esquerdista.

O advogado e homem de negócios, Antonio Garcia Trevijano, detido com eles em Março, continua preso.

Os quatro enfrentam uma pena até 30 anos de cadeia, por terem, segundo a acusação, assinado um documento pedindo a realização de um referendo para decidir se a Espanha deve ser uma monarquia ou uma República. Figuram entre os fundadores da «Coordenação Democrática», aliança englobando comunistas, socialistas, democratas-cristãos de esquerda e liberais, criada em Março para lutar pela rápida democratização da Espanha.

CARRILLO ACUSA OS E.U.A.

VIENA, 26 — (R.) — O chefe do Partido Comunista Espanhol, Santiago Carrillo, acusou os Estados Unidos de tentarem isolar o seu partido e mantê-lo ilegal.

Carrillo, falando no termo de uma visita a Bucareste para conversações com o presidente Nicolau Ceausescu, declarou que a interferência americana na Espanha é mais perigosa do que na Itália devido à ausência de democracia no seu país.

«A pressão dos Estados Unidos destina-se a isolar o Partido Comunista da Espanha e, tanto quanto possível, ilegalizá-lo», acrescentou, segundo a agência Agerpress.

Declaração do Vaticano é considerada desaire

ROMA, 26 — (ANOP e R.) — Uma declaração eleitoral anticomunista pronunciada pelo Vaticano foi um falhanço rotundo — afirmaram hoje políticos nesta capital.

Primeiro, foram necessários oito dias para persuadir os bispos católicos romanos da Itália a aprovarem-na. Depois, o dirigente do Partido Democrata-Cristão, apoiado pelo Vaticano, declarou que a iniciativa poderá ser mais prejudicada do que benéfica.

Este foi o último de uma série de desaires sofridos pela Igreja Católica Romana em Itália, os quais começaram com a derrota da oposição do Vaticano ao Divórcio, em 1974, e prosseguiram com a esmagadora vitória comunista nas últimas eleições regionais.

Entretanto, o dirigente socialista Francesco de Martino declarou que o Partido Socialista Italiano recusar-se-á a participar em qualquer Governo depois das eleições que não tenha o apoio dos comunistas.

Explicou que o apelo do P.S.I. para uma «grande coligação das forças democráticas» significa a inclusão dos comunistas entre os partidos participantes ou apoiando um novo Governo.

Falando numa conferência de Imprensa, disse que parecem exagerados os receios do Ocidente sobre a participação comunista num futuro Governo italiano. «Devem lembrar-se de que os comunistas seriam apenas uma parte da coligação e mesmo que se tratasse simplesmente de uma aliança socialista-comunista, nós garantiríamos o carácter democrático do Governo».

O dirigente socialista declarou ter detectado um ligeiro abrandamento nas atitudes ocidentais para com os comunistas italianos, nos últimos meses. É absurdo — frisou — que algumas pessoas sintam que todo o futuro da NATO será posto em causa se o Partido Comunista obtiver lugar no Governo.

Por outro lado, o número oficial das vítimas do terramoto que efectuou o Nordeste italiano no passado dia 6 do corrente mês elevou-se hoje para 944, quando as equipas de reconstrução extraíram mais quatro corpos das ruínas dos edifícios destruídos.

O tempo estava ameno e límpido após a chuva e granizo que durante vários dias da passada semana se abateram sobre a área.

Por outro lado, a situação parece estar a voltar ao normal, após o nonagésimo abalo, registado na madrugada do passado domingo. Durante os últimos três dias, o chão não voltou a tremer.

Caleidoscópio

■ SANTIAGO DO CHILE, 26 — (ANOP e R) — A Junta Militar chilena anunciou ontem que serão imediatamente postos em liberdade 206 presos políticos, elevando assim para 304 o número de presos libertados este mês.

Esta decisão surgiu 11 dias antes da Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos (O. E. A.), que se iniciará na capital chilena a 4 de Junho.

Por outro lado, foi confirmado oficialmente que o secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger, participará na reunião da O. E. A.

■ HANOVER, 26 — (ANOP) — A oposição democrata-cristã da Alemanha Ocidental obteve ontem apoio de destacados políticos conservadores da Europa Ocidental, enquanto prepara a sua campanha para as eleições de 3 de Outubro sob o lema de «liberdade sim, socialismo, não».

Entre os oradores estrangeiros, no terceiro dia de uma convenção nacional da União Cristã-Democrática (C. D. U.), convocada para lançar a sua campanha eleitoral, contaram-se o dirigente do Partido Conservador Britânico, Margaret Thatcher, o presidente da Democracia Cristã Italiana, Amintore Fanfani, o primeiro-ministro belga, Leo Tindemans e Josef Taus, presidente do Partido Conservador do Povo Austríaco.

■ HAARLEM (HOLANDA), 26 — (R) — Uma importante crise política holandesa foi em parte despoletada quando manifestantes femininas terminaram a ocupação de uma clínica de aborto ameaçada de encerramento.

As manifestantes invadiram ontem a clínica de Bloemenhove e acompanhadas por dezenas de homens, mantiveram uma vigília durante toda a noite, retirando quando o Ministério da Justiça anunciou que voltaria a estudar a situação.

Mais três vitórias de Ford sobre Reagan

PORTLAND (Oregon), 26 — (ANOP E R.) — O presidente Ford obteve mais três vitórias em eleições primárias sobre Ronald Reagan, duas delas em estados do Sul, considerados geralmente como favoráveis ao antigo governador da Califórnia.

Contudo, Reagan manteve intactas todas as pretensões para conseguir a nomeação presidencial republicana, ao vencer convincentemente ontem três outras primárias.

O presidente tinha previsto uma vitória na importante primária do Oregon. Acertou, pois ganhou essa eleição obtendo 53 por cento dos votos contra 47 por cento do seu adversário conservador.

Ford conseguiu também vitórias inesperadas sobre Reagan no Tennessee e no Kentucky, mas perdeu por grande margem no Arkansas, Nevada e Idaho Nestes dois últimos estados, o presidente desenvolvera uma grande campanha eleitoral.

No lado democrático, Frank Church, o senador pelo Idaho, infligiu ao candidato favorito do partido, Jimmy Carter, grandes derrotas no Oregon e no seu estado, aumentando os receios que ele tem a percorrer para obter a nomeação.

Carter perdeu também no Nevada a favor de Edmund Brown, o governador da Califórnia e o homem que o venceu na primária no Maryland, na semana passada.

Contudo, a popularidade de que Carter goza no Sul trouxe-lhe vitórias fáceis no Arkansas, Kentucky e Tennessee, elevando o número de votos de delegados com que já conta para mais de 800 precisa apenas de 1505 para conseguir a nomeação na convenção democrática.

Entretanto um novo «enredo de saias» no congresso norte-americano põe em perigo a carreira política de um dos seus mais influentes elementos, o prepresentante democrata por Ohio Wayne L. Hays, que é acusado de ter como empregada uma amante a que pagava com dinheiro do Estado.

PUB

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.ª Vara

ANÚNCIO

Proc.º 9622

Pelà 2.ª secção da 1.ª Vara Cível de Lisboa, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação deste anuncio, citando o réu JOSÉ DA SILVA MARQUES, separado judicialmente de pessoas e bens, ausente em parte incerta, tendo tido a última residência conhecida no Bairro Comendador Joaquim Matias, lote 23, 3.º-A, em Paço de Arcos, para; no prazo de vinte dias, posterior ao dos éditos, contestar, querendo, o pedido feito nos autos de acção ordinária que lhe move Imobiliária Construtora Grão Pará, S.A.R.L., pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra patente nesta secção, ficando advertido de que a falta de contestação importa confissão dos factos articulados pela autora.

Lisboa, 20 de Maio de 1976

O Juiz Corregedor,
(José Artur Pessoa Monteiro Marques)

O Escrivão de Direito,
(Carlos da Costa Leitão)

Tensão na capital grega após recontros sangrentos

ATENAS, 26 — (ANOP e R.) — O Centro de Atenas encontrava-se hoje coberto de destroços de incêndios e barricadas após uma série de recontros sangrentos entre a Polícia e manifestantes que protestavam contra novas leis de trabalho, causando a morte de uma mulher e 99 feridos.

Uma dona de casa, de 65 anos, morreu depois de ter sido atropelada ontem por um carro da Polícia, quando este perseguia um grupo de agitadores. Um informador governamental declarou que 61 polícias e mais 39 manifestantes ficaram feridos. Foram efectuadas 27 prisões.

Em dada altura, os manifestantes dispararam tiros sobre a Polícia que havia lançado centenas de granadas de gás lacrimógénio e fizera repetidas cargas de bastão para dispersar os manifestantes. Os agitadores haviam lançado pedras, construido barricadas, voltado automóveis e ateado incêndios na rua.

Foi um dos piores dias de violência desde que o regime democrático foi estabelecido em Julho de 1974.

Entretanto, em Rodes, 20 pessoas ficaram feridas e 30 foram presas em novas manifestações contra a visita de dois navios de guerra norte-americanos á quela ilha.

PUB

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

AVISO

Os Servicos Municipalizados de Almada tornam público que, com início no dia 24 de Maio corrente, o horário de trabalho passa a ser o seguinte:

PESSOAL INTERNO

1.º Período: das 9.15 h. às 12.30 h.
2.º Período: das 14.00 h. às 18.00 h.
Às sextas-feiras o 2.º período termina às 17.45 h.

A Tesouraria e os Serviços de Expediente encerram 1 hora mais cedo no 2.º período de trabalho, ou seja às 17 horas.

Sábados: os Serviços estão encerrados.

PESSOAL EXTERNO

1.º Período: das 8.00 h. às 12.00 h.
2.º Período: das 13.00 h. às 18.00 h.

Às sextas-feiras o 2.º período termina às 17.00 h.
Sábados: apenas funciona o serviço de piquete para serviços urgentes.

PIQUETE

O Piquete funciona aos Sábados, Domingos, Feriados e em Serviço Nocturno, com chamadas para o telefone 2767098

Almada, 21 de Maio de 1976.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PUB

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

Secretaria de Estado dos Transporte e Comunicações

DIRECÇÃO GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

AEROPORTO DE LISBOA

AVISO

CONCURSO PÚBLICO PARA A OCUPAÇÃO E EXPLORAÇÃO DA CANTINA DO PESSOAL DO AEROPORTO DE LISBOA

Faz-se público que perante o Conselho Administrativo do Aeroporto de Lisboa se encontra aberto o concurso acima indicado, com as condições seguintes:

Depósito provisório ..... 2.500$00

Abertura das propostas — 15 de Junho do corrente ano, pelas 15.00 horas.

O Programa do Concurso e Caderno de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis e nas horas de expediente na Secção de Expediente do Aeroporto de Lisboa.

Aeroporto de Lisboa, 22 de Maio de 1976.

O CONSELHO ADMINISTRATIVO

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os sócios no pleno gozo dos seus direitos para uma Assembleia Geral Extraordinária a efectuar no Pavilhão dos Desportos no próximo dia 27-5-76 às 21 horas com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto único — **Discussão e votação do art.º 7.º dos Estatutos (Quotização)**

Nota: Ao abrigo do art.º 12.º alínea e) esta Assembleia só se poderá realizar se estiverem presentes 10 % ou 2000 associados.

Lisboa, 10-5-76

O Presidente da
MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
José Luís Pacheco Gaspar

FRIGIDAIRE

Frigoríficos — Máquinas de roupa e loiça — Fogões

O Rei da Voz, Ld.ª
Est. Benfica, 725, Lisboa

Manuel Magalhães
Est. das Águas Livres, 144, Carenque

EVA

grande cabeleireiro de senhoras EVA, lda.

manicuras, pedicuras, esteticistas, massagistas, sauna, boutique e um simpático serviço de refeições ligeiras e cafetaria

É UM CABELEIREIRO PARA AS SENHORAS QUE TÊM POUCO TEMPO E QUE QUEREM GASTAR POUCO DINHEIRO

Pr. Marquês de Pombal, 1 e R. Camilo Castelo Branco, 23
LISBOA

Espectáculos

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Um verão em Okinawa" de Nagisa Oshima

Em Okinawa, à procura do remorso, das origens, do futuro

FICHA:
Título original: Natsu no Imoto
Realização: Nagisa Oshima (Japão-1972)
Argumento: Tsutomu Tamura, Mamoru Sasaki, Nagisa Oshima
Fotografia (eastmancolor): Yasuhiro Yoshioka
Música: Toru Takemitsu
Montagem: Keiichi Uraoka
Interpretação: Hosei Komatsu (**Kosuke Kikuchi, o juiz**), Hiromi Kurita (**Sunaoko**), Lily (**Momoko**), Akiko Koyama (**Tsuru Omura**), Shoji Ishibashi (Tsurno), Kei Sato (**o comissário**), Taiji Tonoyama (**Takuzo Sakurada**), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes
Cinema: Quarteto-Sala 2
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos
Duração: 95 minutos

A distribuição cinematográfica tem destas coisas. De repente, malhas fantásticas que alguém tece, desembocam nos **écrans** da capital alguns filmes de um mesmo realizador. Oshima é o caso presente. Em cerca de dois meses o público de Lisboa pôde assistir a nada menos que seis filmes do grande realizador japonês, dois dos quais ainda em exibição; **Diário de um ladrão** e este **Um Verão em Okinawa** (guardado na prateleira há, pelo menos, dois anos).

Filme em progressão e ruptura com a sua obra anterior, **Um Verão em Okinawa** é, também, e de novo, um olhar e uma reflexão sobre a identidade do Japão, os seus traumas e o seu futuro. Cinema rigoroso, onde o entrecruzar dos percursos dos vários personagens tem o peso subterrâneo dos símbolos, este um filme que nos remete, antes de tudo, para o choque entre as várias gerações que coexistem hoje no Japão, gerações que, longe de serem simples estratos etários, representam os pontos fulcrais da História recente da nação nipónica: a guerra, o tratado de paz de 1951, a geração de hoje.

Por outro lado a escolha de Okinawa como local de encontro e ruptura não é, também, casual. Okinawa, principal ilha do arquipélago Ryukin ao sul das grandes ilhas niponicas, e o palco exemplar dos traumas japoneses, desde a guerra (Okinawa foi a ilha mais massacrada, 120 000 mortos militares, número que ultrapassa os 50 por cento das perdas totais militares japonesas) à ocupação americana (que durou até 15 de Maio de 1972) à própria «vocação» imperialista do Japão que, secularmente, colonizou o arquipélago. Segundo a lenda, porém, o povo japonês descenderia em certa medida de okinaweses, o que faria de Okinawa o berço da nação nipónica.

Todos estes vectores se encontram presentes no filme. Vectores graves, essenciais, que ponteiam o inconsciente da acção desta película, a um primeiro olhar despreocupado e inocente. Usando uma estética «de veraneio», câmara à mão, enquadramentos «descuidados», «demasiada» luz (como nos melhores verões da nossa memória), para logo se quedar, hierática, nas cenas em que o peso das rígidas tradições se patenteia, **Um Verão em Okinawa** é um mergulho poético nas questões fundamentais, nas perguntas concretas, vitais, de uma sociedade a meio caminho entre a era medieval dos samurais e dos clãs familiares e o **american way of life** do «whisky» rótulo preto, da coca-cola e dos transistores. Por isso este filme é um longo encadear de perguntas sem resposta, uma nota que começa no remorso da guerra, passa pela normalização ocidentalizada que os americanos impuseram, desemboca num futuro sem raízes.

Velhas canções inúteis, dialecto indecifrável, paternidade obscura, Okinawa é talvez a angústia de uma nação estrangulada devagar. Que pode muito bem ser todo o Japão.

Filme belo, ternamente caloroso, onde a inocência tem o peso da denúncia e a busca do **graal** é infrutífera e reveladora, **Um Verão em Okinawa** é mais uma pedra no edifício que Oshima vem erguendo, filme a filme. Edifício onde os labirintos, os espaços livres, as angústias se amalgamam; esperemos que a continuar.

Sinatra distinguido pela Universidade de Nevada

Frank Sinatra, apresentando-se como um graduado pela «Escola de golpes duros», foi recentemente distinguido com o grau honorário de Ciências Humanas pela Universidade de Nevada.

A notícia, procedente de Las Vegas em telegrama da Reuter, adianta que Sinatra declarou ter recebido a sua educação nas ruas de Nova Jersey: «A maneira como nos formávamos era andando por elas».

Sinatra adiantou ter sido inicialmente informado de que o grau seria um doutoramento em música. «Penso que os regentes viram a minha actuação no «Ceasar's Palace» e foi por isso que mudaram para um doutoramento em Ciências Humanas».

A citação lida pelo presidente da Universidade, Donald Baetlar, salientava que as iniciativas de caridade de Sinatra haviam contribuído com milhões de dólares para causas humanitárias.

Baetlar afirmou também que Frank Sinatra tinha auxiliado a Universidade com uma campanha de bolsas.

TEATRO ABERTO

grupo 4 apresenta

TODAS AS NOITES ÀS 21 e 15
Sáb. e Dom. também às 15 e 30 (Pr. reduzidos)
Descanso às 2.as Feiras

UM NOTÁVEL ESPECTÁCULO

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
de bertolt brecht
música de PAUL DESSAU e PEDRO OSÓRIO
versão de LUIZ FRANCISCO REBELLO
encenação de JOÃO LOURENÇO

passaportes

Um serviço
a que a STAR responde
rapidamente
e com eficiência.

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Estoril • Faro • Porto • Funchal

LEIA «VIDA MUNDIAL» REMODELADA

Dirigida por:
NATÁLIA CORREIA

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

EM FRANÇA COMEÇAM A ABRIR OS OLHOS. CÁ, TAMBÉM

Como todos sabem, o 25 de Abril foi uma calamidade. Temos agora em Portugal qualquer coisa como cem milhões de desempregados. As nacionalizações tramaram tudo, atiraram para a miséria umas centenas de banqueiros e industriais, miséria hotentótica: muitos deles ficaram reduzidos a mensalidades de fome que roçam (oh céus! oh numes! oh Freitas!) as centenas de contos. Os agrários foram desapossados das suas herdades e entregues estas — pasme-se! —às cooperativas agrícolas. A via democrática pluralista, diz-se que a única prevista no Programa do Movimento das Forças Armadas, a partir de certa altura foi substituída pela via socialista — tudo isso por culpa desse vampiro a quem os ricos e os privilegiados deste País não perdoarão nunca e tem por nome Vasco Gonçalves.

Depois, houve a descolonização. Um drama. Uma catástrofe. Centenas de milhões (pelo menos) de mortos. Quase todos negros, mas enfim... Sendo verdade que, depois dos ataques aos musseques, e quando se ordenou o desarme dos brancos nem um único rosto-pálido tivesse sido molestado. Mas lá que a descolonização foi dramática, foi. Que perdemos o império colonial, isso foi. Que os nossos Maiores nunca nos perdoarão, nem como os nossos Menores, isso é verdade. Tudo por causa do 25 de Abril.

Depois do 25 de Abril, muita gente passou a viver pior do que vivia no tempo do fascismo perdão!, no tempo de Monsieur Salazar. A emigração de um milhão de habitantes, nesse tempo, não quer dizer pescoço, não significava a miséria, coisa nenhuma: é apenas o espírito de aventura tradicional dos portugueses em acção...

Ponto final. Não vamos traduzir para aqui as intervenções produzidas para a Televisão francesa pelos cavalheiros distintos que são Freitas do Amaral ou Sá Carneiro. Não vale a pena, já se sabe tudo isso. Quanto ao anticomunismo de Sá Carneiro, até nisso ele teve pouca sorte. Isso para os franceses não pega. Os argumentos produzidos pelo «pêpêdista» já a burguesia francesa os arrumou na prateleira das velharias e usa truques muito mais sofisticados. Carneiro fez figura de estudante cábula no seu exame de anticomunismo para francês ver.

A MAIORIA NECESSÁRIA

Nesse aspecto de prática anticomunista, Mário Soares não fez melhor, o que mais admira, pois é homem mais viajado, com mais experiência, com mais encontros a alto nível em diversas longitudes e latitudes.

Diante das câmaras da Televisão francesa, Mário Soares repetiu a estafada história da ditadura de esquerda de que o nosso País se livrou graças, evidentemente, aos esforços do seu Partido. Não se esqueceu igualmente de repetir a velha treta da «democracia popular», desejada ou tentada mesmo por outro partido, segundo ele sem contudo apresentar uma única prova, um único testemunho.

A Álvaro Cunhal seria brutamente fácil rebater as invencionices, as más intenções, as deformações. A Álvaro Cunhal ser-lhe-ia extremamente simples passar, por sua vez, ao ataque. Qualquer pessoa, sem a aguda noção de que a Revolução é uma ciência e não mero jogo de emoções, entraria na esgrima da polémica, aceitaria semelhante jogo com a certeza de vencer, pois tem todos os trunfos na mão.

Álvaro Cunhal, no entanto, recusou a luta de galos. Os seus nervos estão temperados por dezenas de anos de luta e, além disso, quem tem contas a dar à comunidade não pode perder de vista isso mesmo: o supremo interesse dessa comunidade. Se os telespectadores franceses querem espectáculo de luta livre, devem lançar as vistas para outro lado.

Para Álvaro Cunhal, não deve perder-se de vista o essencial, ou seja: a transformação da maioria aritmética na maioria parlamentar, a maioria de esquerda escolhida nas eleições deve encontar expressão num Governo de maioria de esquerda rumo à defesa e consolidação das conquistas alcançadas depois do 25 de Abril.

SE NÃO HÁ PRINCÍPIOS É O FIM

Aliás na mesa-redonda, ficou bem definida a linha de separação. Visivelmente (e para além das diferenças existentes) o bloco PPD-CDS nada tem a ver com a maioria de esquerda.

Ouvimos Mário Soares praticar a defesa da Reforma, ouvimo-lo defender as nacionalizações, ouvimo-lo rebater o alarmismo do caos económico, ouvimo-lo manifestar a decisão de combater o regresso ao fascismo. Quer dizer: nesse sentido, há toda a possibilidade de encontrar uma plataforma de entendimento com quem esteja interessado nos mesmos objectivos.

O problema, porém, consiste numa fragilidade táctica de todo o tamanho que se resume a qualquer coisa como isto: o Partido Socialista vai governar sozinho; se não o puder fazer, a culpa será dos outros...

Assim se nega a fatalidade de toda a política quando não se possui a maioria, a qual vem a ser a necessidade das alianças. Ou se faz aliança ou se faz repressão. Agora, escolha.

Outro problema difícil para Mário Soares consiste na urgência em definir uma política de princípios. Não se pode viver eternamente na bailarinice do oportunismo. Um partido deve afirmar-se por si próprio e não de forma passiva, isto é, tendo em conta as aparências ditadas por uma determinada conjuntura.

Um exemplo: segundo Mário Soares, o PS não fará aliança com o PPD e o CDS porque isso daria ao PCP carácter de único partido de esquerda...

Daqui ressalta o quê? Não uma **sinceridade de esquerda,** mas um **oportunismo de esquerda.**

Uma autêntica sinceridade de esquerda levaria Mário Soares a não se aliar ao P. P. D. e CDS porque estes partidos são de direita, porque são forças reaccionárias, porque estão empenhados numa recuperação capitalista, porque sonham com o **regresso.**

Uma política sem princípios — é o princípio para resvalar na pior política.

A EXPLICAÇÃO E A SOLUÇÃO

Por outro lado, Mário Soares contradiz, com as suas opiniões mais sensatas, as suas decisões mais absurdas.

Ouvimo-lo ontem, com imensa e grata satisfação, proclamar a certeza de que Portugal não voltaria ao fascismo. Porquê? A explicação é do próprio Mários Soares: **porque as organizações da classe operária não o permitiriam.**

Correcto. Este é um dos grandes pilares para uma grande certeza comum. Mas, se é assim, se a classe operária é a força capaz de barrar o caminho ao fascismo, como se entende que tão abertamente se jogue na sua divisão?

Como se compreende a formação de um Governo com a

Continua na pág. 18

Hoje

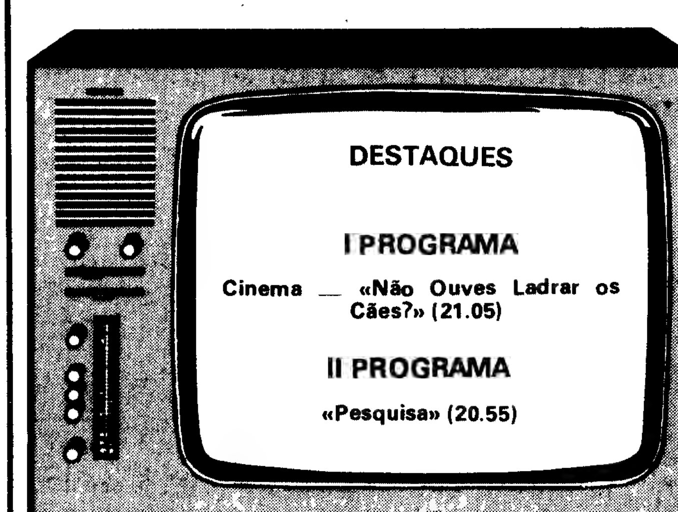
«O Soldado e Eu»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e Formação — fio de metal — rubrica apresentada pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
19.25 Impacto — a pintura quinhentista do Museu de Viseu.
19.50 Educação Permanente
20.10 Vamos Jogar no Totobola — prognósticos para o próximo concurso.
20.30 Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 Noite de Cinema — com Soumitra Chartterjec e e Madnabimukherjec
22.50 Telejornal — 3.ª edição
23.10 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **«O Soldado e Eu»** — série filmada.
20.25 Ver — humor português, aqui e agora...
20.55 «Pesquisa» — série filmada.
21.50 Expedição
22.15 Telejornal — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
22.45 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período — **13.15**: Abertura e Telejornal — 1.ª edição; **13.30**: Trapézio (Bailado); **13.55**: Logo à Noite — cartaz dos cinemas e teatros de Lisboa e Porto e dos programas da RTP. Ciclo Preparatório TV — **14.10**: Língua Portuguesa (1.º ano); **14.35**: Matemática (2.º ano); **15.00**: Francês (1.º ano); **15.25**: Ciências da Natureza (2.º ano); **15.50**: Educação Visual (1.º ano), **17.10**: Matemática (1.º ano); **17.35**: Língua Portuguesa (2.º ano); **18.00**: Trabalhos Manuais (1.º ANO); **18.25**: Francês (2.º ano). **2.º Período** — **19.00**: Abertura e Um Mundo para Descobrir — rubrica apresentada pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; **19.35**: «A Flecha Negra» — série filmada, baseada na conhecida obra literária de Robert Louis Stevenson; **20.00**: TV Palco — actualidades teatrais por Igrejas Caeiro; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; **21.05**: «Barão von der Trenck» — série filmada; **22.00**: Maio-76; **23.10**: Telejornal — 3.ª edição; **23.25**: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e Desenhos Animados; **20.30**: Primavera em Viena — um programa que a Televisão Austríaca oferece todos os anos à Eurovisão em que saúda a entrada da Primavera; **21.45**: A Mão Branca; **22.40**: Telejornal — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30; **23.10**: Fecho

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

AOS TRABALHADORES DAS ASSOCIAÇÕES PATRONAIS E DOS GRÉMIOS DA LAVOURA

Convocam-se todos os trabalhadores que prestam serviço nas Associações Patronais e nos Grémios da Lavoura para um Plenário Nacional a realizar no dia 29/5/76, às 16 horas, nas instalações do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa, Rua do Alecrim, 46-1.º, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Situação do pessoal das Associações Patronais e dos Grémios da Lavoura, em caso de liquidação.
2. Sobrevivência das Associações Patronais.
3. Execução dos Decretos-Lei n.º 215-C/75 e 293/75.
4. Regulamentação de trabalho.

A TUA PRESENÇA É IMPRESCINDÍVEL. COMPARECE.

Lisboa, 21 de Maio de 1976.

A DIRECÇÃO

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

INFORMAÇÃO

AOS DELEGADOS SINDICAIS DO SECTOR DE ACTIVIDADES GRÁFICAS (Tipografia — Encadernação — Flexografia — Litografia — Rotogravura — Serigrafia — Etiquetas — Complexagem — Reportagens Fotográficas — Laboratórios Industriais de Fotografia — Editores e Livreiros — Agências Telegráficas e Noticiosas — Agências Publicitárias — Fabricantes, Distribuidores e Importadores de Material Fotográfico, Cinematográfico e Audiovisuais — Industriais de Fotografia — e Actividades Decorrentes).

Informam-se todos os colegas Delegados Sindicais dos referidos Sectores que se encontra no nosso Sindicato (Sala de Apoio a Delegados Sindicais) o Projecto do CCT Vertical para o Sector de Actividades Gráficas.

Assim devem [illegible] com a maior urgência possível [illegible] o referido projecto e o discutirem nas respectivas empresas [illegible] e nos enviarem as sugestões que [illegible] necessárias.

EM FRENTE PELO C.C.T. VERTICAL

Lisboa, 24 de Maio de 197[illegible]

A DIRECÇÃO

PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

EDIFÍCIOS COMUNDO S.A.R.L.

Av. 5 de Outubro, 77-2.º DT.º Lisboa 1 Telef. 53 78 95

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Exm.ºs Senhores Accionistas

Submetemos, em cumprimento da lei, à v/ apreciação este relatório e os balanços e contas respeitantes ao exercício findo em trinta e um de Dezembro de mil novecentos e setenta e cinco.

Não tendo sido fácil o exercício a que este relatório diz respeito, considerando a alteração verificada no nosso País, com reflexos na actividade da nossa empresa e que, por consequência, não permitiu atingir os objectivos planificados a que inicialmente nos propúnhamos, tentamos, tanto quanto possível, prosseguir a n/ actividade tendo em conta as disponibilidades materiais e financeiras da empresa.

Procedeu-se às diligências necessárias para obter os financiamentos de modo a satisfazer os elevados compromissos existentes e possibilitar o desenvolvimento dos empreendimentos em curso.

Assim, no final de 1975 contrai-se junto do Montepio Geral um emprestimo hipotecário de Esc. 17.000.000$00 (dezassete milhões de escudos), destinado não só à liquidação do empréstimo contraído na Caixa Geral de Depósitos como também para o prosseguimento das obras já iniciadas nos Edifícios da Avenida 5 de Outubro, 153 e Avenida de Berna, 17, os quais passarão a constituir um só bloco.

As receitas do exercício resumiram-se quase exclusivamente as rendas do Edifício da Avenida 5 de Outubro, 151, o que implicou um saldo negativo da Conta de Resultados, ao longo de todo o exercício.

No decorrer do exercício pediram a demissão dos seus cargos de membros do Conselho de Administração os Senhores Torquato Fernando da Conceição Victor e Arnaldo José Pereira Bastos, pelo que deverão V. Ex.ªs proceder às necessárias eleições.

Ao dignissimo Conselho Fiscal e à Assembleia Geral apresentamos cumprimentos e agradecemos a comprovada colaboração prestada, bem como a todos os Senhores Accionistas e colaboradores que de qualquer modo, deram a sua contribuição para o desenvolvimento da nossa Sociedade.

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1976

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

a) Carlos Alberto Vieira Serra Pereira Presidente
b) Torquato Fernando da Conceição Victor
c) Arnaldo José Pereira Bastos

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1975

ACTIVO			
DISPONIVEL			
CAIXA		1.963$70	
DEPÓSITOS À ORDEM		304.648$50	306.612$20
REALIZÁVEL			
DEVEDORES E CREDORES		78.500$00	
PRÉDIOS URBANOS		38.962.745$73	39.041.245$73
IMOBILIZADO			
IMOBILIZAÇÕES INCORPÓREAS	506.683$20		
AMORTIZAÇÕES	-408.545$50	98.137$70	
OUTRAS IMOBILIZAÇÕES		22.595.000$00	22.693.137$70
			62.040.995$63
PASSIVO			
EXIGIVEL A CURTO PRAZO			
FORNECEDORES		57.729$40	
LETRAS A PAGAR		483.615$00	
DEVEDORES E CREDORES		749.295$20	1.290.639$60
EXIGIVEL A LONGO PRAZO			
EMPRÉSTIMOS E FINANCIAMENTOS			10.800.000$00
SITUAÇÃO LIQUIDA ACTIVA			
CAPITAL		50.000.000$00	
RESERVA LEGAL		8.232$70	
LUCROS E PERDAS			
Lucros		90.015$93	
		50.098.248$63	
RESULTADOS DO EXERCICIO			
Prejuizo		-147.892$60	49.950.356$03
			62.040.995$63

A TÉCNICA DE CONTAS — M.da Conceição F.F.dos Santos Gomes

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO — a) Carlos Alberto Vieira Serra Pereira - Presidente

b) Arnaldo José Pereira Bastos

CONTAS APROVADAS EM 29/3/76

CONTA DE RESULTADOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1975

DÉBITO	
MANUTENÇÃO DE PRÉDIOS URBANOS	152.626$40
OUTROS IMPOSTOS E TAXAS	5.071$10
SERVIÇOS E FORNECIMENTOS DE TERCEIROS	4.395$80
OUTROS ENCARGOS DE GESTÃO	20.800$30
DOTAÇÕES P/ AMORTIZAÇÕES	95.389$70
	278.283$30
CRÉDITO	
PROVEITOS FINANCEIROS	72$70
OUTROS PROVEITOS	130.318$00
Prejuizo do Exercicio	147.892$60
	278.283$30

A TÉCNICA DE CONTAS — M.da Conceição F.F.dos Santos Gomes

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO — a) Carlos Alberto Vieira Serra Pereira - Presidente

c) Arnaldo José Pereira Bastos

CONTAS APROVADAS EM 29/3/76

INVENTÁRIO DAS PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1975

DESIGNAÇÃO	Quantidade	Valor Nominal	Preço Médio de Compra	Cotação em Bolsa (Quando exista)	Valor de Balanço		Valor Total de Aquisição	Diferenças	
					Unitário	Total		Flutuação de Valores	Perdas Levadas a Resultados
1 - Participações Financeiras									
1.2 - Acções									
1.2.1 - Têxtil Lopes da Costa, S.A.R.L.	5.000	1.000$00	1.600$00	---	1.600$00	8.000.000$00	8.000.000$00	---	---
1.2.2 - Banco Micaelense	5.000	50$00	2.000$00	---	2.000$00	10.000.000$00	10.000.000$00	---	---
1.2.3 - Banco Português do Atlântico	180	1.000$00	19.000$00	14.052$00	19.000$00	3.420.000$00	3.420.000$00	---	---
1.2.4 - Banco do Algarve	250	100$00	4.700$00	2.644$00	4.700$00	1.175.000$00	1.175.000$00	---	---
						22.595.000$00	22.595.000$00		

NOTA: Não existem quaisquer outras aplicações em valores mobiliários.

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Ex.ºms Senhores Accionistas

Cabe-nos informar que acompanhamos de perto a actividade da empresa, pelo que nos pudemos inteirar plenamente do trabalho nela desenvolvido a todos os níveis de cooperação no sentido de se conseguir, através de uma acção criteriosa e equilibrada, superar certas dificuldades, cujo volume veio a aumentar.

Declaramos ter tido todo o acesso à respectiva escrituração, cujos elementos analisámos e se encontram em perfeita ordem, assim como conferimos periodicamente os seus valores, igualmente certos.

Assim propomos:

1.º Que aproveis o Relatório e as Contas do Exercicio de 1975.
2.º Que manifesteis aos Membros do Conselho de Administração o justo apreço pela sua actividade.

Lisboa, 12 de Março de 1976

O CONSELHO FISCAL

a) João Alfredo Fernandes de Moura - Presidente

b) José Eduardo Teixeira Esteves

c) Luís Filipe da Mota

Desporto

FUTEBOL EM EBULIÇÃO

Ou oito, ou oitenta: para Toulon não há técnico

Esta tarde (16 horas) o grupo de «esperanças» convocado para o Torneio de Toulon (França) actua no Jamor, perante o Estoril Praia. Uma curiosidade: nem Pedroto, nem Juca, os principais responsáveis pela escolha e adestramento táctico dos jovens futebolistas, irão à Côte d'Azur, deixando esse encargo para o preparador físico Rodrigues Dias.

RECURSO

O Atlético recorreu para o Conselho Jurisdicional da decisão do Conselho de Disciplina da F. P. F., no respeito a eventual interdição do Estádio da Tapadinha.

INQUÉRITO

Os disciplinadores federativos mandaram instaurar inquérito aos acontecimentos ocorridos no campo do Barreirense, quando o árbitro de serviço na partida com o Sesimbra resolveu terminar o jogo antes do tempo regulamentar e,para emendar o erro, procurou que as duas equipas retornassem ao tectângulo, ao que o Barreirense não acedeu.

TRAFARIA

Assembleia Geral do Clube de Futebol da Trafaria, a 16 de Junho, para apresentação do relatório e contas da gerência anterior e eleição dos novos corpos directivos da colectividade. De salientar que, no Trafaria, o grupo de atletas amadores que representam o emblema em futebol triunfou no Campeonato Distrital da 1.ª Divisão da A. F. S. ascendendo (assim) à 3.ª divisão nacional.

CHARNECA

O Clube Desportivo da Charneca promove, de 18 a 29 de Junho, o II Torneio de Futebol Júnior do Distrito de Lisboa, em homenagem à A. F. L. e F. P. F. Os jogos serão disputados no campo do Chão do Loureiro e têm como responsável directo o árbitro Maximino Afonso.

DÚVIDA

Realmente, parece que existem poucos treinadores de futebol na disponibilidade, já que se anuncia que, na falta de um nome fortemente credenciado para ocupar esse posto, tanto o Benfica como o Sporting estariam dispostos a aceitar o preparador físico inglês Hagan, no retorno a Portugal. Recorda-se que ainda decorre, nos tribunais do nosso país, um processo entre os «encarnados» e o ex-garagista que não logra emprego na sua terra natal.

BRAGA

Mário Lino, na arrancada de Setúbal para Braga, pretende ser acompanhado por bons reforços: casos de Manaca (parece que aparentemente comprometido com o Estoril Praia, mas disposto a renunciar à ida para a Costa do Sol em favor de passeio até ao Minho) e Vital, o homem do Riopele que é vedeta da sua companhia. Isto sem contar com os sportinguistas Chico e Paulo Rocha, que estão já de pedra e cal no «Arsenal» minhoto.

POEIRA

Mais que esperado: em face da voluntária ausência do árbitro Manuel Poeira do jogo para que estava designado (e que confirmara de viva voz) a Comissão Central suspendeu da actividade o juiz de campo algarvio, movendo-lhe um processo de inquérito.

Avelina Alvarez: ao lado de Filomena Palma, estará em Varna (Checoslováquia), de 4 a 6 de Junho, num torneio internacional de ginástica. Com as duas praticantes viajam outras tantas acompanhantes: a treinadora Paulina Cardoso e a juiz Eduarda Azevedo.

PORTUGAL

JUVENDO

Com a participação de muitos nomes conhecidos, em detrimento do teste a novos valores, efectuou-se, na Luz, um torneio de Atletismo subordinado ao genérico «Juvendo» idealizado pela D.G.D.

Vencedoras femininas das provas:

INFANTIS — 60 m: Paula Gomes (N. Belém), 8,9; 1 000m: Paula Romão (A. Avenida), 3.28.9; Altura: Isabel Pires (Bel.), 1.25; Comprimento: Ana Paula Costa (A. Toucinheiros), 3.58; Lançamento de Bola: Cristina Costa O. Sul), 28.26; Peso: Paula Gonzalez (S.A: Cavaleira), 5.02; 4x80 metros (mista) Colégio S. João de Brito, 49. INICIADAS — 80 m.: Maria João Lopes (Sp.), 10.2; 1 500 m: Adelaide Romão (A. Avenidas), 4.59.0; Altura: Fátima Oliveira (Fontainhas), 1.20; Comprimento: Cristina Quintela (Bf.), 3.99; Peso Gilda Silva (E.N.S. Conceição), 6.31; Dardo: Maria Isabel (Fontainhas), 9.06; 80 m barreiras: Helena Cordeiro (N. Belém), 12.6; 4x100 m (mista): Benfica, 51,1.

Masculinos, INFANTIS — 60 m: Sérgio Soares (E. Almada Negreiros), 8.8; 1 000 m: João José (Manique), 3.04.5; Altura: Jorge Gualdino (Alcântara), 1.30; Comprimento: Carlos Fernandes (Sp.), 4.88; Lançamento de Bola: Luís Costa (Sp.), 44.98; Peso: Carlos Lopes (Bel.), 10,54. INICIADOS — 80 m: Paulo Fernandes (A. Avenidas), 9.8; 1 500 m: Rui Ramalho (Sp., 4.26.5; Altura: Paulo Correia (Bf.), 1.55; Comprimento: João Conde (Sp.), 5.36; Peso: Mário Rocha (S.L.O.), 13.91; Dardo Henrique Duarte (E. A. Negreiros), 28.06; 80 m barreiras: Luís Fonseca (Sp.), 11,7.

TÉNIS

Raul e Leonor Peralta triunfaram na disputa da «Taça Spril», vencendo, nas finais Alfredo Vaz Pinto e Conceição Posser, respectivamente.

XADREZ

As «24 horas de xadrez» do Sport Lisboa e Benfica vão processar-se a 29 do corrente no pavilhão da Luz. Responsáveis directos pela prova: Artur Ribeiro, Mário Ferreira e Ricardo Santos. Para não participantes, haverá (simultaneamente) partidas permanentes de «rápidas».

TÉNIS DE MESA

Esta noite, na mesa do Rio de Janeiro, as meninas do ténis de mesa jogam para o campeonato lisboeta de pares. As senhoras actuam a 28 do corrente, na mesa do Benfica. Amanhã, nas instalações do «Ramiro José», Centro Católico, Alto do Pina, Palmeiras, Rio de Janeiro e do Benfica, há jogos para o lisboeta masculino de seniores. Por seu lado, a 28 (nas mesas do Ávila, Rio de Janeiro e Sporting) desenrola-se o regional lisboeta de pares juniores.

TIRO AO ARCO

Campeonato nacional de tiro ao arco (seniores e juniores) a 30 do corrente no Jamor.

BASQUETEBOL

«Taça de Portugal», joga-se hoje para o troféu destinado a turmas masculinas: Sangalhos-Académico de Coimbra, Vilanovense-F. C. Porto, Barreirense-Sacavenense e Luso-Sporting. A 29 do corrente, têm lugar os jogos que faltam para completar a eliminatória: Académico do Porto-Leça, Ginásio Figueirense-Matosinhos, Marinhense-Conimbricense, Leizões-CDUP, Académica de Coimbra-Naval, Vasco da Gama-F. C. Gaia, Belenenses. «Os Olhanenses», Física-Benfica, CUF-Ac. Santarém; C. Quebrada-Ac. Amadora e Algés-Queluz.

O campeonato nacional de seniores masculinos (1.ª divisão) tem nova ronda no sábado, com os jogos Porto-Sangalhos e Barreirense-Sporting, respectivamente pelas 17 horas (pavilhão das Antas) e 21 e 30 (ginásio do Barreirense).

VOLEIBOL

. A «Taça Nacional de Iniciados», em voleibol, tem dois jogos no sábado, a contar para o bloco nortenho: F. C.Porto-Esmoriz e Académica de Espinho-Leixões. Outra informação da modalidade: foi criado o «Conselho de Clubes», na Associação de Voleibol de Lisboa. Até ontem receberam-se, naquele organismo, os votos das colectividades para a eleição dos oito emblemas que vão congregar-se no «Conselho».

CICLISMO

No sábado (pelas 15 e 30) realiza-se o «Circuito Ciclista a Montelavar» (60 klms), para populares. Provas marcadas pela Associação Lisboeta (dirigida por Mário Ferreira) para domingo: campeonato regional de fundo, para amadores juniores (Olival de Basto-Bombarral, na distância de 125 klms) a partir das 8 e 15; corrida de 70 klms, para populares, amadores especiais e seniores (com partida e chegada ao Bombarral), das 16 horas em diante. A 6 de Junho, está prevista a 2.ª (e última) competição que conta para o campeonato de fundo (41 klms em contra-relógio, na zona da Malveira; corrida para populares amadores especiais e seniores (120 klms) entre o Campo Grande e Manique.

ANDEBOL

Amanhã, decorrerá a 1.ª jornada do torneio dotado com a taça Paiva e Silva, que engloba (para já) os seguintes paralelos: Liga de Algés-Belenenses, Almada-Amadora, Ferreira Borges-CACO, Bairro Janeiro-Domingos Sávio, Cabanas de Viriato-Estefânia e Paço de Arcos-Atlético. Os três primeiros jogos efectuam-se no pavilhão do CACO, com os restantes previstos para o recinto do Paço de Arcos.

ALENQUER

José Alvoeiro (Palmeiras), José Rocha (Benfica), Carlos Barroso (Belenenses), Madalena Gentil (Sporting), Cristina Ramos (Paço de Arcos) e Orlando Carvalho (Estrela da Amadora) foram, nas várias categorias, os vencedores do Torneio de Ténis de Mesa efectuado em Alenquer. Entretanto, para a 8.ª eliminatória da Taça de Portugal o Palmeiras triunfou sobre o Sporting (3-0), perante menos de duas dezenas de pessoas e após longa espera por um árbitro oficial...

RÂGUEBI

Torneio de râguebi de nove (para juniores e seniores) a 5 de Junho, no Estádio Universitário de Lisboa, das 14 às 20 horas.

RESERVAS EM "DERBY"

Alvalade às moscas: nem golos, nem árbitro

Continua a situação de impasse criada pelos árbitros da comissão lisboeta em relação a jogos de futebol marcados para o Estádio de Alvalade: ontem, para dirigir a partida de reservas entre os «leões» e o Benfica, novamente o trio de juízes indigitado para a função primou pela ausência, deixando os cem espectadores a olharem para o boneco, à espera de um **milagre** que, a muito custo, lá surgiu, graças à «pesca», na plateia, do adepto Cristovão Braga, que se prontificou a desempenhar o papel que talvez fosse seu sonho aqui à um par de anos. Para o coadjuvarem, e evitarem que umas dezenas de pessoas fossem às bilheteiras receber o dinheirinho do seu bilhete e regressassem a penates aos gritos, apareceu o jogador **verde-branco** Inácio e mais um júnior benfiquista (Gonçalves, de seu nome). Ao fim e ao cabo, mal e porcamente, lá se fez o joguinho, que terminou empatado sem golos (0-0) mas teve um caso que não sabemos, agora, como será apreciado: é que, às tantas, Eurico meteu mão à bola, o «árbitro» mostrou-lhe um **cartão amarelo** mas, pelos risos da moldura humana, é fácil imaginar que o gesto arbitral não conta nem um centímetro para qualquer julgamento futuro do douto conselho disciplinar da F.P.F.

Enfim, recordemos quem jogou:

Sporting: Matos; Tomé (que, em vésperas de voltar para Setúbal, foi promovido a «capitão» sportinguista...), Zézinho, Amândio e Vítor Gomes (Vicente); Paulo Rocha, Barão e Valter; Garcês, Libânio e Palhares.

Benfica: Fidalgo (José Henrique); Malta, Eduardo Luís, Eurico e Alberto; Nelinho, Carlos e Salvado (José Luís); Fonseca, José Domingos e Cavungi.

O jogo foi uma sensaboria pegada, decorreu a passo de ganso, não teve qualquer momento de alta vibração, apenas serviu (pessimamente) para cumprir um inexpressivo calendário de provas sem qualquer motivação, engendrado pela A.F.L. mas desprotegido desde o berço.

Para cúmulo (sublime!) o intervalo durou, precisamente, 26 minutos, talvez para os **abnegados** profissionais do palco repousarem das agruras e despiques dos primeiros três quartos de hora. E o resto do tempo decorreu entre umas «sarrafadas» por malta do costume, umas brutas assobiadelas do centro de «enganados» e o trio de arbitragem a falhar sem culpa própria. Foi (não há dúvida) mais um óptimo ensejo de propagandear o futebol...

Uma história com pontos de contacto: segundo «derby», em Alvalade, apenas com três dias de intervalo e, novamente, sem árbitro oficial a dirgir o espectáculo. Apenas com uma pequena diferença: desta feita, faltaram 69900 espectadores, se tivermos em linha de conta os 70 mil que ali estiveram no domingo. Mas, talvez por adivinharem que não havia golos, preferiram ficar de pantufas, a espreitar o digladiar dos donos da política cá da casa. Foi o melhor que fizeram.

N. DE S.

LÁ FORA

PRÉMIOS

Os troféus internacionais «Pierre de Coubertin», atribuídos anualmente pelo «Comité Internacional para ao Fair-Play», foram entregues na sede da UNESCO (em Paris) pelo director geral da organização, M' Bow.

O comité, presidido por Jean Borotra decidiu distinguir este ano o campeão amador americano de «squash», Victor Niederhoffer, pelo seu notável espírito desportivo, e, conjuntamente, o corredor de fundo checo Emil Zatopek e o especialista americano do decátolo Bob Mathias, pela sua carreira desportiva inteiramente subordinada às regras do fair-play.

MUDANÇA

Lyudmila Turischeva perdeu o título de campeã nacional de ginástica, que teve na sua posse nos últimos seis anos. A vencedora da competição foi Nelli Kim, de 19 anos. A popular Olga Korbut ficou em 3.º lugar.

No sector masculino, a vitória foi para Vladimir Markelov, cabendo o 2.º lugar Vladimir Tikhonov e o 3.º ao vencedor no ano passado, Alexander Dityatin.

O "Giro" não gira

O belga Roger de Vlaeminck, «leader» da Volta à Itália em Bicicleta, ganhou a 5.ª etapa disputada entre Reggio Calabria e Cosenza, na distância de 220 km.

O italiano Francesco Moser e o belga Patrick Sercu, vencedores de etapas anteriores, caíram à vista da meta, ficando este último inconsciente durante alguns minutos. O mesmo aconteceu com outro belga, (Joseph Bruyere) que, no entanto se ergueu depois, tal como Sercu, e caminhou pelo seu próprio pé.

Classificação na etapa: 1.º, Roger de Vlaeminck, Bélgica, 5 h. 34 m. 20 s.; 2.º, Bruno Vicino, Itália, 3.º, Eddy Merckx, Bélgica; 4.º, Enrico Paolini, Itália; 5.º, Alfredo Chinetti, Itália; 6.º, Willy de Geest, Bélgica; 7.º, Roland Salm, Suiça; 8.º, Alessio Antonini, Itália; 9.º, Claudio Bortolotto, Itália; 10.º, Joaquim Agostinho, todos com o mesmo tempo.

Classificação geral: 1.º, Roger de Vlaeminck, Bélgica, 27 h. 24 m. 43 s.; 2.º, Moser, Itália; 3.º, Baronchelli, Itália; 4.º Vandi, Itália; 5.º, Chinetti, Itália; 6.º, Bortolotto, Itália; 7.º, Gimondi, Itália; 8.º, Bruyere, Bélgica, todos com o mesmo tempo; 9.º, Salm, Suiça, a 16 s.; 10.º, Lasa. Espanha, m. t.

Também a 16s do «camisola rosa» situam-se Eddy Merckx (11.º) e Joaquim Agostinho, (20.º). Fernando Mendes ocupa a 25.ª posição com 27 h. 25 m. e 32 s.

Geral

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

alienação pura e simples da organização mais qualificada da classe operária? Como se compreende a intenção de barrar o caminho ao **regresso,** sem se agrupar, no Governo, as forças que **realmente** podem impedi-lo?

Aceita-se que Mário Soares não oiça as palavras dos outros. Apenas daqui se sugere que escute e medite bem nas suas próprias palavras.

UMA QUESTÃO DE TOMATES

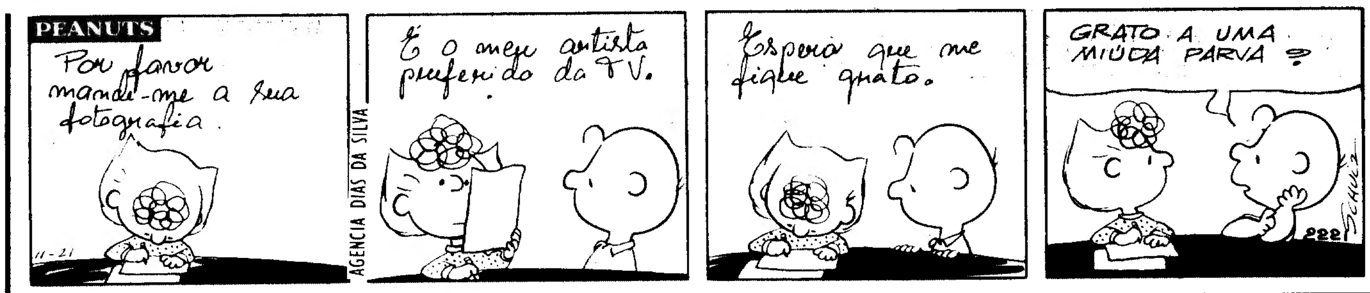
Uma nota final para referir a actuação do moderador da mesa-redonda.

O repórter francês estava visivelmente mal informado, como é natural num país como a França, onde as piores mentiras sobre a nossa democracia tiveram longo curso e larga protecção, com todos os meios de comunicação ao serviço da burguesia, incluindo a Televisão. Quer se tratasse da nacionalização da Banca, quer se falasse da Reforma Agrária ou das dificuldades económicas — o repórter francês (como todo o bom francês que se preze mostrou o conhecimento superficial que disfarça mal a ingorância.

A sua preocupação eram os tomates que, no seu entender, haviam tido enorme quebra, entre nós daí a partir-se para o defeito da Reforma Agrária, era um passo. Felizmente que Álvaro Cunhal esclareceu devidamente a questão.

A respeito dos tomates, quer o repórter, quer **La douce France,** podem ficar tranquilos: os tomates continuam a ser uma das nossas riquezas mais carinhosamente tratadas. Portugal tem tomates bastantes para defender a sua economia, que o mesmo é dizer, a sua liberdade. A Reforma Agrária produziu mais trigo, mais cevada, mais centeio: mais uma razão para ter mais tomates, igualmente. Pode mesmo dizer-se que os portugueses terão mais tomates quanto mais se desenvolver e defender a Reforma Agrária.

Sem Reforma Agrária não haverá democracia neste país; sem tomates, não haverá Reforma Agrária. O repórter francês pode ficar sossegado. Também nesse campo venceremos.



FFE na Feira de Barcelona

MADRID, 26 — Portugal estará presente, oficialmente, na Feira Internacional de Barcelona que se realiza naquela cidade desde 1 a 10 de Junho. No pavilhão português de cerca de duzentos metros quadrados, estão em exposição produtos de 11 empresas exportadoras de materiais de construção, mármores, cerâmica industrial, máquinas para trabalhar mármores, granitos e outras. Haverá também pavilhões de informação do Fundo de Fomento de Exportação, do Centro de Turismo de Portugal em Madrid e da delegação dos T. A. P. em Espanha.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima .... **30,5°**

BRAGA E PEDRAS SALGADAS

Mínima .... **7,5°**

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo nas regiões de Norte e Centro e pouco nublado no Sul; vento geralmente fraco soprando em regime de nortada durante a tarde na Faixa Costeira Ocidental; subida de temperatura em especial no interior.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	21°
COIMBRA	20°
PORTALEGRE	18°
LISBOA	18°
FARO	21°
FUNCHAL	14°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.19	**3,6 m**	7.57	**1,3 m**
14.43	**3.7 m**	20.20	**1,3 m**
Dia 27			
3.00	**3,6 m**	8.33	**1,2 m**
15.22	**3,8 m**	20.57	**1,2 m**
Dia 28			
3.40	**3,7 m**	9.09	**1,1 m**
15.59	**3,8 m**	21.33	**1,1 m**

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.16

OCASO ÀS 20.51

DIA 29 — DIA 5 — DIA 12 — DIA 19

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons.23/4 %	275$	275$	—
Cons.3%	300$	300$	—
Cons. 3 1/2 %	—	350$	—
Centenários	—	800$	—
Tes.5%	810$	810$	—
Tes. 10%	500$	500$	510$
Extern. 1.ª - s.	—	450$	—
Extern. 1.ª - c.	—	450$	—
Extern. 3.ª - s.	—	475$	—
Extern. 3.ª - c.	—	490$	—
Caut. 3.ª - s.	—	—	140$
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	755$	755$	—
C.M.L. 5 3/4 %	830$	825$	830$
C.P. 5 1/2% — 67	—	—	700$
C.P. 5 1/2 % — 68	—	—	690$
C.P. 5 1/2% — 69	—	700$	—
Corr. 5 3/4%	—	810$	—
Metr. 5 3/4 %	800$	800$	810$
Tur. 5 3/4%	—	850$	—
C.P. 6 3/4 %	830$	825$	—
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	—	690$	—
G. 5 % — 59	—	670$	—
G. 5 % — 62	—	—	—
G. 5 % — 63	—	—	—
G. 5 % — 64	—	—	—
G. 5 % — 65	—	—	—
G. 6 % — 67	—	—	—
G. 6 % — 69	—	—	800$
G. 7%	900$	—	900$
H.E.A.A. 5%	—	610$	—
H.E.C. 5 %	—	730$	—
H.E.C. 6 %	750$	750$	760$
H.E.D. 5%	—	620$	—
H.E.D. 6%	750$	740$	750$
H.E.N.P. 5 %	—	740$	—
H.E.S.E. 5%	—	—	—
H.E.S.E. 6%	—	—	740$
H.E.Z. 5 % — 57	—	670$	—
H.E.Zêz. 6%	750$	740$	750$
N. Elec. 5%	—	710$	—
N. Elec. 6%	—	—	650$
Termoel. 5%	—	600$	—
U.E.P. 5 % — 60	—	—	700$
U.E.P. 5 % — 63	—	—	—
U.E.P. 6%	—	—	760$
U.E.P. 7%	—	—	800$
DIVERSAS			
A.P.T. 5% — 56	—	725$	—
A.P.T. 5% — 58	—	—	700$
Lisnave 6%	740$	740$	750$
Nitratos — 60	—	600$	—
Pet 2.ª e 3.ª	—	—	—
Sacor 7%	810$	810$	—
Sacor 5% — 54	—	—	—
Sacor 5% — 60	—	—	850$
Sid. 5% — 2.ª			720$
Sid. 5% — 3.ª			720$
Sid. 5% — 4.ª			720$
Socel 5%			
R. Fabril — 67			800$
R. Fabril — 68			790$
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5%			
Rev. 5 % — 57			
Rev. 5% 59-60			
Moçambique 5%			
Sonefe 5%			
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	—		—
F.I.D.E.S.	—		—

TRIBUNAL MUNICIPAL DE ALMODÔVAR

(SECRETARIA JUDICIAL)

(ANÚNCIO)

O Senhor Carlos Dinis Morgadinho Gago. 1.º Substituto do Juiz Municipal, do Julgado de Almodôvar:

Faz Saber que no dia 8 do próximo mês de Junho, pelas 11 horas, neste Tribunal, nos autos de mandado vindos da comarca de Ourique e extraídos da Execução Sumária que corre pela Secretaria daquele Tribunal, contra o executado CUSTÓDIO AUGUSTO GUERREIRO, solteiro, maior, tractorista, residente no Monte da Romba, freguesia de Santa Cruz, concelho de Almodôver, há-de ser posto em praça para ser arrematado ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo, uma ceifeira debulhadora de marca Braud-504-Tramagal.

Almodôver, 13 de Maio de 1976.

O 1.º Substituto do Juiz Municipal

a) **Carlos Dinis Morgadinho Gago**

O Escrivão de Direito,

a) **Fernando Manuel de Sousa Moleiro**

Está conforme.

Almodôver, 13 de Maio de 1976.

O Escrivão de Direito

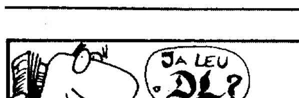
BARES · BOITES

RESTAURANTES TÍPICOS

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859°368197. Rosy Stripteaseuse**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. **261461/164526/264596/264621/264946**



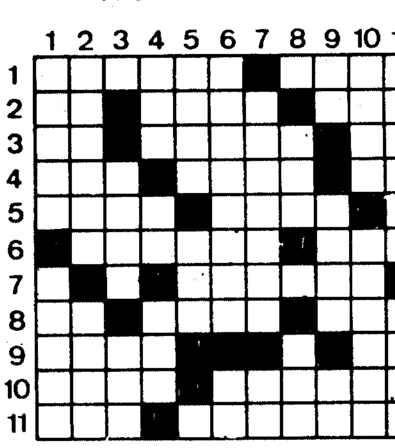
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 379

HORIZONTAIS

1 Tostem. O essencial, o indispensável.
2 Sufixo que designa estado. Superfície plana elimitada. Rente.
3 Doutor (inv.). Espécie de frigideira larga e pouco funda. Manuscrito.
4 Possui. Vazias. Preposição e artigo definido (inv.)
5 Homem de baixa estatura. Bolor.
6 Voz que denota aversão e equivale a fora! Mau cheiro.
7 Cobrira de iodo.
8 Artigo indefinido. Cidade de Portugal. Entre os Filipinos, a divindade.
9 Desmoronava. Nesse lugar.
10 Tempo do verbo ir. Princípio.
11 Apelido. Inguas



VERTICAIS

1 Vesga. Volta.
2 Manda. Que escende de burro e égua, ou de cavalo e burra.
3 Oportunidade. Terceira.
4 Freguesia do concelho de Penafiel. Sufixo que designa estado. Povo antropofago que atingiu o Gabão, ido do Nordeste, pelo meado do século XIX e que chegou até ao Congo.
5 De cobre ou zinco. Ena!
6 Negociante de fazendas. Cálcio (s.q.).
7 Assaltado. Sufixo que designa estado.
8 Guarneça de asas. Patrão.
9 Cidade da antiga Cadeia. Ramo delgado de árvore. Era crista.
10 Demónio. Nome de peixe.
11 Acervo ou porção de ossos (Bras). Escudeiros.

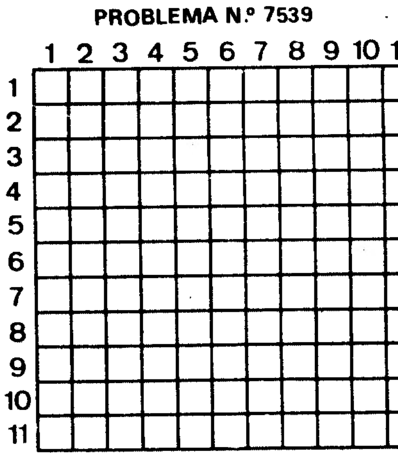
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7539

HORIZONTAIS

1 Freguesia do concelho da Guarda.
2 Junta. Rezava.
3 Caverna dos navios. Prefixo de negação.
4 Medida de capacidade hebraica. Estampa.
5 Agarrar. Soaras.
6 Almirante e astrónomo português que montou o Observatório Astronómico de Lisboa.
7 Apelido. Abana.
8 Atmosfera. Anel. Paixão.
9 Chefe etíope. Planeara.
10 Realcaríamos.
11 Sugarem o leite materno.



VERTICAIS:

1 Miriare. Descascaram.
2 Edificas. Rezava.
3 Colômbios. Consentimento.
4 Bigorna de aço sem hastes. Combate. Vossa Alteza.
5 Pronome pessoal. Fixar.
6 Enfeite com objectos de oiro.
7 Martírio. Anuência.
8 Ave trepadora. Escala (fig).
9 Apelido. Encostam.
10 Activa (fig.). Cacees (Prov).
11 Misturas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 378

HORIZONTAIS:

1 TI. MOÇA. Tia.
2 Rimar. Paios.
3 Irar. Hamadã.
4 Sala. Oraram.
5 TSF. Amara.
6 Ea. Ede. Fé.
7 Tiramos. IX.
8 Batan. Tri.
9 Amor. Irás.
10 Bara. Uiva.
11 Ar. Soer. Sie.

VERTICAIS:

1 TRISTE. Baba.
2 Liras. Tamar.
3 Malfeitor.
4 Mará. Araras.
5 Or. Am.
86 HOMEM. QUE.
7 Aparados. Ir.
8 Amares. IV.
9 Tiara. Trás.
10 Ioda. Fira.
11 Asam. EXISTE.

PROVERBIO: **MOÇA TRISTE, HOMEM QUE EXISTE.**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7538

HORIZONTAIS:

1 Oc. Tua. Tl.
2 Cair. Marear.
3 Aira. Aresta.
4 Mataras. Om.
5 Sanas. Era.
6 Er. Ios. Sumi.
7 Suas. Surres.
8 Mil. Ver. Ne.
9 Animasse. TB.
10 Iates. Orça.
11 Osos. Isaura.

VERTICAIS:

1 Oca. Desmaio.
2 Caim. Ruinas.
3 Irás. Álito.
4 Tratais. Mês.
5 Ano. Vãs.
6 Amarasses.
7 Aras. Ursos.
8 Três. Sr. Era.
9 Lês. Eure. Cu.
10 Atormentar.
11 Tramais.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO H-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
S. Miguel, Praça Francisco de Morais, 1 (tel. 771469); **Roma**, Avenida de Roma, 85-B (tel. 772466); **Ideal**, Avenida Almirante Gago Coutinho, 49-A (tel. 712803).
BAIXA
Centro Framceutico, Rua das Portas de Santo Antão, 88 (tel. 321211).
CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11-A (tel. 682610).
CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (tel. 686176).
ESTEFÂNIA
Mundial, Largo de D. Estefânia, 10 (tel. 45578).
GRAÇA
Monte, Rua Senhora do Monte, 3-A/B (tel. 867842).
LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 362-B (tel. 790332).
MADRAGOA
Lys, Rua da Esperança, 17-19 (tel. 660913).
MARQUÊS DE POMBAL
Ribeiro e Castro, Rua Braancamp, 52-C (tel. 43409).
SANTO AMARO
Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A/B (tel. 637070)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Berne, Avenida de Berna, 44-A (tel. 773568).
SETE RIOS
Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B (tel. 780841)

TURNO H-2

TODA A NOITE

AJUDA
Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (tel. 637318)
ALTO DE S. JOÃO
Zional, Rua Morais Soares, 58-C (tel. 847708).
ALVALADE
Brisália, Avenida Rio de Janeiro, 66 (tel. 722368).
AREEIRO
Central, Avenida Paris, 2 (tel. 720820).
AVENIDAS NOVAS
Cardote, Avenida Visconde Valmor, 28-A/C (à Avenida da República) (tel. 772291).
BAIRRO AMÉRICA
Martins, Rua Fernão de Magalhães, 33 (tel. 849448).
BAIXA
Durão, Rua Garrett, 90 (tel. 324166)
BENFICA
Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-A (tel. 704828)
CAMPO DE OURIQUE
Almeida, Rua Silva Carvalho, 136 (tel. 681726).
CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (tel. 869831).
CHIADO
Durão, Rua Garrett, 90 (tel. 324166).
ESTEFÂNIA
Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (tel. 570593).
PICHELEIRA
Marlux, Calçada da Pichelei-ra, 140, B/C (tel. 720703/728395).
OLIVAIS SUL
Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (tel. 310026).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sousa Martins (ao Matadouro) (tel. 553468).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nigo, Av. C.G.Guerra, 64 (T.2112070)
CAXIAS
Nova, R.Bernardim Ribeiro, 1-A (T.242839). Até às 22 horas
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P.Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T.2430691). Toda a noite
NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T.260085). Até às 22 horas
PAREDE
Aisir, Av. Ga o Co tinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira. Até às 22 horas
ESTORIL
Marques dos Santos, R.Ferreira J.A., 15 (T.260116). Toda a noite
CASCAIS
Nova, E.de Alcide, Fortainhas (T. 281044); Até as 22 horas; **Marginal**, Av. Marginal (T.280214). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R.Elias Garcia, 209 (T.930019); **Flama**, R.Elias Garcia, 78-B (T.932485); **Confiança**, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 15-A (T.938149)
DAMAIA
Damaia, P.Alexandre Gu-mão, 9-A (T.970523)
VENDA NOVA
Nova, R.Elias Garcia, 10 (T.972530)
QUELUZ
Zeller, R.da Re ública, 83 (T.950045)
CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T.2930155)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
ALMADA
Algarve, R.Fernão Lopes, 1 (T.2750271)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fá i a, E.Na ional, 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Modern, R.D.He riq eta Go es d Ar ujo, 12 (T.2073443)
COVA DA PIEDADE
Atlânt, R.Padre Ma uel Bernardes, 1 (T.27644)
MOITA
Silva Rocha, P.da Republica, 16 (T.239029)
MONTIJO
Higiene, R.Jo é Jo q im Marques, 142 (T.2310370)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Lisboa, R.Dr. P lo Bo b (T.22248); **Saúde**, Av. Portela (T.22709)
SEIXAL
Godinho, L.da Ig eja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 27

ATÉ AS 22 HORAS

Martino, Sucr., P.Marquês de Pombal, 122 **Pombeiro**, Campo dos Martires da Pátria, 152 **Prelada**, R.Central de Francos, 316 **Ameal**, R.do Ameal, 1227 **Campo Alegre**, R.do Campo Alegre, 723 **Peninsular**, R.Chã, 100 **S.Lázaro**, Av. Rodrigues de Freitas, 297

TODA A NOITE

Melo Taveira, R.Alcaide Faria, 77 **S.Roque da Lameira**, R.de S.Roque da Lameira, 1111 **Sá da Bandeira**, R.de Sá da Bandeira, 236 **Ferreira da Silva**, R.dos Martires da Liberdade, 150

COIMBRA

Luciano e Matos, Rua da Sofia, 7 (tel. 22147); **Machado**, Rua Bernardo Albuquerque (tel. 23767); **Sitália**, Largo da Sé Velha, 13. (tel. 23234).

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CAPITÓLIO
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»
COLISEU
21.30 (6 anos)
«Jok»
EXPERIMENTAL DE CASCAIS
21.15 (13 anos)
«A Ópera de Três Vintens»
TEATRO ABERTO
Grupo 4
21.15 (13 anos)
«O circulo de giz Caucasiano»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Vota vota camarada Zé»
VILLARET
21.30 (13 anos)
«Godspell»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.15 (18 anos)
«Torso»
CINE-BOLSO
21.00 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
SATÉLITE
21.30 (18 anos)
«Adeus, Irmão Cruel»
EUROPA
21.15 (13 anos)
«Funny Lady»
(Uma mulher endiabrada)
JARDIM
21.00 (18 anos)
«French Connection»
OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«As Fotos Proibidas de Uma Pessoa de Bem»
LUMIAR
21.15 (14 anos)
«Barril de Pólvora»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Semente de Tamarindo»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Minha Mulher é Doida»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«Breve Paixão»
ESTORIL
Palácio
21.15 (13 anos)
«Vagabundos Selvagens»
CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«A Minha Mulher é Doida»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Os4CavaleirosdoKung-Fu»
AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«Toda aNudez Será Castigada»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Duro no Dever... Galante no Amor»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.15 (18 anos)
«Família Até Certo Ponto!»
ANTÓNIO PEDRO
22.00 (13 anos)
«As Artimanhas de Scapino»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Escravos»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Decameron N.º 2»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Miti»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«A Volta ca te Espero»
S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«Funny Lady»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Três Tipos Duros»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Kermesse Erótica»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Toda a Nudez Será Castigada»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Mr. Majestik»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Meu irresistivel Selvagem»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«O Triplo Eco»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«O Último Dever»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Sua Ex.ª gostava de Saias»
TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Aaina»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Amor»
S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«O Heroi do Ano 2000»

cinemas

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A MALÍCIA DE VÉNUS

c/Laura Antonelli

IMPÉRIO

T. 555134 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a M/ 18 anos

«MEIA NOITE DE PRAZER»

Com Monica Vitti, Claudia Cardinale e Giancarlo Giannini

Hoje: Sessão classica às 18 h

ISADORA

Não acons. a menores de 18 anos

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

«PRONTO A DISPARAR»

Urula Andress, nua e provocante numa acção escaldante

VOX

T. 720808 14.15, 16.30, 19 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

«PRONTO A DISPARAR»

Ursula Andress, e explosiva!

ROMA

T.727778 15.30, 18.30, 21.15

Int men. 18 anos
4.ª Semana
CLUBE PRIVADO
c/Philippe Gaste-Eva Stroll

CALEIDOSCÓPIO

T.795093 15.00 e 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

dois filmes, duas concepções do futuro!

«SOLARIS» de Andrei Tarkovski

Sessão às 18.00

«2001 Odisseia no espaço»
de Stanley Kubrick

3.ª Semana

EDEN

T. 320768 15.00, 18.00 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

O primeiro amor entre adolescentes

BOBBY

14.00, 16.30 e 19.00

HISTÓRIA DE FACA E ALGUIDAR

C/Franco Franchi e Ciccio Ingrassia

Um festival de gargalhada

ODEON

T. 326283 Hoje às 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

Estreia de gargalhada com Alfredo Landa

A DOCE VIDA DO DELICADINHO

Era dramático... a «Serpente» da sobra mandava-o assinar letras para comprar «luxos» de casa (Eastmacolor)

APOLO 70

T.763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A ÚLTIMA TESTEMUNHA
c/ Warren Beatty
Um filme de Alan J. Pakula

2.ª Semana

ÀS 24.00 Grupo D (18 anos)

A MANSÃO DO PODER OCULTO

CASINO ESTORIL

T.264621 17.00, 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

BREVE PAIXÃO

S. JORGE

T. 554153/4 15.15 18.15 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos
um filme sensacional de
CHARLES BRONSON e

«MR. MAJESTYK»

RESTELO

T.610375 21.00

Não acons. a menores de 18 anos

O LADRÃO DE PARIS

AVIS

T. 47163 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

UM DETECTIVE SEM IMPORTÂNCIA
Um filme de Jean Larriaga

ESTÚDIO

T. 555134/5 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

«UMA RAPARIGA E SUAS ARMAS»
um filme de Claude Sebouch
c/Pierre Barouh

ESTÚDIO 444

14.30, 16.45, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

MALICIA DE VÉNUS

CARLOS MANUEL — Sintra

T.2930394 Às 21 horas

Não acons. a menores de 13 anos

O PIRATA

MUNDIAL

T.538743 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

«QUANDO O AMOR E SENSUALIDADE»

c/Agostina Belli

UNIVERSAL

T.774402 15.00, 19.00, 21.00

JOSÉ DIOGO E TORRE BELA
(Para todos)
Às 17.00, 23.00
Greve const. civil — Teatro Popular
Ocupação de terras — Beira Baixa

CONDES

T. 322523 14, 16.30, 18.45 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos

CONVÉM FAZER BEM O AMOR

c/ Luigi Provietti-Eleanora Giorgi

BERNA

T.776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Para todos maiores de 6 anos

OS DOIS MISSIONÁRIOS

Um filme de Franco Rossi
Bud Spencer-Terence Hill

14.ª semana

LONDRES

T.801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A RIVAL

Com Bibi Andersen e Jean Piaf

ROXY

T.48560 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

(Int m. 18 a.)

6.ª Semana

O BORDEL DE NAZIS!

C/Helmut Berger e Ingrid Thulin

Colorido

TIVOLI

T.570596 14.45, 18.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O maior espectáculo jamais filmado

A TORRE DO INFERNO

6.ª Semana

Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

ALVALADE

T.897480 15.30

Não acons. a menores de 18 anos

O NINHO DE ESPIÕES EM ISTAMBUL

Um filme de Peter Collinson

PATHÉ

T. 821933 14.45, 18.00, 21.15 e 24h

Não acons. a menores de 18 anos

6.ª Semana

O maior espectáculo jamais filmado!

A TORRE DO INFERNO

Atenção: o filme começa a hóra do espectáculo

NIMAS

T.574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

um filme de Rene Lalorex

7.ª Semana

O PLANETA SELVAGEM
6 Grandes prémios internacionais

rádio

1.º Programa

15.00: Painel da tarde; **18.00**: Música portuguesa; **19.00**: Cultura e actualidade, por Luis Pereira de Sousa; **19.30**: Música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Melodias; **21.00**: 26.º episódio do folhetim «O Muro Branco», de Alves Redol, numa adaptação de Costa Ferreira; **00.00**: Último jornal; **00.30**: Retrospectiva; **01.00**: Saída e encerramento dos Regionais do Porto, Norte 1, Coimbra, Faro, Guarda, Covilhã, Viseu, Ponta Delgada e Horta — música na noite.

2.º Programa

16.20: Selecção da ópera «Elektra», de Richard Strauss; **18.05**: Música de câmara de Beethoven; **17.30**: Obras de Couperin e Bach; **18.05**: Uma suite para orquestra; **18.35**: Pequenas obras de grandes compositores; **19.00**: Música do século XX; **20.00**: Pianistas célebres; **20.30**: Orquestras de câmara; **21.00**: As grandes obras corais sinfónicas; **22.15**: Música de arco; **22.35**: Uma suite para orquestra; **23.00**: Outuno musical na Estíria, 1975; **23.35**: Canções de Brahms; **23.46**: Música de câmara; **00.08**: Música sinfónica; **01.00**: Fecho.

3.º Programa

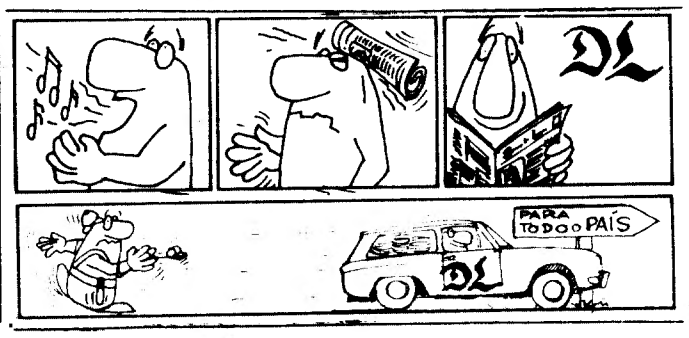
16.00: Emissão nacional — ela por elas — casos ao acaso, de Orlando Dias Agudo (repetição; **16.30**: Vamos ao médico, com o dr. José Matildes (repetição); **18.00**: Em sso o regional — contacto — teatro trágico, dos Parodiantes de Lisboa; **20.15**: Folhetim: «Esteiros» (repetição); **21.00**: Música, só música; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.00**: A música e as vozes.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em Órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

Emissão continua — Onda Média (Lisboa), **233,2** m — **1286** KHz; Modulação de Frequência (Lisboa), **93,2** MHz.



DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.°, 2.°
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320771/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

IMPRENSA DIREITISTA TENTA AFECTAR CONSELHO DA REVOLUÇÃO

. O capitão Sousa e Castro, contactado pela ANOP a propósito de uma notícia hoje inserta no jornal «O Século», na qual aquele membro do Conselho da Revolução era indicado como testemunha de defesa de Mário de Carvalho num processo que corre em Itália sobre o assassinato do general Humberto Delgado, considerou tal notícia «altamente provocatória» e inserida «na campanha que a Imprensa direitista em Portugal vem desenvolvendo no sentido de isolar membros do Conselho da Revolução, levando à sua forçada recomposição».

, «Os ermos da notícia — acrescentou — fazendo crer que eu testemunharia a favor de um presumível implicado na morte de Humberto De'gado são altamente provocatórios.

Quanto à extinção da P. I. D. E. / D. G. S., Castro afirmou que «para a direita, em Portugal, não está em causa extinguir a polícia secreta fascista, à sombra da qual viveu durante 48 anos, mas sim caluniar um dos capitães da Revolução de Abril».

CUBA CONTRA EUA

Continuação da pág. 1

anunciar a sua intenção de retirar as tropas estacionadas em Angola».

Acontece, neste meio tempo, que o primeiro-ministro angolano, Lopo do Nascimento, em visita oficial à União Soviética, terminou ontem as suas conversações com os dirigentes do Kremlin.

O dirigente angolano, que visita Moscovo desde a independência de Angola, em Novembro do ano passado (dia 11), discutiu questões bilaterais e internacionais durante os dois dias de conversações.

A U. R. S. S. esteve representada pelo primeiro-ministro Alexei Kossiguine, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromiko, e pelo ministro da Defesa, Dmitri Ustinov.

As duas delegações prestaram grande atenção à consolidação da paz e da segurança, ao desenvolvimento do desanuviamento, à luta do povo africano contra os vestígios do colonialismo e ao aceleramento do progresso social nos Estados africanos.

No jantar oferecido ontem à noite no Kremlin ao primeiro-ministro angolano, Kossiguine afirmou que a União Soviética continuaria a fazer tudo o que pudesse para fortalecer as relações com Angola.

«O apoio soviético ao M. P. L. A., que assegurou a independência de Angola, não é incompatível com o desanuviamento» — acentuou Alexei Kossiguine.

A União Soviética e Angola assinaram hoje um tratado de amizade e cooperação.

Além deste acordo, que engloba uma declaração sobre os princípios básicos das relações de cooperação entre a ju.R.S.S. e Angola, foram assinados outros documentos ainda não divulgados.

No final das conversações Angola-U.R.S.S. foi slaientado uue ambas as partes prestaram grande atenção ao desanuviamento e à luta dos povos africanos contra o racismo.

■ **Esta manhã, à entrada para o Conselho de Ministros, o major Melo Antunes afirmou que não houve evolução no caso das relações entre Portugal e Angola, acrescentando, no entanto, que existem contactos oficiosos.**

Disse Melo Antunes:

«O Governo Português continua absolutamente aberto ao diálogo e absolutamente acessível a uma plataforma que permita superar as dificuldades actualmente existentes.»

E acrescentou:

«Não se pode dar conta de todos os esforços em curso porque isso poderia comprometer as diligências já efectuadas.»

AGÊNCIA ABREU

VIAGENS E TURISMO

COMUNICADO

Informamos os nossos excelentíssimos clientes de que o nosso novo número de telefone, em Lisboa, a partir de 31 de Maio de 1976

SERÁ: 371341 (15 linhas)

MUITO OBRIGADO

KAULZA NÃO É CANDIDATO

Jejum de cinco anos quebrado entre "bons amigos"

Um longo jejum de cinco anos e quatro meses foi ontem quebrado pelo general na reserva Kaúlza de Arriaga.

«Desde Fevereiro de 1971 foi-me vedado o privilégio de me dirigir, através dos meios de Comunicação Social, ao povo português», começou por dizer o ex-comandante-chefe das F.A. em Moçambique. Privilegiado de novo, aproveitou a oportunidade. Ao longo de três horas, entre «bons amigos» que aplaudiam, delirantes, ou vigiavam, atentos, dissertou sobre as «desgraças» do 25 de Abril, os «horrores» da descolonização, o «descalabro» económico-financeiro e sociolaboral, concluindo por anunciar que se não candidatava à Presidência da República.

Justificação oficial: não dividir o voto dos que querem continuar a opôr-se às «forças totalitárias». Rumor de bastidores: não teria logrado recolher as sete mil e quinhentas assinaturas indispensáveis (embora anunciasse que já dispunha de, pelo menos, onze mil).

Podia ter sido divertido o minicomício promovido ontem à tarde, no Hotel Altis, por Kaúlza, sob a capa de uma conferência de Imprensa; podia ter sido mesmo hilariante aquela reunião social de «bons amigos», cavalheiros, damas e meninas, à mistura com alguns jornalistas, todos muito apertados numa pequena sala do Altis. Mas não foi nada disso porque sobre todo o «affaire» pairou a sinistra presença de ex-«pides» e ex-legionários, atarefados na segurança, todos «bons amigos», circulando, como em 24 de Abril, entre copos de uisque de retornados de Angola e de Moçambique, roçando emblemas do C.D.S., pautando as afirmações reaccionárias do general na reserva desferidas naquele tom doutoral com que, no final dos anos sessenta, disfarçava a sua derrota em Moçambique e, antes, dissertara, no Curso de Altos Comandos, sobre as teses nazis da superioridade da raça branca, os benefícios da escravatura e a necessidade de limitação do crescimento negro.

Na mesa, acompanhavam o reservista Kaúlza, o general SilvinoSilvério Marques, ex-governador-geral de Angola, o dr. Valdez dos Santos, director da revista «Economia e Finanças», e o coronel Marques Repas. Na assistência, bebendo as palavras do antigo sub-secretário e secretário de Estado da Aeronáutica na ditadura de Salazar, no meio de familiares e retornados,

Kaulza de Arriaga em «conferência de Imprensa»: regresso ao 24 de Abril?

viam-se entre outros, os generais Jaime Silvério Marques e Delgado e Silva, o brigadeiro Osório Mourão, os coroneis Eduardo Bessa, Rodrigo da Silveira e Pedro Bardo, o tenente-coronel Xavier de Brito, os majores Mariz Fernandes e João Garoupa, o capitão Maltez Soares, além de outros «ex-combatentes» menos identificáveis.

Quanto ao discurso de Kaúlza, pomposamente intitulado «A Conjuntora Nacional e a Minha Posição Perante o Momento Político Português», vertido para bem impressa separata avidamente disputada pela assistência, versaria sete pontos, a saber: «A Descolonização e suas Consequências», «A Situação económico-Financeira e a Situação-Laboral», «A Organização do Poder», «As F.A. e a sua Intervenção na Política», «As Liberdades Vigentes», «O Desastre Nacional e o Futuro Português», «A Situação Política Partidária e a Eleição Presidencial». Numa segunda fase da sua intervenção, «surgiria» ainda um outro documento, «Pontos Programáticos de um Novo Presidente da República», vivamente recomendados aos que, hoje ou no futuro, espirantes à chefia do Estado, visem o retorno a um passado curto de dois anos.

Face a tão cuidados documentos, novamente as más línguas murmurariam que, quem tão afincadamente os elaborou, não pensava, de certo, desistir da candidatura...

Quanto ao teor das afirmações feitas, dispensamo-nos de o reproduzir, remetendo tal «tarefa» para certa Imprensa que prolifera pelo País e que, certamente, lhe consagrará honras de primeira página. Para se averiguar do seu interesse e da natureza do seu conteúdo, basta uma comparação entre frases como esta: «A descolonização, tal como interpretada, foi e é um erro, tanto das autoridades portuguesas como dos movimentos emancipalistas e a decisão que a impôs revestiu-se de carácter eminentemente abusivo. Eram, brancos, negros e mestiços, os pioneiros de uma multirracialidade e de uma paridade e harmonia étnicas únicas no Mundo, constituindo sistema espectacularmente avançado no processo histórico da Humanidade»; e outras, produzidas em 1966/67: «Se em Angola e Moçambique houvesse 20 ou 30 milhões de negros, o problema para nós seria extremamente grave. Ainda bem que essas populações são tão reduzidas. Eu não sei se isto resultou da exportação que se fez para o Brasil; se foi isso, ainda bem que se fez essa exportação»; «Outro problema muito importante, é o problema da demografia primeiro crescimento, branco, depois limitação do crescimento negro»; «Portanto, a multirracialidade tem de ser autêntica e mantém-se autêntica mesmo quando à sombra dela nós porventura precisamos de travar ligeiramente a promoção dos negros. Depois, temos de convencer esta gente que estamos a promovê-los num ritmo adequado».

Claro que com dirigentes destes ante-25 de Abril, a descolonização posterior não poderia deixar de ter «um balanço altamente negativo».

E.R.

Galvão Figueiredo chefe interino do E.M.E.

. O general Galvão de Figueiredo, vice-chefe do Estado-Maior do Exército, deverá assumir interinamente, a partir do dia 28, o cargo de chefe do Estado-Maior do Exército, em substituição do general Ramalho Eanes. O general Ramalho Eanes, como candidato à Presidência da República, deixará a chefia, conforme prevê a lei, durante a campanha eleitoral.

Torre de Babel

PROFISSIONALISMO

Eram 17 e 53, de terça-feira (25). Radiodifusão Portuguesa no palavroso «Painel». Subitamente, o disco que girava na «consolete» começou a rodar a 500 hora e naquilo esteve .ium larguíssimo par de minutos, totalmente fora das suas rotações normais. Mas, a explicação veio na boca da locutora-dona-de-casa:

. — *Fui atender um telefonema e, então, a Amália saiu com voz diferente. Não havia mais ninguém na cabina...*

Seguiu-se o «Malhão». Até à hora em que redigimos esta notinha ainda ninguém malhou na palradora-telefonista.

CORRIDA PARA BELÉM

Continuação da pág. 1

o anúncio público da sua candidatura terá lugar amanhã, durante uma conferência de Imprensa a realizar na Casa da Imprensa.

Da parte de Ramalho Eanes, encerrou às doze horas de hoje a recolha de assinaturas e de fundos. O general, acompanhado pelo mandatário dr. Fernando Abranches Ferrão e por membros da Comissão Nacional de Apoio e da Comissão Jurídica, desloca-se esta tarde às 16.30, ao Supremo Tribunal, onde apresentará o processo da sua candidatura. Entretanto, o seu manifesto eleitoral, poderá ser divulgado amanhã, no decurso de uma conferência de Imprensa. Esta tarde, na sequência dos apoios ontem recebidos da parte da J. S. D. e do M. R. P. P., o general Eanes receberá uma delegação de milhares de centristas sociais-democratas.

. No que respeita à candidatura de Octávio Pato, ao Comité Central do Partido Comunista Português continuam a chegar muitas manifestações de entusiástica concordância com a decisão da direcção do Partido, assinala uma nota da S.I.P.

«No essencial, diz aquela nota, todas as mensagens recebidas concordam com a análise objectiva da situação política portuguesa que determinou tal decisão, manifestando inteira identificação com os objectivos da acção política do P.C.P.».

De entre as muitas mensagens recebidas, a S.I.P. assinala as seguintes:

. Comité metalúrgicos Porto reunido 22 de Maio saúda justa decisão Comité Central nosso Partido escolha candidatura comunista contribuição positiva política de esquerda.

Sa damos fraternalmente candidatura camarada Octávio Pato garantia firme de que a política do P.C.P. continuará dirigida para defesa liberdades e outras conquistas alcançadas desde 25 de Abril. Comissão de Freguesia de Cebolais de Cima do P.C.P.

Comité intelectual do Porto saúda decisão candidatura camarada Octávio Pato eleições Presidênciais da República e declaração que a fundamenta reflexo justeza orientação nosso Partido.